

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

NEWTON COLOMBO DE DEUS VIEIRA

ALÉM DE GUSTAVO BARROSO: O ANTISSEMITISMO NA  
AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA (1932-1937)

PORTO ALEGRE, RS – BRASIL  
AGOSTO DE 2012

NEWTON COLOMBO DE DEUS VIEIRA

ALÉM DE GUSTAVO BARROSO: O ANTISSEMITISMO NA  
AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA (1932-1937)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, área de História das Sociedades Ibéricas e Americanas, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e último para obtenção do título de Mestre em História.

ORIENTADOR: Prof. Dr. René Ernaini Gertz

PORTO ALEGRE, RS – BRASIL  
AGOSTO DE 2012

Este trabalho é dedicado aos meus pais, Ubaldino (*in memoriam*) e Helena, pois, se cheguei até aqui, foi pela força e dedicação que ambos empreenderam para auxiliar a minha caminhada.

## AGRADECIMENTOS

Acredito que contei com o apoio de uma grande quantidade de pessoas para a realização deste trabalho, entre parentes, amigos, conhecidos e professores. De uma maneira geral, agradeço a todos, mas gostaria de salientar alguns nomes.

Ao meu pai, Ubaldino (*in memoriam*), a quem tenho como exemplo, pela dedicação, pelo carinho, pela luta e pelos ensinamentos. Sei que continua a meu lado. À minha mãe, Helena, pela dedicação, pelo afeto e pela compreensão. À minha avó, Cenira, pela atenção e disposição em me ajudar. À minha irmã Aline e ao meu cunhado Felipe, pelo grande incentivo. Aos meus padrinhos Plínio e Maria, pelos conselhos e pela compreensão de minha ausência, nesses dois últimos anos. Aos meus demais familiares, primos, tios e avós, pelo carinho e pelas palavras de incentivo.

Aos amigos que tive a honra de conhecer há mais de dez anos, quando entrei no Colégio Tiradentes, pela grande amizade e pelo apoio durante esses anos, especialmente: Henrique Dorneles, João Corrêa, Nikolas Mathias e Yuri Grigol.

Aos amigos que fiz durante o curso de História, pela grande amizade que continua, sobretudo: Daniel Micol, João Maurício, Mario Ludwig, Rodrigo Woloski, Régis Marques, Thiago Pontes e Valdair Júnior.

Ao amigo Rodrigo Oliveira, não apenas pela amizade, mas também pelo inestimável auxílio e pelos conselhos durante os meus primeiros passos acadêmicos e durante a realização do presente trabalho.

Aos amigos que fiz durante o mestrado, pela amizade e pela produtiva troca de ideias ao longo desses dois anos: Marcos Moraes, Mariana Ramos e Jeremyas Silva.

Às funcionárias do DELFOS (onde se localizam os acervos em que pesquisei), Fernanda Santana e Rosângela Ramos, pelo grande auxílio e pela disposição em me ajudar.

Aos professores do curso de História e do pós-graduação, pelo auxílio em minha formação, em especial: Cláudia Fay, Hélder Silveira, Janete Abrão e Luciano Abreu.

Aos funcionários do pós-graduação, Carla Pereira e Adílson Mueller, pela disposição em sempre solucionar os problemas e as dúvidas dos alunos.

Ao meu orientador René Gertz pela confiança em meu trabalho, além da amizade, disponibilidade, atenção e paciência ao longo de dois anos de trabalho. Os

possíveis equívocos desta dissertação não devem ser creditados ao orientador e sim ao autor.

## RESUMO

Este trabalho busca fazer um estudo do antissemitismo no interior da Ação Integralista Brasileira, movimento político surgido no Brasil dos anos 1930, influenciado pelo fascismo europeu e com considerável adesão de militantes. O movimento integralista era liderado por Plínio Salgado, tendo abaixo de si, na cadeia de comando, Gustavo Barroso e Miguel Reale. Gustavo Barroso se destacou por encabeçar uma corrente antissemita radical, por vezes, entrando em conflito com as outras lideranças do movimento. A corrente de Barroso teve uma relevante aceitação por alguns militantes integralistas, que publicaram obras de extenso conteúdo antissemita. Nos jornais editados pelo movimento, esse antissemitismo acaba ficando em segundo plano, no entanto, não desaparece totalmente.

Palavras-chave: Ação Integralista Brasileira. Integralismo. Antissemitismo. Gustavo Barroso. Imprensa.

## **ABSTRACT**

This research seeks to study the anti-Semitism within the Ação Integralista Brasileira, a political movement emerged in Brazil in the 1930s, influenced by European fascism and with considerable accession of militants. The Integralist movement was led by Plínio Salgado, and below it, the chain of command, Gustavo Barroso and Miguel Reale. Gustavo Barroso stood out for leading a radical anti-Semitic current, sometimes conflicting with other movement leaders. The current Barroso had a significant acceptance by some militant fundamentalists, who have published works of extensive anti-Semitic content. In the papers published by the movement, this anti-Semitism ends up in the background, however, does not disappear completely.

**Keywords:** Ação Integralista Brasileira, Integralismo. Anti-Semitism. Gustavo Barroso. Press.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I - AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA E ANTISSEMITISMO: REFERÊNCIAS PARA O ESTUDO .....</b>	<b>18</b>
1.1. AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA .....	18
1.1.1. Histórico da Ação Integralista Brasileira .....	18
1.1.2. Revisão bibliográfica da AIB .....	22
1.1.2.1. Estudos clássicos.....	23
1.1.2.2. Estudos regionais .....	27
1.1.2.3. Estudos diversos.....	29
1.1.2.4. Estudos sobre o antissemitismo integralista.....	31
1.2. ANTISSEMITISMO .....	35
1.2.1. Uma revisão clássica do antissemitismo moderno: Hannah Arendt .....	35
1.2.2. Os pilares do antissemitismo moderno.....	36
1.2.3. O antissemitismo no Brasil (1930-1945) .....	47
1.2.3.1. Rio Grande do Sul e Porto Alegre .....	54
<b>CAPÍTULO II – O ANTISSEMITISMO INTEGRALISTA: GUSTAVO BARROSO E SEUS SEGUIDORES.....</b>	<b>58</b>
2.1. A IDEOLOGIA INTEGRALISTA .....	58
2.1.1. Ligeira revisão da ideologia integralista .....	58
2.1.2. O combate integralista aos judeus.....	61
2.2. O LÍDER ANTISSEMITA: GUSTAVO BARROSO.....	63
2.2.1. Trajetória de Barroso.....	63
2.2.2. Produção teórica de Barroso .....	66
2.3. OS SEGUIDORES DE GUSTAVO BARROSO.....	86
2.3.1. Oswaldo Gouvêa .....	86
2.3.2. Anor Buter Maciel .....	92
2.3.3. João Passos Cabral .....	97
2.3.4. Affonso de Carvalho .....	101
<b>CAPÍTULO III – O ANTISSEMITISMO NA IMPRENSA INTEGRALISTA .....</b>	<b>105</b>
3.1. HISTÓRIA E AÇÃO DOS JORNAIS INTEGRALISTAS .....	105
3.1.1. O papel da imprensa integralista .....	105
3.1.2. O precursor, o orientador e o disseminador: <i>A Razão, Monitor Integralista e A Offensiva.</i> .....	107
3.1.2.1. <i>A Razão</i> .....	107
3.1.2.2. <i>Monitor Integralista</i> .....	109
3.1.2.3. <i>A Offensiva</i> .....	110
3.2. O ANTISSEMITISMO NOS IMPRESSOS INTEGRALISTAS.....	111
3.2.1. O antissemitismo no principal jornal integralista: <i>A Offensiva</i> .....	113
3.2.2. O antissemitismo pelas páginas de um periódico regional: <i>O Integralista</i> .....	128



3.2.3. A exceção da regra: <i>Século XX</i> .....	137
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>140</b>
<b>FONTES</b> .....	<b>143</b>
A) BIBLIOGRAFIA.....	143
B) BIBLIOGRAFIA INTEGRALISTA .....	148
C) JORNAIS.....	149
<b>ACERVOS PESQUISADOS</b> .....	<b>149</b>

# **Introdução**

## INTRODUÇÃO

### I

Nesta primeira parte da introdução, destacarei o caminho percorrido até o momento de início da produção do presente trabalho. Assim como fazem alguns pesquisadores, utilizarei a primeira pessoa do singular para tais explicações, voltando a primeira pessoa do plural em seguida.

O primeiro contato que tive com algum material sobre a Ação Integralista Brasileira (AIB) foi durante o Ensino Médio, em um livro recomendado pelo professor de História, especificamente sobre a História do Brasil. Lembro-me de haver, no livro, um pequeno trecho a respeito do movimento integralista, denominando os militantes do movimento como “macaquinhos de imitação da papagaiada nazista”, além da antiga alcunha “galinhas-verdes”. Utilizando esses termos, o trecho trazia um breve resumo a respeito das idéias pregadas pelo movimento. Em uma passagem, o autor explicava quais eram os inimigos do integralismo, destacando o capitalismo financeiro internacional, que, para os integralistas, como o ideólogo Gustavo Barroso, seria controlado pelos judeus. Logo, na conclusão do livro, o integralismo propagaria o mesmo antissemitismo dos nazistas. Como se pode notar, foi feita uma generalização a partir de um ponto de vista ideológico sobre o movimento, me levando a crer ser a Ação Integralista Brasileira uma espécie de “filial” do partido nazista no Brasil. Não me foi pedido um trabalho ou texto acerca do assunto, motivo pelo qual não procurei outras fontes para inteirar-me, ficando com a impressão inicial, de o movimento ser a representação nazista em território brasileiro.

Ao entrar na faculdade, comecei a ler livros acadêmicos sobre a História do Brasil, e pude perceber que a questão era mais complexa, o movimento integralista não era explicado como mera cópia do partido nazista. Contudo, eu tive somente um maior esclarecimento, em termos gerais, não me aprofundando no assunto. Na metade do primeiro semestre, tive a oportunidade de ler a dissertação de mestrado de Rodrigo Santos de Oliveira, a qual tinha como tema o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira. Pela leitura da dissertação de Rodrigo, notei o quanto necessitava estudar

para entender o processo de formação do integralismo, começando a me interessar mais sobre o tema.

Entrei em contato com o Rodrigo para falar sobre a sua dissertação, e ele me disse que ainda havia alguns pontos a serem explorados sobre a ideologia e a doutrina do movimento integralista. Começamos a discutir mais acerca do assunto, chegando à conclusão de que um tópico pouco estudado era o antissemitismo disseminado pelos integralistas, além da figura de Gustavo Barroso, segundo na cadeia de comando da AIB e principal difusor do antissemitismo. Com a definição do tema, parti para a pesquisa. Durante esse processo inicial, contei com grande auxílio de Rodrigo, pois ele me indicou dois locais de suma importância para a minha pesquisa: o Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular (CD-AIB/PRP) e o Acervo Benno Mentz. No CD-AIB/PRP, pude examinar diversas obras escritas pelos membros do integralismo, além dos principais dirigentes. No Acervo Benno Mentz, entrei em contato com alguns jornais publicados pelo movimento, durante a sua existência: *O Integralista*, *A Lucta e Revolução*.

Com o acesso ao material, meu primeiro objetivo foi mapear o antissemitismo em alguns jornais da Ação Integralista Brasileira, impressos em Porto Alegre. Após, faria uma relação entre a incidência do antissemitismo disseminado nas obras de autores integralistas, como Gustavo Barroso, e o antissemitismo apresentado pelos periódicos. Apresentei o resultado dessas pesquisas em salões de Iniciação Científica, mais uma vez com a ajuda de Rodrigo, que se prontificou a ser o orientador. Também apresentei trabalhos sobre o integralismo em algumas cadeiras na faculdade. Durante os meus estudos, ao analisar os trabalhos em torno da AIB, verifiquei que o comunismo e o liberalismo figuravam como principais inimigos a serem combatido pelos integralistas. Os judeus seriam tratados como um inimigo de menor expressão. Deve-se levar em conta que, na maioria das vezes, os militantes do movimento referiam-se ao capitalismo internacional ou ao comunismo, os quais teriam judeus como “líderes”, não falando apenas nos judeus.

No entanto, ao ler o livro de Hélió Trindade<sup>1</sup> – um dos primeiros publicados no Brasil sobre a AIB e até hoje importante referência para o estudo do tema –, me deparei com uma assertiva do autor explicando que o antissemitismo, apesar de não ser consenso entre os mais importantes dirigentes, tinha considerável aceitação pelos

---

<sup>1</sup> No primeiro capítulo, o trabalho de Hélió Trindade será analisado mais detalhadamente.

militantes de base do movimento, se tornando parte do universo ideológico. Anteriormente, o autor havia explicado que Gustavo Barroso, líder da corrente antissemita radical do movimento integralista, exercia considerável influência no interior do movimento. A partir dessas afirmações, formulei as questões que me levaram a realizar a presente pesquisa.

Pelo mapeamento feito nos trabalhos para a Iniciação Científica, confirmei que o antissemitismo, de maneira geral, era realmente pouco difundido em termos de matérias essencialmente antissemitas, publicadas nos periódicos, mesmo a incidência tendo sido significativa nas obras de alguns autores integralistas, sobretudo Gustavo Barroso. Isso se daria pelo objetivo de doutrinação da imprensa, “padronizando” o conteúdo dos periódicos e não apresentando as dissensões internas em torno de algum ponto ideológico. Entretanto, me faltava uma leitura mais minuciosa dos jornais, para comprovar a pouca difusão do antissemitismo. Por outro lado, necessitava averiguar a influência de Gustavo Barroso em outros militantes da AIB que também publicaram livros antissemitas.

Procurei o professor René Gertz para conversar a respeito de minhas hipóteses, e ele me confirmou que seria viável realizar uma dissertação acerca do assunto, se dispendo a ser meu orientador. O resultado do trabalho pode ser conferido nas próximas páginas.

## II

A proposta do presente trabalho é fazer uma análise do antissemitismo propagado pela Ação Integralista Brasileira durante o período de sua existência oficial. Enfocaremos a influência do antissemitismo disseminado por Gustavo Barroso em outros militantes do movimento integralista: Affonso de Carvalho, Anor Butler Maciel, João Passos Cabral e Oswaldo Gouvêa. Todos publicaram obras de cunho antissemita. Depois, daremos atenção aos jornais, verificando a incidência do antissemitismo na imprensa integralista. Entendemos, desse modo, poder evidenciar o antissemitismo como parte significativa do campo ideológico da AIB.

### III

A Ação Integralista Brasileira já foi amplamente abordada em diversos trabalhos acadêmicos, desde 1937, como veremos adiante. Os estudos iniciais pretendiam dar conta de uma visão geral a respeito do movimento, enquanto os mais recentes enfocam aspectos mais restritos. Mesmo existindo uma extensa abordagem sobre a AIB, encontramos poucas pesquisas sobre o antissemitismo propagado dentro do integralismo, centrando-se principalmente na “linha de frente” da corrente antissemita radical, Gustavo Barroso, um dos líderes da AIB. E ainda, o antissemitismo, por não ser consenso entre os dirigentes do movimento, inclusive causando atritos entre o líder maior, Plínio Salgado, e Gustavo Barroso, acabava sendo tratado como aspecto menos importante, analisado de maneira breve. A nosso entender, existia então um hiato quando o assunto era abordado, não se cristalizando uma visão maior acerca do antissemitismo do movimento integralista. Partindo dessa situação, formulamos as questões para a realização do presente trabalho.

Utilizamos para a execução desta pesquisa fontes impressas produzidas pelo movimento integralista: jornais e livros. A leitura das fontes seguiu dois vieses: quantitativo e qualitativo. Consideramos quantitativo o levantamento das fontes para a posterior análise e o levantamento das matérias e referências antissemitas encontradas nos jornais. O levantamento das matérias e referências nos jornais objetivava quantificar sua incidência nas páginas desses periódicos. A escolha dos jornais para o levantamento quantitativo se deu pela importância e pelo modelo de jornal (nacional ou regional). Como qualitativo, consideramos a seleção de matérias e referências antissemitas dos jornais, assim como a análise do conteúdo dos livros que selecionamos.

O levantamento das fontes foi feito no material dos dois acervos citados anteriormente: o CD-AIB/PRP, que preserva uma extensa quantidade de obras de autores integralistas, originais dos anos 1930, como Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso, além de revistas e jornais. O outro foi o Acervo Benno Mentz, que preserva uma grande quantidade de títulos de jornais que pertenceram ao líder integralista regional Dario de Bittencourt. Atualmente, ambos os acervos encontram-se localizados no sétimo andar da Biblioteca Central Irmão José Otão, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), que abrange o catálogo

“DELFO” (Espaço de Documentação e Memória Cultural). A partir das informações obtidas nas fontes, dividimos o trabalho em três capítulos.

O primeiro capítulo é, basicamente, um grande referencial teórico. Na primeira parte, apresentamos um rápido histórico do movimento integralista, desde a sua gênese, em 1932, através do Manifesto de Outubro, até a extinção, em 1937, com as novas diretrizes do Estado Novo. Após, realizamos um resgate daquilo que consideramos serem alguns dos principais estudos sobre a Ação Integralista, apontando aqueles que foram de grande importância para as referências do presente trabalho. Em seguida, damos atenção ao antissemitismo, salientando haver uma diferenciação entre um antissemitismo tradicional (inspirado em antigos preconceitos medievais) e um antissemitismo moderno (inspirado em condições políticas), tendo o estudo de Hannah Arendt como embasamento. Em seguida, expomos as principais obras antissemitas publicadas a partir do início do século XX, onde alguns autores integralistas foram buscar fundamento. Dentre essas obras, destacamos *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, livro apócrifo disseminado entre o final do século XIX e início do século XX, tornando-se a “bíblia” do antissemitismo moderno. Por fim, analisamos as obras a respeito do antissemitismo no Brasil, sobretudo durante as décadas de 1930 e 1940, dando especial enfoque aos livros de Maria Luiza Tucci Carneiro e Jeffrey Lesser.

No segundo capítulo, faremos um exame acerca do antissemitismo integralista, buscando compreender a influência de Gustavo Barroso em autores de menor expressão do movimento. Realizamos uma breve apreciação da doutrina integralista e do combate que ela propunha contra o judaísmo, tendo por base o pioneiro trabalho de Héglio Trindade. Depois, trataremos das obras de Gustavo Barroso, apontando aquelas de conteúdo antissemita e produzidas enquanto a AIB existia legalmente. Posteriormente, examinaremos os livros dos autores menores, mas seguidores da linha de Barroso: Affonso de Carvalho, Anor Butler Maciel, João Passos Cabral e Oswaldo Gouvêa. Buscaremos apontar a inspiração desses autores na obra de Barroso.

O terceiro capítulo é dedicado à imprensa. Procuramos destacar, primeiramente, o papel da imprensa, o histórico e os principais jornais publicados pelo movimento integralista, com base nos estudos de Rodrigo Santos de Oliveira e Renata Duarte Simões. Após, apresentamos o levantamento tanto das matérias antissemitas quanto das referências antissemitas. Por matérias, consideramos aquelas que trazem conteúdo total ou quase totalmente antissemita. Por referências, consideramos palavras

ou frases antissemitas inseridas em matérias que versem sobre outro assunto, como comunismo, democracia liberal, ideologia integralista, manifestações, partidos, etc. Os jornais utilizados para este levantamento foram: *A Offensiva*, *O Integralista* e *Século XX*. Escolhemos o primeiro por ser um dos principais periódicos da AIB, de circulação nacional e com frequência semanal, responsável por levar ao militante a doutrina do movimento. O segundo, por ser de circulação regional e editado em Porto Alegre, sob a direção de Anor Butler Maciel, um dos autores analisados no segundo capítulo. O último, por ter se destacado como um jornal de exceção dentro do integralismo, com forte conteúdo antissemita.



## **CAPÍTULO I**

**Ação Integralista Brasileira e  
antissemitismo: referências para o  
estudo**

## CAPÍTULO I – AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA E ANTISSEMITISMO: REFERÊNCIAS PARA O ESTUDO

### 1.1. Ação Integralista Brasileira

#### 1.1.1. Histórico da Ação Integralista Brasileira

A Ação Integralista Brasileira foi fundada, oficialmente, em 7 de outubro de 1932, através do Manifesto de Outubro redigido por Plínio Salgado. Tinha como lema “Deus, Pátria e Família”, pregava uma política baseada na intervenção de um Estado com plenos poderes, além de uma ferrenha oposição à pluralidade partidária. A liderança da AIB estava sob a figura do “chefe nacional”, representada por Plínio Salgado. De acordo com Héglio Trindade, “a fundação do movimento integralista não é um fato isolado, mas resulta da cristalização das idéias radicais de direita no Brasil nos anos 30 e da convergência dos movimentos precursores que Salgado buscará integrar”.<sup>2</sup>

Os movimentos de direita anteriores à fundação da AIB são: Ação Social Brasileira (Partido Nacional Fascista); Legião Cearense do Trabalho; Partido Nacional Sindicalista; Ação Imperial Monarquista. Trindade aponta:

Nascidos à margem das forças revolucionárias no poder, eles são dirigidos por líderes civis ou militares, em geral hostis à Revolução de 1930, mas conscientes das novas perspectivas à ação política abertas pelo movimento revolucionário com a derrubada da velha república.<sup>3</sup>

Além das ideias das agremiações de direita anteriores, a AIB tem sua base ideológica formada na Sociedade de Estudos Políticos (SEP) e no jornal *A Razão*. “O jornal é o instrumento de difusão das idéias de Salgado e a SEP, o centro de reflexão ideológica de onde vai nascer o manifesto integralista de 1932 e a Ação Integralista Brasileira”.<sup>4</sup> Nas palavras de Salgado, fica explícito o papel instrumental do jornal, o qual chamaria a atenção dos intelectuais que estavam de acordo com as críticas feitas à Constituição de 1891:

---

<sup>2</sup> TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1974, p. 106.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 111.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 124.

Em 1931, surgiu em São Paulo um jornal que se tornou, dentro em breve, o instrumento aglutinador de brasileiros orientados por um pensamento cristão e nacionalista (...). Dentro em pouco estava registrada num fichário, apreciável corrente de homens ligados por algumas ideias fundamentais.<sup>5</sup>

A primeira reunião para a formação da SEP foi realizada em São Paulo, na sede do jornal *A Razão*, em 24 de fevereiro de 1932. Nesta reunião, além de Salgado, participaram outros intelectuais como Candido Motta Filho, Ataliba Nogueira, Mario Graciotti, João Leães Sobrinho, Fernando Calage e estudantes da Faculdade de Direito. A assembléia de fundação da SEP ocorreu em 12 de março de 1932, sob a presidência de Salgado. Em seu discurso, ele orienta o papel da associação:

Senhores, por toda a parte ouço a palavra revolução; de todos os lados nos chegam os ecos de ingentes reclamos que, em meio à confusão dominante no país desde outubro de 1930, apelam para o “espírito revolucionário”. Na verdade, tudo indica que o Brasil quer renovar-se, quer tomar posse de si mesmo, quer marchar resolutamente na História.<sup>6</sup>

As reuniões de discussão da SEP são feitas periodicamente, na Sala de Armas do Clube Português de São Paulo. Por sob um fundo ideológico antiliberal e nacionalista, definem-se clivagens políticas e doutrinárias entre os membros da sociedade.<sup>7</sup> Duas tendências principais acabam sobressaindo no interior da SEP: a de Plínio (majoritária), entusiasta da juventude italiana; e a dos monarquistas “patronovistas” (apoiados na realeza e no catolicismo)<sup>8</sup>. Após ter articulado a SEP, Salgado inicia contatos com os intelectuais e movimentos dispersos da extrema-direita. Segundo Gilberto Calil, da SEP provieram alguns líderes como:

Madeira de Freitas (Chefe Provincial da AIB na Guanabara), Raymundo Padilha (Chefe Provincial do Rio) e Hélio Vianna, tendo aderido posteriormente Gustavo Barroso, que ocupou a Chefia do Departamento de Milícia da AIB e Miguel Reale, que assumiu a

<sup>5</sup> SALGADO, citado por TRINDADE, op. cit., p. 15-16.

<sup>6</sup> Ibid., p. 144.

<sup>7</sup> TRINDADE, op. cit., p. 126-127.

<sup>8</sup> Segundo explica Trindade, a ausência de uma definição clara da SEP sobre estes dois elementos fundamentais da concepção monárquica tradicional afastará os “patronovistas” da SEP e, mais tarde, da AIB.

Chefia do Departamento de Doutrina. Olbiano de Melo ficou com a Chefia Provincial em Minas Gerais.<sup>9</sup>

Na ocasião da terceira sessão da SEP, realizada em maio de 1932, Salgado, apoiado pela tendência majoritária, propõe a criação de uma nova comissão técnica denominada Ação Integralista Brasileira, tendo por objetivo transmitir ao povo, em uma linguagem coloquial, os resultados dos estudos e as bases doutrinárias da SEP. O processo final da concepção do integralismo seria a redação de um manifesto para divulgar publicamente a AIB. Feitas algumas reuniões na SEP para apreciação do manifesto elaborado por Salgado, ele acaba por ser aprovado em junho. Contudo, a Revolução Constitucionalista em São Paulo força Salgado a adiar a publicação do manifesto para um período menos conturbado. O documento será divulgado em 7 de outubro de 1932, marcando o lançamento oficial da Ação Integralista Brasileira como movimento político independente. “Estas são as circunstâncias da fundação do movimento integralista, do qual Plínio Salgado torna-se o principal líder: a AIB, a partir de outubro de 1932, transforma-se no principal partido da extrema-direita fascisante dos anos 30 em busca de poder político”.<sup>10</sup>

Após um período de estruturação inicial, o movimento consolidou sua estrutura diretiva em fevereiro de 1934, com a realização do Congresso de Vitória. O Congresso de Vitória estabeleceu as diretrizes integralistas, criou a milícia partidária e definiu posição sobre a religião. Foram elaborados, naquele congresso, também os estatutos da AIB e um plano de ação, criados os departamentos de Doutrina, de Propaganda, de Milícia, de Cultura Artística, de Finanças e de Organização Política. Foi definido ainda, o estatuto do Chefe Nacional.<sup>11</sup> A partir da realização do Congresso de Vitória, houve um período de intensa arregimentação de militantes. No segundo Congresso Integralista, realizado em março de 1935 na cidade de Petrópolis, foram definidas algumas modificações com relação aos estatutos. O artigo 3º explicitava os objetivos da AIB enquanto partido político, dividido em dez subitens:

O “culto de Deus, Pátria e Família”; a “unidade nacional”; o “princípio da ordem e da autoridade”; “o prestígio do Brasil no

---

<sup>9</sup> CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 28-29.

<sup>10</sup> TRINDADE, op. cit., p. 133.

<sup>11</sup> CALIL, op. cit., p. 29.

exterior”, a “justiça social garantindo aos trabalhadores a remuneração correspondente a todas as necessidades e a contribuição que cada qual deve dar à Economia Nacional”; “a paz entre as famílias brasileiras e entre as forças vivas da Nação, mediante o sistema orgânico e cristão das corporações”; a “Economia que garante a intangibilidade da propriedade até o limite imposto pelo bem comum; a iniciativa particular orientada no sentido da maior eficiência da produção nacional (...)”; a “liberdade da pessoa humana dentro da ordem e da harmonia social”; “a grandeza e o prestígio das forças armadas”; e, finalmente, a “união de todos os brasileiros”.<sup>12</sup>

A partir de setembro de 1937, a AIB obteve registro como partido político junto ao Superior Tribunal de Justiça Eleitoral. Através de um plebiscito interno, Plínio Salgado foi escolhido como candidato do partido à presidência da República nas eleições que deveriam ocorrer. Todavia, as eleições foram canceladas devido ao golpe de Estado proferido por Getúlio Vargas. Posteriormente ao golpe, Vargas, em dezembro de 1937, suprimiu todos os partidos políticos, inclusive a Ação Integralista Brasileira. Em função da dissolução dos partidos políticos, ainda em dezembro de 1937, a AIB, adaptando-se aos novos tempos, transformou-se em sociedade civil (como a antiga SEP) com a denominação de Associação Brasileira de Cultura (ABC).<sup>13</sup> A presidência da ABC coube a Plínio Salgado, enquanto os demais cargos foram ocupados por elementos da cúpula integralista. A campanha doutrinária do integralismo continuou, mesmo que de forma velada, por meio da estrutura da ABC.

Essa campanha continuou até maio do ano seguinte, quando a AIB parece ter mudado de tática, substituindo a tática educativa pela violenta. Abandonou-se a *revolução do espírito* e adotou-se a revolução violenta para a tomada do poder.<sup>14</sup>

O atentado a Vargas no Palácio Guanabara, orquestrado por um pequeno grupo de integralistas, em maio de 1938, pode caracterizar a nova tática. Vargas desmantelou facilmente a Intentona Integralista e, em seguida, desencadeou forte campanha contra o integralismo, com prisão e exílio de seus líderes. Plínio Salgado foi preso e, no ano

---

<sup>12</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 17.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 18.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 19.

seguinte, exilado para Portugal, regressando ao país em 1946, com o fim do Estado Novo.<sup>15</sup>

### 1.1.2 Revisão bibliográfica da AIB

São variados os estudos a respeito do movimento integralista desde a sua proscricção, em 1937, sob as diretrizes do Estado Novo. Principalmente a partir da década de 1990, as pesquisas sobre a AIB tomam os mais diversos caminhos, tendo por objeto de análise diferentes enfoques. Não temos por objetivo fazer uma revisão bibliográfica exaustiva sobre a historiografia da Ação Integralista Brasileira. Em vista de diversas concepções a respeito da historiografia tocante ao assunto, também não realizaremos uma extensa discussão a respeito das obras. Para uma apreciação mais aprofundada, indicamos a dissertação de mestrado de Rodrigo Santos de Oliveira, *Perante o tribunal da História: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)*<sup>16</sup>, onde o autor aponta, no capítulo 1, uma ampla bibliografia, dividindo as obras em fases e relacionando umas com as outras. Em nosso exame, separamos a bibliografia examinada em quatro itens<sup>17</sup>: estudos clássicos; estudos regionais; estudos diversificados e estudos sobre o antissemitismo integralista. Apontaremos, dentro de nossa perspectiva, alguns dos trabalhos de grande contribuição e importância para a escrita da presente pesquisa.

---

<sup>15</sup> Ibid., p. 20.

<sup>16</sup> OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Perante o tribunal da História: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)*. Porto Alegre: PUCRS, 2004. (dissertação de mestrado em História).

<sup>17</sup> Assim como Rodrigo Oliveira afirma em sua dissertação, a respeito da divisão por fases, entendemos que nossa divisão também é arbitrária, pois é feita a partir de similitudes presentes nos trabalhos. Também não se caracteriza uma divisão fechada, porque alguns estudos poderiam se encaixar em um ou mais itens.

### 1.1.2.1. Estudos clássicos<sup>18</sup>

O primeiro estudo sobre a AIB escrito no Brasil foi *Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30*<sup>19</sup>, de Héglio Trindade, sendo até hoje um dos mais importantes referenciais para os pesquisadores do tema. Trindade divide sua obra em três partes, buscando compreender toda a formação do movimento integralista, desde os primeiros passos políticos de Plínio Salgado até a consolidação do movimento na década de 30. A primeira parte, com o subtítulo “Emergência do Chefe”, é dedicada ao período de amadurecimento político e intelectual de Plínio Salgado. Para tanto, Trindade analisa a sociedade brasileira dos anos 20 e a influência do contexto em Salgado:

Não se pode compreender sua evolução, desde sua adesão ao sistema tradicional republicano até sua ação ideológica integralista, sem inseri-lo na história do após-guerra. Sobre o período, nossa hipótese é que a revolução literária e artística modernista terá sobre Salgado uma influência mais importante do que a contestação política ligada às insurreições “tenentistas”, cujo ciclo termina com a vitória dos revolucionários de 1930.<sup>20</sup>

A segunda parte, “Gênese da Ideologia”, trata do envolvimento de Salgado com as idéias do fascismo europeu e a ruptura com a Velha República. O autor esclarece as relações entre a evolução política brasileira e o contexto internacional. Para Trindade, mesmo que não se possa explicar o integralismo sem a ascensão do fascismo na Europa, a evolução histórica nacional, a partir da Revolução de 30, proporcionou condições internas favoráveis ao nascimento da AIB.<sup>21</sup> Por fim, a terceira parte, “Natureza do Movimento”, destina-se a definir a natureza da AIB, testando, de forma sistemática, a hipótese geral sobre o conteúdo fascista do integralismo, resultante da

---

<sup>18</sup> Apesar de se tornarem clássicos, os trabalhos citados nesse item não são os pioneiros no assunto. As primeiras análises acadêmicas são de Carlos Henrique Hunsche e Arnoldo Nicolau de Flue Gut. Os autores defenderam, na Alemanha, suas teses de doutoramento em relação ao movimento integralista, respectivamente em 1937 e 1938. São elas: HUNSCHE, Carlos Henrique. *O Integralismo brasileiro: história e caráter do movimento fascista no Brasil*, (Faculdade de Filosofia da Universidade Wilhelm, em Berlim). Porto Alegre, CD-AIB/PRP, 1996. Tradução de Leandro Silva Teles; GUT, Nicolau de Flue. *Plínio Salgado, o criador do integralismo na literatura brasileira*, (Ludwig-Maximilian Universität de Munique). Speyer a. Rh., Pilger-Druckerei GmbH, 1940.

<sup>19</sup> TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: DIFEL, 1974.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 11-12.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 12.

conjugação entre um modelo de referência externo fascista e condições históricas nacionais favoráveis.<sup>22</sup>

Outra obra de referência é o estudo de Gilberto Vasconcellos, *Ideologia Curupira – análise do discurso integralista*<sup>23</sup>, escrita posteriormente à de Trindade, na década de 1970. Tendo como referencial teórico a *teoria da dependência*, o alvo do trabalho é a busca pela especificidade do integralismo enquanto discurso fascista que se insere numa sociedade capitalista periférica.<sup>24</sup> Para Vasconcellos, apesar do mimetismo do discurso integralista em relação ao dos fascismos europeus, pode-se destacar um traço distinto,

a saber: a fantasmagoria de uma utopia autonomística em relação às nações capitalistas hegemônicas. Fantasmagoria, não só porque é irrealizável o desejo de converter o país numa região apartada do processo civilizatório ocidental, mas também porque são elípidos nessa utopia, os fundamentos concretos da dependência: relações determinadas de subordinação entre sociedades no contexto do sistema capitalista global. O agente dessa utopia seria o Estado Integral; o objetivo, proteger o Brasil da luta de classes, que é vista como “intrusão” forasteira.<sup>25</sup>

Dessa forma, o autor procura mostrar que o contexto de dependência, no qual se moviam os camisas-verdes, acabou por afetar (independentemente de sua consciência) a apropriação dos fascismos europeus. Acerca do título do trabalho, Vasconcellos justifica o uso do termo “ideologia curupira”, pois curupira foi o emblema do verdeamarelismo utilizado por Plínio Salgado, Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo.

Mito tupi-guarani, curupira é um duende de pés voltados pra trás (e calcanhar para diante), índio e deus protetor das florestas, que vive longe das praias. (...). Curupira se lhes afigurava, tal como o índio para o romantismo do século passado, um símbolo autóctone, que lembrava o período anterior à vinda do colonizador. (...). A isso acrescenta sua forte aderência telúrica, que, na versão verdeamarela e, mais tarde, na integralista serviria de resistência nacionalista à ingerência do europeu, e um elemento a mais para recrudescer a

---

<sup>22</sup> Ibidem.

<sup>23</sup> VASCONCELOS, Gilberto. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

<sup>24</sup> Ibid., p. 17.

<sup>25</sup> Ibidem.



polaridade sertão/litoral, interior/cidade,  
nacionalismo/cosmopolitismo etc.<sup>26</sup>

Marilena Chauí, em seu ensaio *Apontamentos para uma Crítica da Ação Integralista Brasileira*<sup>27</sup>, aponta e critica, principalmente, a questão da historiografia referente ao período 1920-1938 no Brasil. A autora, que se utiliza desta historiografia para abordar o integralismo, faz menção ao mesmo “arcabouço conceitual” usado pelas diversas interpretações sobre o período. Este arcabouço, explica Chauí, seria dotado de algumas características. Apesar da extensão, vale a pena citar uma passagem:

1) ausência de uma burguesia nacional plenamente constituída tal que alguma fração da classe dominante pudesse oferecer-se como portadora de um projeto universalizante que legitimasse sua hegemonia sociopolítica. Não que tais frações de classe tivessem deixado de ter seus próprios interesses e de os reconhecer como seus através de práticas específicas, mas sim que nenhuma delas tinha condições para opor-se como universal ou como classe dirigente; 2) ausência de uma classe operária madura, autônoma e organizada, preparada para propor e opor um projeto político que desbaratasse o das classes dominantes fragmentadas. Não que a classe estivesse passiva, mas sim que suas formas de luta eram inoperantes para pô-la explicitamente na cena política na qualidade de um ator principal; 3) presença de uma classe média urbana de difícil definição histórico-sociológica, mas caracterizada por uma ideologia e por uma prática heterônomas e ambíguas, oscilando tanto entre uma posição de classe atrelada às frações da classe dominante (como é o caso dos ideólogos autoritários tais como Alberto Torres ou Oliveira Vianna, dos Tenentes ou do Integralismo), quanto radicalizando-se à maneira pequeno-burguesa, atrelando-se à classe operária para emperrá-la e frear sua prática revolucionária (como é o caso do PC e da ANL); 4) as duas primeiras ausências, no que tange às classes fundamentais, e o radicalismo inoperante, no que respeita à classe média urbana, engendram um vazio de poder que será preenchido pelo Estado, com apoio de certos setores das Forças Armadas. O Estado surge, pois, como único sujeito político e como único agente histórico real, antecipando-se às classes sociais para constituí-las como classes do sistema capitalista (explicitando, portanto, a contradição capital-trabalho). O Estado cumpre essa tarefa transformando as classes sociais regionalizadas em classes nacionais, exigindo que todas as questões econômicas, sociais e políticas sejam encaradas como questões da nação. Nascido do vazio político, o Estado é o sujeito histórico do Brasil; 5) no tocante à classe operária, mesmo quando admitida como ameaça à dominação burguesa, a ação da III Internacional e do prestismo, de um lado, a importação do anarquismo

---

<sup>26</sup> Ibid., p. 20.

<sup>27</sup> CHAUÍ, Marilena e FRANCO, Maria Sylvania Carvalho, *Ideologia e Mobilização Popular*. Paz e Terra, Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, 1978.

e do anarco-sindicalismo, de outro lado, conjugados com a origem imigrante e camponesa dos proletários, desviam a classe de sua tarefa histórica e culminam no populismo. Do lado de cima, o *vazio*, e do lado de baixo, o *desvio*, explicam-se na medida em que o capitalismo no Brasil é atrasado, tardio ou desigual e combinado face ao capitalismo internacional, de sorte que a consequência não se faz esperar. O Estado, fonte de modernização, terá que promover o desenvolvimento capitalista, telos da história mundial; 6) no que concerne à formação das ideologias, o quadro anterior revela que nenhuma das classes pode produzir uma ideologia propriamente dita, isto é, um sistema de representações e de normas particular e dotado de aparente universalidade capaz de impô-lo à sociedade como um todo, de sorte que tanto o liberalismo, quanto o autoritarismo nacionalista, como os projetos revolucionários são incapazes de exprimir, seja na forma do falso, seja na forma do verdadeiro, a realidade brasileira. Assim sendo, torna-se inevitável que o ideário liberal, o ideário autoritário e o ideário revolucionário sejam importados e adaptados às condições locais, resultando que, no Brasil, as ideias estejam fora do lugar.<sup>28</sup>

O resultado desse arcabouço, conforme a autora, gera dois pontos problemáticos. O primeiro, é o pressuposto implícito de que o Estado é obrigado a assumir a forma e os compromissos que assume em função da necessidade que tem o capitalismo de se desenvolver, o que faz, entretanto, com atraso ou tardiamente. O segundo, é o de que o Estado assume o papel de sujeito histórico, porque a luta de classes não chega a exprimir-se de maneira suficientemente nítida no interior da sociedade civil.<sup>29</sup> Para Chauí, esses pontos problemáticos formam um quadro preocupante, pois, guardadas todas as diferenças e ressalvas para os intérpretes que têm em mente uma crítica da política brasileira à luz da luta de classes, no plano descritivo e interpretativo, a visão do Estado e da sociedade presente nos textos tende a assemelhar-se àquela que se encontra no discurso integralista.

A diferença (e que é essencial, digamo-lo com ênfase), entre este último e os intérpretes do período consiste no seguinte aspecto: enquanto para os Integralistas o autoritarismo *deve ser* a solução para os problemas do “Brasil real”, para os intérpretes liberais e marxistas o autoritarismo *teve que ser* a solução encontrada pela classe dominante, impossibilitada de exercer por conta própria a hegemonia.<sup>30</sup>

---

<sup>28</sup> Ibid., p. 19-21.

<sup>29</sup> Ibid., p. 22.

<sup>30</sup> Ibidem.

No tocante ao discurso integralista, Chauí procura analisar as práticas discursivas tendo em vista o seu destinatário, concluindo ser a classe média urbana a destinatária de tal discurso. Classe convocada não somente para cerrar fileiras na qualidade de militante, mas para constituir-se como vanguarda política.<sup>31</sup> De acordo com a autora, para analisar a natureza do movimento integralista, torna-se de menos importância saber se houve importação dos fascismos europeus, pois o que interessa compreender é que, importando ou não ideias que não poderiam espelhar a situação brasileira, as formulações integralistas exprimiram, na forma da construção pura, a verdade do nacionalismo como política autoritária, mesmo quando os militantes aderiram à AIB, pelo medo do comunismo ou pelo antiliberalismo.<sup>32</sup>

### 1.1.2.2. Estudos regionais

Destacaremos a seguir, alguns estudos dentro da perspectiva de análise das peculiaridades do movimento integralista, em cada estado ou município. Primeiramente, a dissertação de mestrado de René Gertz<sup>33</sup>, sendo a primeira pesquisa em torno de aspectos regionais com relação à atuação e presença do integralismo. O estudo não pretendeu dar conta de uma abordagem geral do integralismo no Rio Grande do Sul, mas sim, trazer uma contribuição para a explicação do fenômeno da relativamente boa penetração do integralismo nas regiões de colonização alemã no estado.<sup>34</sup> Dividindo a dissertação em três capítulos, o autor procura dar ênfase a algumas questões como: a controvérsia<sup>35</sup> a respeito do tema; a posição do movimento germanista<sup>36</sup>, que procurava preservar a essência alemã dos alemães e teuto-brasileiros no Brasil e do nazismo frente ao integralismo; a posição de um jornal integralista local, editado em alemão, diante do

---

<sup>31</sup> Ibid., p. 53.

<sup>32</sup> Ibid., p. 116-117.

<sup>33</sup> GERTZ, René. *Os Teuto-Brasileiros e o Integralismo no Rio Grande do Sul. Contribuição para a interpretação de um fenômeno político controverso*. Porto Alegre: UFRGS, 1977 (dissertação de mestrado em Ciência Política).

<sup>34</sup> Ibid., p. 7.

<sup>35</sup> Controvérsia, pois segundo Gertz, não era fácil entender as diferenças que existem entre os diversos grupos de ativistas nas áreas coloniais alemãs. Tanto no nazismo quanto no integralismo militavam alemães e teuto-brasileiros. Ainda deve-se levar em conta a existência do movimento germanista, que não se confunde com integralismo ou nazismo.

<sup>36</sup> De acordo com Gertz, o germanismo (*Deutschtum*), “tinha por objetivo garantir a peculiaridade étnico-cultural de todos os alemães e seus descendentes no Brasil, tentando segregá-los deliberadamente da população etnicamente diferente que aqui habitava”. Ibid., p. 16.

germanismo e nazismo. Em sua tese de doutoramento<sup>37</sup>, Gertz expande a abrangência de seu estudo, analisando o estado de Santa Catarina. Surgem agora para o autor novos temas a serem abordados como por exemplo a participação dos teutos na política imperial e na política republicana. Gertz irá abordar também as intenções do nazismo no Brasil e a relação entre integralismo e os teutos no Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Já o autor Josênio Parente<sup>38</sup> aborda o integralismo no Ceará, estado de suma importância política para a AIB.

Apesar de ser um estado fora do “centro” de difusão ideológica da AIB (São Paulo e Rio de Janeiro), foi responsável pela maior vitória eleitoral do movimento: com apoio da Liga Eleitoral Católica (LEC) elegeu um deputado federal em 1933 (Jeovah Motta) e dois estaduais em 1934 (Ubirajara Índio do Ceará e Carlito Benevides).<sup>39</sup>

Como aponta Parente, o integralismo no Ceará foi um caso único entre os estados brasileiros, pois surge de um movimento operário: a Legião Cearense do Trabalho.<sup>40</sup> Segundo a análise de Oliveira, os trabalhos anteriores ao de Parente, baseados em dados gerais, apontavam para um distanciamento entre o operariado e a AIB, além de um afastamento dos círculos de poder. A partir do estudo de Parente, esses dados precisam ser relativizados, tendo em vista que, no caso específico do Ceará, a regra geral não pode ser aplicada, pois o integralismo neste estado teve grande repercussão junto aos operários e, ao mesmo tempo, teve participação direta no círculo central do poder.<sup>41</sup> Utilizando-se de história oral, documentos (atas, discursos, estatutos, etc.) e jornais do período, Parente defende a tese de que a presença atuante da Igreja Católica, como organizadora da sociedade civil, foi fundamental para o sucesso do integralismo a nível local.

Assim como afirma em sua dissertação de mestrado, Carla Brandalise<sup>42</sup> também pretendeu contribuir para a ampliação dos estudos regionais sobre a AIB, centrando dois níveis claros para a realização do trabalho: o primeiro, insere o Integralismo na problemática do fascismo extra europeu, concepção que tem interessado

<sup>37</sup> Publicação da tese em português: *O fascismo no sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

<sup>38</sup> PARENTE, Josênio C. *Anauê. Os camisas verdes no poder*. Fortaleza: EUFC, 1986.

<sup>39</sup> OLIVEIRA, op. cit., p. 36.

<sup>40</sup> PARENTE, op. cit., p. 18.

<sup>41</sup> OLIVEIRA, op. cit., p. 36-37.

<sup>42</sup> BRANDALISE, Carla. *O fascismo na periferia latino-americana: paradoxo da implantação do integralismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1992 (dissertação de mestrado em Ciência Política).

de forma crescente os especialistas. O segundo, analisa a implementação do movimento no Rio Grande do Sul e sua interação com o sistema partidário pré-existente.<sup>43</sup> Portanto, a autora busca discutir, na primeira parte do trabalho, o conceito de fascismo, procurando definir a natureza do integralismo dentro da literatura nacional e internacional. Na segunda parte, Brandalise examina as condições de implantação da AIB num contexto histórico regional específico: marcado pela existência de um regime político autoritário, com um sistema partidário estruturado, numa região com um grau diversificado de desenvolvimento econômico e social e sub-regiões com acentuada heterogeneidade étnico-cultural.<sup>44</sup>

Trazendo o tema para um âmbito mais restrito, Daniel Milke<sup>45</sup> verifica como se deu o desenvolvimento da AIB em Porto Alegre. O autor buscou compreender as dificuldades e as necessidades integralistas durante o período de organização dos núcleos na cidade, bem como a interação destes com diversos setores da sociedade. Milke também traz à tona questões como a participação do integralismo na vida política porto-alegrense, através de eleições, discussões via imprensa e posturas político ideológicas.

### 1.1.2.3. Estudos diversos

Nessa parte, apontaremos as pesquisas que buscaram analisar diferentes enfoques sobre a AIB como: a participação da mulher, os símbolos utilizados, a imprensa integralista como arma doutrinária, o movimento organizado após a Segunda Guerra. Gilberto Calil<sup>46</sup> expõe o processo de rearticulação do integralismo em 1945, tendo como consequência a constituição do Partido de Representação Popular (PRP). A escolha do tema pelo autor resulta da percepção da importância do estudo dos movimentos ou partidos políticos considerados de “direita”, como o integralismo.<sup>47</sup> Além disso, Calil entende ser necessário analisar a trajetória do PRP, pois permite uma reflexão mais abrangente sobre algumas das práticas políticas do sistema que se fundou

---

<sup>43</sup> Ibid., p. 2.

<sup>44</sup> Ibid., p. 3.

<sup>45</sup> MILKE, Daniel Roberto. *O integralismo na capital gaúcha: espaço político, receptividade e repressão (1934-1938)*. Porto Alegre: PUCRS, 2003 (dissertação de mestrado em História).

<sup>46</sup> CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

<sup>47</sup> Ibid., p. 16.

com a chamada redemocratização de 1945 e sobre a lógica autoritária e excludente que permeia o pensamento político brasileiro, propondo-se que o PRP, assim como a AIB nos anos 30, não era exótico ao sistema político, mas extremava posições autoritárias presentes também em outros movimentos e lideranças políticas.<sup>48</sup> Entrementes os objetivos de uma elucidação política em torno do período pós segunda guerra e do próprio PRP, o autor enfatiza a importância do estudo tendo em vista a ausência absoluta de qualquer sistematização de informações sobre a rearticulação integralista, a formação do PRP, a sua trajetória e sua intervenção no processo político brasileiro.<sup>49</sup>

Rosa Cavaleri<sup>50</sup> busca elucidar alguns dos mecanismos por meio dos quais a AIB logrou se estruturar, identificando as estratégias de organização, divulgação da doutrina, conformação de identidade do militante, e de unificação e homogeneização do movimento.

Para doutrinar seus quadros, arregimentar novos adeptos e, conseqüentemente, conseguir a unificação e a consolidação almejadas, a AIB utilizou-se de uma rede constituída pela palavra impressa, através do livro e do jornal, pela palavra falada, através das *sessões doutrinárias* e do rádio e pela ritualização da simbologia, através dos ritos e dos símbolos integralistas.<sup>51</sup>

Em seus objetivos específicos da pesquisa, a autora analisa a presença e a arregimentação feminina dentro da AIB, os jornais e as obras produzidos e disseminados pelo movimento, a palavra doutrinária transmitida via rádio e os símbolos e rituais<sup>52</sup> utilizados pelos integralistas.

Renata Duarte Simões<sup>53</sup> almeja investigar a “educação do corpo” voltada para homens e mulheres membros das fileiras integralistas. A autora explica que o objeto da pesquisa é a “educação de corpo integralista” elaborada e difundida, nas páginas do jornal *A Offensiva*, pela Ação Integralista Brasileira.

---

<sup>48</sup> Ibidem.

<sup>49</sup> Ressaltamos que Gilberto Calil publica seu estudo em 2001. Porém, não temos como afirmar que foram feitas pesquisas em torno do assunto desde então.

<sup>50</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSP, 1999.

<sup>51</sup> Ibid., p. 33.

<sup>52</sup> De acordo com Cavaleri, os símbolos e rituais foram parte de uma estratégia de extrema importância para a arregimentação e consolidação do movimento integralista.

<sup>53</sup> SIMÕES, Renata Duarte. *A Educação do Corpo no Jornal A Offensiva (1932 – 1938)*. São Paulo, USP: 2009 (tese de doutorado em Educação).

Referida anteriormente, a dissertação de mestrado de Rodrigo Oliveira<sup>54</sup> apresenta uma concepção a respeito do anticomunismo disseminado pelo movimento integralista. O autor traça um panorama histórico do comunismo e anticomunismo no Brasil até o golpe do Estado Novo. Também dedica-se a discutir os inimigos da AIB considerados “inferiores” em uma escala de periculosidade com relação ao comunismo e ao liberalismo: judaísmo, capitalismo, maçonaria e positivismo. Por fim, Oliveira trata especificamente do anticomunismo difundido pela AIB, analisando a imprensa, livros e revistas produzidos no movimento, dando maior ênfase aos jornais que, de acordo com o autor, eram o principal mecanismo de difusão doutrinário e o que tinha maior abrangência. Em sua tese de doutorado<sup>55</sup>, Oliveira aprofunda a pesquisa sobre a imprensa integralista, tendo por objetivo geral fazer um resgate histórico da imprensa desenvolvida pelo movimento ao longo do seu período de existência legal (1932-1937). Como explica o autor, a AIB foi o primeiro movimento/partido que utilizou a imprensa de forma sistemática e radical, pois até então as organizações políticas mantinham jornais muito mais informativos do que doutrinários.<sup>56</sup>

Por fim, Murilo Antonio Paschoaleto<sup>57</sup>, objetivando realizar uma análise de como os próprios integralistas, por meio das páginas do jornal *A Offensiva*, viam e apresentavam a natureza ideológica do movimento ao qual pertenciam. Ao mesmo tempo, o autor busca evidenciar as relações estabelecidas entre os integralistas e os movimentos fascistas existentes nas mais variadas partes do mundo naquele contexto.

#### **1.1.2.4. Estudos sobre o antissemitismo integralista**

Preparando o material para esta pesquisa, deparamo-nos com apenas dois estudos já conhecidos a respeito do antissemitismo disseminado pela AIB, mais precisamente pelo líder integralista Gustavo Barroso, escritos por Marcos Chor Maio e Roney Cytrynowicz, ambos publicados em 1992. Entretanto, com a contribuição do GEINT (Grupo de Estudos do Integralismo), um interessante intercâmbio entre os

<sup>54</sup> OLIVEIRA, op. cit.

<sup>55</sup> OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)*. Porto Alegre, PUCRS: 2009 (tese de doutorado em História).

<sup>56</sup> Ibid., p. 14.

<sup>57</sup> PASCHOALETO, Murilo Antonio. *O Integralismo e o Mundo: uma análise das percepções internacionais do integralismo a partir do jornal A Offensiva (1934-1938)*. Maringá, UEM: 2012 (dissertação de mestrado em História).

pesquisadores que estudam o integralismo, organizados em uma lista de discussão na *internet*, tivemos a oportunidade de realizar a leitura de duas dissertações de mestrado e uma tese de doutorado que traziam uma maior discussão a respeito do assunto.

Objetivando compreender o pensamento antissemita de Gustavo Barroso, Marcos Chor Maio<sup>58</sup> realiza uma análise da vida individual, social e política do líder integralista. O autor aponta Hannah Arendt como inspiração teórica<sup>59</sup>, já que, para redigir sua obra, Maio opta pela tentativa de tornar inteligível o conjunto dos trabalhos antissemitas de Barroso, ao invés de enveredar pelo campo denunciativo (Maio chama de “versão lacrimogênea da história judaica”).<sup>60</sup> O autor, primeiramente, procura localizar o antissemitismo barrosiano no interior do debate sobre o tema, através de duas linhas de interpretação do antijudaísmo: “modelo de continuidade” e “modelo de ruptura”.<sup>61</sup> Depois, Maio reconstitui os caminhos percorridos por Barroso e a sua obra doutrinária, centrando-se no livro *O Quarto Império*, para o autor a obra mais importante do integralista na fase da AIB, visto que nela Barroso apresenta, dentro de sua concepção, os principais períodos componentes da história da humanidade, revelando as forças que teriam definido os caminhos trilhados pelos homens. Maio ainda estabelece uma comparação entre o modelo nazista e o modelo barrosiano em seus entendimentos sobre a história do homem. No final de seu estudo, o autor busca demonstrar a importância de estudar o antissemitismo a partir do debate inaugurado na antiga Alemanha ocidental sobre a revisão da singularidade do genocídio nazista, tentando investigar também, em termos gerais, os movimentos de extrema direita da Europa no final do século XX.

---

<sup>58</sup> MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

<sup>59</sup> O autor cita uma passagem do trabalho de Arendt, para a qual o antissemitismo deve ser analisado sem “paixão”, com o fito de salvar o equilíbrio mental dos que mantêm o senso de proporção e a esperança de conservar o juízo. *Ibid.*, p. 21-22.

<sup>60</sup> *Ibid.*, p. 22.

<sup>61</sup> Como explica Maio, o “modelo de continuidade” entende a relação entre judeus e não judeus como uma coleção invariável, na sua essência, de tensões, conflitos, perseguições e massacres ao longo do tempo, resultando num elevado custo para a sobrevivência do povo judeu. Sempre haveria a dicotomia opressor/oprimido. Já o “modelo de ruptura”, tendo base no pensamento arendtiano, considera que a história do antissemitismo não é um somatório de fatalidades que elegeria o judeu como “eterno bode expiatório”. Arendt, de acordo com Maio, concebe a interação entre judeus e não judeus, especialmente no que tange ao antijudaísmo, como um processo construído no jogo das relações sociais. Não haveria papéis reservados a priori para todos os atores envolvidos nos múltiplos fenômenos sociais. *Ibid.*, p. 23-24. Analisaremos ao longo do capítulo as considerações de Arendt quanto ao antissemitismo.



Roney Cytrynowicz<sup>62</sup> aborda de maneira específica os textos de Gustavo Barroso, concentrando-se na leitura da obra doutrinária (livros e artigos entre 1933 e 1937) do integralista e relacionando-a às profundas transformações ocorridas no Brasil nos anos 30.<sup>63</sup> Para realizar essa leitura, o autor enfatiza a necessidade de compreensão das questões discutidas nos anos 30, dos principais temas de debate político e intelectual, para situar Barroso frente a este debate e entender suas posições diante daquele contexto.<sup>64</sup> Ao fazer sua apreciação, Cytrynowicz depara-se com um tema que aparece de maneira central nas obras de Barroso no período 1932-1937, e que constitui elemento diferenciador no interior do próprio integralismo. Este tema é o antissemitismo.<sup>65</sup> Em sua pesquisa, o antissemitismo é analisado em suas articulações com outros temas importantes do integralismo de Barroso (anticomunismo, anticapitalismo, valores da Idade Média, corporativismo, Estado forte, espiritualismo, messianismo político e catolicismo) e no contexto histórico dos anos 30, para esboçar uma interpretação sobre o porquê da intensidade mítica e da violência com que esta questão está presente na obra de Barroso.

Tendo como tema central a intolerância, a tese de doutorado de Natália Cruz<sup>66</sup> analisa as especificidades do racismo integralista, levando em conta o posicionamento da AIB em relação ao debate sobre a questão racial travado pelos principais teóricos do período. A autora verifica a forma como o racismo integralista é construído, os princípios que defende, a relação destes princípios com o projeto de nação em perspectiva e os fatores que condicionam a construção deste racismo específico. O trabalho de Cruz trata também da influência dos valores cristãos na conformação do racismo integralista e sua idéia de “comunhão” de raças e culturas, analisando duas formas de manifestação do racismo na doutrina do sigma: antigermanismo e o antissemitismo.<sup>67</sup>

---

<sup>62</sup> CYTRYNOWICZ, Roney. *Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30*. São Paulo: USP/FFLCH, 1992 (dissertação de mestrado em História).

<sup>63</sup> Cytrynowicz diferencia-se de Marcos Chor Maio ao abranger boa parte da obra de Barroso, enquanto Maio enfoca apenas um livro.

<sup>64</sup> *Ibid.*, p. 7.

<sup>65</sup> *Ibidem*.

<sup>66</sup> CRUZ, Natália dos Reis. *O Integralismo e a Questão Racial: a intolerância como princípio*. UFF: Niterói, 2004 (tese de doutorado em História).

<sup>67</sup> *Ibid.*, s/p.

Luiz Costa<sup>68</sup>, em sua dissertação de mestrado, observa as narrativas antimaçônicas difundidas no Brasil, sobretudo, na primeira metade do século XX, destacando o livro *História Secreta do Brasil*<sup>69</sup>, dividido em três volumes e escrito por Gustavo Barroso em 1937. A partir do estudo das diferentes feições assumidas pelas narrativas antimaçônicas desde o início do século XVIII, sobretudo na Europa, o autor busca compreender os elos de continuidade e os novos elementos acrescentados pela obra de Gustavo Barroso, os quais dialogavam com o clima de radicalização política e de crescimento do autoritarismo que caracterizaram, particularmente, o Brasil da década de 1930.<sup>70</sup> Indo de encontro ao pensamento de Roney Cytrynowicz, Costa entende ser o discurso antissemita, antimaçônico e anticomunista o eixo central de uma narrativa que busca explicações para as sequências de acontecimentos, ditos secretos, que assolavam o país no referido contexto.

Por sua vez, Odilon Neto<sup>71</sup> procura analisar a presença, intensidade e a importância do antissemitismo no integralismo em momentos distintos, isto é, na fase institucional do movimento (período de fundação), e nos atuais grupos neointegralistas que, desde a morte de Plínio Salgado, tentam rearticular as forças e os anseios de novos e antigos militantes na reorganização do integralismo.<sup>72</sup> Para o autor, o antissemitismo, nos diferentes contextos históricos, apesar de presente em diversas intensidades, constitui-se em um ponto de esquecimento da trajetória integralista, ao mesmo tempo em que se busca a utilização constante de alguns pressupostos de um discurso intolerante e preconceituoso contra os judeus, numa prática que leva em conta tanto o passado institucional integralista quanto as “necessidades” e limitações a tal prática existentes na sociedade do tempo presente.

---

<sup>68</sup> COSTA, Luiz Mário Ferreira. *Maçonaria e Antimaçonaria: Uma análise da “História Secreta do Brasil” de Gustavo Barroso*. UFJF: Juiz de Fora, 2009 (dissertação de mestrado em História).

<sup>69</sup> BARROSO, Gustavo. *História Secreta do Brasil: do descobrimento à abdicação de D. Pedro I*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937; *da abdicação de D. Pedro I à maioria de D. Pedro II*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937; *da maioria de D. Pedro II à República*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938. Como aponta Costa, originalmente o livro foi dividido em quatro partes. Entretanto, a quarta e última parte que deveria englobar o período *Da proclamação da República à Revolução de 1930*, por questões não muito claras, não chegou a ser publicado. COSTA, op. cit., p. 102.

<sup>70</sup> *Ibid.*, s/p.

<sup>71</sup> CALDEIRA NETO, Odilon. *Integralismo, Neointegralismo e Antissemitismo: entre a relativização e o esquecimento*. UEM: Maringá, 2011 (dissertação de mestrado em História).

<sup>72</sup> *Ibid.*, s/p.

## 1.2. Antissemitismo

### 1.2.1. Uma revisão clássica do antissemitismo moderno: Hannah Arendt

Buscando compreender os fenômenos ilustradores do surgimento de regimes totalitários, Hannah Arendt, no primeiro volume de *Origens do Totalitarismo*<sup>73</sup>, estabelece um panorama geral acerca da evolução do antissemitismo na Europa ocidental e central, desde o período pós medieval, dos judeus da corte até o Caso Dreyfus. Para a autora, a história do antissemitismo é indissociável da longa história das relações que prevaleciam entre judeus e gentios desde o início da dispersão judaica.<sup>74</sup> Porém, já de início, Arendt assegura existir uma significativa diferença entre o antissemitismo como ideologia leiga do século XIX (moderno<sup>75</sup>) e o antissemitismo religioso, baseado em antigas superstições medievais. Como regra geral, a autora explica o ápice do antissemitismo moderno ligado à perda de influência e de funções públicas por parte dos judeus, restando apenas sua riqueza.<sup>76</sup> Essa riqueza, desassociada de poder, incitaria o resto da população ao ódio, qualificando o judeu como parasita, haja vista que o poder deveria ter alguma utilidade, mesmo sendo empregado para oprimir e explorar. Entretanto, esses dois fatores não explicam profundamente as causas do surgimento do antissemitismo moderno na Europa. Segundo a autora:

A simultaneidade entre o declínio do Estado-nação europeu e o crescimento de movimentos antissemitas, a coincidência entre a queda de uma Europa organizada em nações e o extermínio dos judeus, preparado pela vitória do antissemitismo sobre todos os outros ismos que competiam na luta pela persuasão e conquista da opinião pública, têm de ser interpretadas como sério elemento no estudo da origem do antissemitismo. O antissemitismo moderno deve ser encarado dentro da estrutura geral do desenvolvimento do Estado-nação, enquanto, ao mesmo tempo, sua origem deve ser encontrada em certos aspectos da história judaica e nas funções especificamente judaicas, isto é, desempenhadas pelos judeus no decorrer dos últimos séculos. Se no estágio final da desintegração os *slogans* antissemitas constituíam o meio mais eficaz de inspirar grandes massas para levá-las à expansão imperialista e à destruição das velhas formas de governo, então a história da relação entre judeus e o Estado deve conter indicações

<sup>73</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>74</sup> *Ibid.*, p. 18.

<sup>75</sup> Moderno, pois, no pensamento arendtiano, representa uma ruptura com os antigos valores da tradição ocidental.

<sup>76</sup> Exemplificando, quando Hitler alcança o poder na Alemanha e os bancos, onde por mais de um século os judeus ocuparam posições de importância, encontram-se praticamente “desjudaizados”.

elementares para entender a hostilidade entre certas camadas da sociedade e os judeus. Se, além disso, a contínua expansão da ralé moderna – isto é, dos *déclasses* provenientes de todas as camadas – produziu líderes que, sem se preocupar com o fato de serem ou não os judeus suficientemente importantes para se tornarem o foco de uma ideologia política, repetidamente viram neles a “chave da história” e a causa central de todos os males, então a história das relações entre os judeus e a sociedade deve conter indicações elementares para explicar a hostilidade entre a ralé e os judeus.<sup>77</sup>

Arendt tece ainda uma crítica contundente aos historiadores que empregam a teoria do “eterno antissemitismo” ou do “eterno bode expiatório”, ou seja, uma reação natural manifestada ao longo da História. Essa teoria seria adotada também por antissemitas e judeus, pois os primeiros a utilizariam como álibi para qualquer perseguição imposta, enquanto os segundos, na defensiva, recusariam discutir sua parcela de responsabilidade. Dessa forma, os judeus, preocupados com a sobrevivência de seu povo, acreditaram ser o antissemitismo uma condição essencial para manter o povo unido, confundindo o antissemitismo moderno com o antigo ódio religioso, tendo em vista o cenário de declínio do cristianismo.

Utilizaremos como embasamento a interpretação arendtiana sobre o antissemitismo moderno. Mesmo que alguns antissemitas do século XX (entre os quais alguns integralistas, alvo de nossa pesquisa) façam alusão a velhos estigmas antijudaicos de cunho religioso, compreendemos haver um hiato entre esse preconceito medieval e o preconceito moderno, de cunho político, sendo para nós o último, o mais significativo fator das teorias antissemitas disseminadas ao longo de obras e matérias em jornais. Como veremos abaixo, em famosos escritos antissemitas empregados por diversos intelectuais para justificar suas teses, o aspecto político para discriminação do judeu acaba sobressaindo.

### **1.2.2. Os pilares do antissemitismo moderno**

Apontaremos a seguir algumas obras que entendemos serem de suma importância para a compreensão do pensamento antissemita moderno. A partir dessas obras, os pensadores antissemitas do século XX, incluindo os teóricos integralistas,

---

<sup>77</sup> Ibid., p. 29-30.

buscaram apoio para seus escritos. São elas: *Os Protocolos dos Sábios de Sião*<sup>78</sup>, *O Judeu Internacional*<sup>79</sup> (Henry Ford), *Minha Luta*<sup>80</sup> (Adolf Hitler) e *As Forças Secretas da Revolução*<sup>81</sup> (Léon de Poncins). Por seu teor de importância e influência, deteremos um pouco mais nos *Protocolos*, escrito de larga difusão, a partir do início do século XX<sup>82</sup>, servindo de base para variadas teorias antissemitas posteriores, incluindo as teses nazistas.

O livro *Os Protocolos dos Sábios de Sião* apresenta o suposto plano judaico para o domínio do mundo, dividido em vinte e quatro protocolos, expostos sob o molde de uma conferência ou palestra. Em conformidade com alguns autores antissemitas, o plano estaria pré-concebido desde a antiguidade (mais de três mil anos), terminando por atingir seu fim no século XX.<sup>83</sup> As mudanças ocorridas nos últimos séculos na Europa provocando a derrubada de antigos valores da sociedade cristã e trazendo à tona os princípios da modernidade estavam ligadas diretamente aos protocolos. Tudo isso faria parte da conspiração estruturada pelos judeus.

Publicado pela primeira vez em 1903, por Krushevan<sup>84</sup>, na Rússia Czarista, os *Protocolos* foram inserido no jornal *Znania*, de Kishinev. No entanto, a maioria das edições subseqüentes baseia-se na segunda edição do livro de Sergei (ou Sergey) Nilus, cujo título é *O Grande no Pequeno ou o Anti-Cristo como Possibilidade Política Próxima; Notas de uma Pessoa Ortodoxa*.<sup>85</sup> A segunda edição dessa obra é a primeira a incluir os *Protocolos* na sua forma atual (publicada em 1905, num lugarejo perto de São Petersburgo).<sup>86</sup> Nilus havia tomado por base uma sátira do autor Maurice Joly, contra Napoleão III (imperador da França), publicada em Bruxelas (1868)<sup>87</sup>: *Diálogo no*

<sup>78</sup> *Os protocolos dos sábios de Sião*. BARROSO, Gustavo (ed.). São Paulo: Minerva, 1936.

<sup>79</sup> FORD, Henry. *O judeu internacional*. Porto Alegre: Globo, 1989.

<sup>80</sup> HITLER, Adolf. *Minha luta*. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1939.

<sup>81</sup> PONCINS, Léon de. *As forças secretas da Revolução: Maçonaria, Judaísmo*. 2ª ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

<sup>82</sup> Na Rússia, principalmente a partir da Revolução de 1905 e, em âmbito mundial, a partir da Primeira Guerra e da Revolução Bolchevique.

<sup>83</sup> Para outros autores, o plano teria sido elaborado e divulgado aos judeus no final do século XIX, durante o Congresso Sionista em Basiléia (1897).

<sup>84</sup> Krushevan apresenta uma versão curta dos *Protocolos* sob o título “Um plano para a conquista do mundo pelos judeus”. ROSENFELD, Anatol. *Mistificações Literárias: “Os Protocolos dos Sábios de Sião”*. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 33.

<sup>85</sup> *Ibid.*, p. 30.

<sup>86</sup> Outra versão dos *Protocolos* foi publicada por G. Butni, na terceira edição de sua obra *Inimigos da Raça Humana* (São Petersburgo, 1906). Tanto Nilus quanto Butni afirmaram ter recebido os *Protocolos* em 1901. Embora haja diferença nos textos, e a versão de Butni contenha três capítulos a mais (27), é evidente que ambos se basearam no mesmo documento. *Ibid.*, p. 31.

<sup>87</sup> Como explica Rosenfeld, a primeira edição, que apareceu anônima, foi publicada em 1864; a segunda, impressa em Bruxelas, é de 1868. *Ibid.*, p. 46.

*Inferno entre Maquiavel e Montesquieu ou a política de Maquiavel no século XIX, por um contemporâneo.*

Trechos e páginas inteiros dos *Protocolos* seguem o *Diálogo* de Joly num paralelismo quase completo. Mesmo a ordem dos 24 protocolos é semelhante à dos 25 diálogos. Somente os últimos protocolos não tem correspondência nos diálogos, já que estes, na sua última parte, tratam da remodelação de Paris, da construção de residências para operários, etc. Ao todo, cerca de 176 passagens dos *Protocolos*, mais ou menos extensas, se baseiam na obra de Joly.<sup>88</sup>

Joly fora condenado a quinze meses de cadeia por causa da sua obra. Impulsionado por violento ódio a Napoleão III, fazia pronunciar este, sob a máscara de Maquiavel, toda uma teoria diabólica de conquista do domínio mundial, no desejo de convencer o leitor de que o Imperador nutria tais planos. Quanto a Montesquieu, costuma replicar expondo as opiniões do próprio autor (Joly).<sup>89</sup>

Utilizamos para a análise a versão em português traduzida e comentada por Gustavo Barroso, e publicada em 1936, no Brasil, pela editora Agência Minerva. A primeira parte traz um texto de Roger Lambelin (editor da versão francesa mais popular dos *Protocolos*), *O perigo judaico*, onde o autor afirma que o plano judaico para o domínio mundial contido nos *Protocolos* foi concebido no Congresso Sionista de Basiléia, em 1897. Por algum descuido dos judeus, os protocolos teriam sido roubados ou copiados. Posteriormente, teriam sido entregues em, 1901, por Aleixo Nicolaievitch Sukotin aos escritores russos Sergei Nilus e G. Butmi. Lambelin sugere estar em um estudo assinado por L. Fry, o nome do criador dos protocolos: Asher Ginzberg. De acordo com Lambelin, Ginzberg estudou o *Talmud* nas escolas judaicas, casou com a neta de um rabino de Lubovitz, entrou para o Kahal<sup>90</sup>, fundou um grupo de “jovens sionistas”, e, depois, uma sociedade secreta Beni-Mosheh, os filhos de Moisés. Além disso, Ginzberg teria assistido ao Congresso Sionista de Basiléia, e ali lido as lições formativas dos vinte e quatro protocolos. Porém, não teria se entendido com Teodoro Hertzl, nem com Max Nordau. Na parte final de seu texto, Lambelin declara:

---

<sup>88</sup> Ibid., p. 48.

<sup>89</sup> Ibid., p. 46.

<sup>90</sup> Apoiado em obras do século XIX (*O livro do Kahal* e *La Russie Juive*) que teriam desaparecido, e em livros como *O Judeu Internacional* de Henry Ford e *Brasil – Colônia de Banqueiros* de Gustavo Barroso, Lambelin afirma ser o Kahal uma espécie de “governo oculto judaico”, agindo secretamente para controlar a ação dos judeus no mundo.

é interessante saber o autor ou autores dos “Protocolos”, mas essa questão tem importância secundária e direi mesmo que a autenticidade do documento é dum valor relativo.<sup>91</sup>

O autor assume ainda a seguinte hipótese: a de Sergei Nilus não ter traduzido literalmente os protocolos e seus sentimentos pessoais de patriota russo e de ortodoxo fervente poderiam ter se manifestado durante a redação dos trechos filosóficos.<sup>92</sup>

A segunda parte é assinada por W. Creuz, sob o título de *A autenticidade dos Protocolos dos Sábios de Sião*, dividida em pequenos tópicos, onde o autor pretende “elucidar definitivamente um mistério sombrio que ameaça toda humanidade”.<sup>93</sup> Creuz diz não pretender propagar uma intolerância religiosa digna da idade média ou excitar os povos aos “pogroms”, mas, apesar disso, exalta o “trabalho de libertação realizado na Alemanha”.<sup>94</sup> Nos cinco tópicos subsequentes, Creuz busca, respectivamente: desmentir afirmações do jornal *Times* quanto à falsidade do *Protocolos*; demonstrar a origem e a influência judaica recebida por Maurice Joly<sup>95</sup>, autor do *Diálogos*; discutir a origem dos *Protocolos*, dando a entender que já existiam pelo menos desde 1885, e foram primeiramente escritos em hebraico<sup>96</sup>; tecer uma crítica ao governo dos Estados Unidos e da Grã Bretanha, por receber a visita de Finckelstein Litvinof, chamando-o de gangster<sup>97</sup> judeu inferior em coragem e sentimento a Al Capone; expor, em 22 proposições, um resumo do conteúdo presente no *Protocolos*.

É interessante observar os argumentos utilizados pelos autores Roger Lambelin e W. Creuz, inseridos na obra com o intuito de provar a veracidade dos protocolos. Lambelin, ao final do texto, assegura não ser de primeira importância conhecer o autor ou os autores da obra, e a autenticidade do documento ser de um valor relativo. Em seguida Creuz, para o qual parafrasear uma obra não constitui fraude:

---

<sup>91</sup> BARROSO, op. cit., p. 18.

<sup>92</sup> Ibid., p. 18.

<sup>93</sup> Ibid., p. 23.

<sup>94</sup> Ibid., p. 24.

<sup>95</sup> Creuz afirma que, em sua juventude, Joly teria sido influenciado por Adolfo Isaque Crémieux, fundador da Aliança Israelita Universal. Além disso, acusa Joly de ter plagiado outro judeu (Jacob Vényed), escritor de um livro com nome parecido: *Diálogos entre Maquiavel e Montesquieu*. O livro teria sido publicado em Berlim, em 1850. Ibid., p. 33-34.

<sup>96</sup> O autor cita o estudo de L. Fry referido por Roger Lambelin, onde o criador dos protocolos aparece sob o nome de Asher Ginzberg. Entretanto, afirma que os protocolos foram elaborados pelo *Kahal*, supostamente o governo oculto judaico. Ibid., p. 39.

<sup>97</sup> Segundo Creuz, Litvinof fora preso nos primeiros anos do século XX, por ter saqueado um banco em Paris. Ibid., p. 43.

O simples fato de utilizar um texto dado, desenvolvendo-o, não é prova de “fraude”! Senão, teríamos de acusar cada pregador que cita os Evangelhos, esquecendo-se de indicar o capítulo e o versículo. Essa acusação de *falsificação* é ridícula, pois há muitas passagens semelhantes na Escritura Sagrada.<sup>98</sup>

As terceira e quarta partes da obra editada e publicada no Brasil são assinadas por Gustavo Barroso. Barroso, na terceira parte, intitulada *O grande processo de Berna sobre a autenticidade dos “Protocolos”*, traça uma crítica aos envolvidos em um processo realizado na cidade de Berna, no qual fora dado parecer contrário à autenticidade dos protocolos. Para Barroso, mesmo não tendo conhecimento de quem escreveu os protocolos, não se pode refutar sua autenticidade, tendo em vista os acontecimentos mundiais ocorridos desde as primeiras publicações até os anos 1930.

Finalmente, a quarta parte, *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, traz o conteúdo dos vinte e quatro protocolos. Além de apresentar e traduzir, Barroso expõe comentários em notas de rodapé, procurando relacionar os escritos a fatos da história mundial, supostamente orquestrados pelos judeus. Utilizando-se de citações retiradas de obras escritas por Bernard Lazare<sup>99</sup>, Kadmi Cohen, René Guénon, entre outros, Barroso procura, a nosso entender, dar embasamento teórico e científico às suas afirmações. O conteúdo em si dos protocolos revela um discurso altamente conservador e de grande receio com relação às transformações trazidas pela modernidade:

Fomos nós os primeiros que, já na antiguidade, lançamos ao povo as palavras “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”, palavras repetidas tantas vezes pelos papagaios inconscientes, que atraídos de toda parte por essa isca, dela somente têm usado para destruir a prosperidade do mundo, a verdadeira liberdade individual, outrora tão bem garantida dos constrangimentos da multidão.<sup>100</sup>

Conforme o texto, essas transformações teriam sido planejadas pelos judeus desde épocas remotas, com o único fim de destruir a sociedade cristã, para, por fim,

---

<sup>98</sup> Ibid., p. 29.

<sup>99</sup> LAZARE, Bernard. *El antisemitismo: su historia y sus causas*. Buenos Aires: La Bastilla, 1974. Barroso cita a obra publicada em francês, em 1934, porém, tivemos acesso à obra publicada em espanhol na Argentina, em 1974. Entre as obras que Barroso cita, essa é a única a que tivemos acesso, por enquanto.

<sup>100</sup> BARROSO, op. cit., p. 93.



estabelecer o império judaico mundial, baseado na força, na hipocrisia e na corrupção.<sup>101</sup>

Nossa palavra de ordem é: força e hipocrisia. Somente a força pode triunfar na política, sobretudo se tiver escondida nos talentos necessários aos homens de Estado. A violência deve ser um princípio; a astúcia e a hipocrisia, uma regra para os governos que não queiram entregar sua coroa aos agentes de uma nova força. Esse mal é o único meio de chegar ao fim, o bem. Por isso, não nos devemos deter diante da corrupção, da velhacada e da traição, todas as vezes que possam servir às nossas finalidades. Em política, é preciso saber tomar a propriedade de outrem sem hesitar se por esse meio temos de alcançar o poder.<sup>102</sup>

Para atingir o poder, além dos meios citados, os judeus utilizar-se-iam dos mais variados trâmites: atuação por trás da franco-maçonaria (impor ideais socialistas e liberais) para obter seus desígnios; ensino subversivo; destruição da Igreja e da família; estímulo ao consumo de bebidas alcoólicas; despojamento da aristocracia de suas terras e tradições; utilização da imprensa como arma política; guerra econômica; alta no preço de produtos; monopólios controladores de meios econômicos; derrubada das monarquias (única força presente na sociedade cristã capaz de resistir); lazer sob forma de jogos para distrair o povo.

O objetivo dos protocolos, forjados pelos círculos mais retrógados da Rússia, era mostrar ao monarca (Nicolau II) os perigos de qualquer compromisso com as idéias liberais, lançadas – segundo aquela obra – pela franco-maçonaria e pelos judeus. Os protocolos apresentam o regime czarista como o último baluarte da autocracia salutar num mundo caótico. Para resistir ao veneno liberal, seria de extrema necessidade fortalecer o absolutismo, tornar mais rigoroso o combate à oposição, e perseguir, sem dó nem piedade, os judeus identificados, por mera demagogia, com a maçonaria, já que aqueles e esta não apresentam nenhuma identidade, a não ser a de terem sido alvos freqüentes do ódio e da polêmica.<sup>103</sup>

Hannah Arendt não atribui a utilização dos *Protocolos* pelos nazistas à história do antissemitismo, mas só a história do antissemitismo poderia explicar por que era variável o uso da mentira para os fins de propaganda antijudaica. Entretanto, segundo a

---

<sup>101</sup> Como explana os protocolos, o sistema absolutista era o responsável pela força dos cristãos.

<sup>102</sup> *Ibid.*, p. 91-92.

<sup>103</sup> ROSENFELD, *op. cit.*, p. 59-60.

autora, essa história não explica por que se transformou em fenômeno político a alegação, obviamente totalitária, do suposto domínio global a ser exercido com métodos esotéricos pelos membros de uma sociedade secreta.<sup>104</sup>

Outra leitura a respeito dos protocolos é a obra de Norman Cohn, *A Conspiração Mundial dos Judeus*<sup>105</sup>, criticada por Arendt, sendo vista pela autora como uma das obras mais recentes que entendem o antissemitismo moderno como uma versão secularizada de populares superstições medievais.<sup>106</sup> Sobre a obra de Maurice Joly (*Diálogo no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu...*), Carlo Ginzburg faz uma significativa análise no décimo capítulo de seu livro, *O fio e os rastros verdadeiro, falso, fictício*.<sup>107</sup>

Utilizando-se do *Protocolos* como principal referência, Henry Ford apresenta, em *O Judeu Internacional* (1921), quarenta e cinco artigos escritos de forma denunciativa, demonstrando sua concepção da história judaica, do antissemitismo e do hipotético plano elaborado pelos judeus para solapar o resto da sociedade. O livro é dividido em duas partes: na primeira, os artigos assinalam um parecer geral do “programa judaico” mundial. Na segunda parte, Ford busca demonstrar, através de fatos, a veracidade do complô judaico para o domínio do mundo, fazendo relações principalmente com a economia, a política e os aspectos da vida cultural norte-americana (cinema, teatro e música). Sobre o livro *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, Ford comenta:

Os que se preocupam da teoria da hegemonia mundial judaica sabem que a manifestação atual dessa hegemonia se encontra em 24 teses, conhecidas pelo nome de “Protocolos dos Sábios de Sion”, as quais despertam sobremaneira a atenção da Europa e, ainda há pouco tempo, motivaram forte movimento da opinião pública inglesa, ao passo que nos Estados Unidos foram apenas objeto de uma discussão muito limitada. (...). O supremo intuito que eles denotam consiste em solapar toda ordem humana, toda constituição de Estados, para erigir um novo poder, em forma de despotismo ilimitado.<sup>108</sup>

<sup>104</sup> ARENDT, op. cit., p. 22.

<sup>105</sup> COHN, Norman. *A conspiração mundial dos judeus: mito ou realidade?* (Análise dos Protocolos e Outros Documentos). São Paulo: IBRASA, 1969.

<sup>106</sup> ARENDT, op. cit., p. 17.

<sup>107</sup> GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>108</sup> FORD, op. cit., p. 79.

Ford ocupa nove artigos analisando e discutindo o conteúdo dos protocolos, mais especificamente a respeito do plano judaico, às percepções da natureza humana elaboradas pelos judeus, às previsões da Primeira Guerra Mundial e o modo de utilização da imprensa como forma de manipulação.

Entremeando textos autobiográficos e textos doutrinários, *Minha Luta*, de Adolf Hitler, aparece-nos como a segunda obra antissemita em termos de relevância no início do século XX, após o *Protocolos*. Dividido em duas partes (*Balanço e O Movimento Nacional-Socialista*), o livro foi escrito enquanto Hitler estava detido na fortaleza de Landsberg (Baviera), em 1923, por ter organizado uma tentativa de golpe de Estado na cidade de Munique (“Putsch de München”). Para uma compreensão do pensamento antissemita de Hitler, tomamos por base o capítulo XI da primeira parte, *O Povo e a Raça*. As referências antissemitas são evidenciadas em praticamente todos os escritos<sup>109</sup>, no entanto, é no capítulo referido acima, onde Hitler se ocupa mais aprofundadamente da “questão judaica”. Pode-se entender esse capítulo em duas situações. Na primeira, Hitler apresenta seu entendimento a respeito da conservação da sociedade humana e dos outros seres vivos: a permanência de cada um dentro de sua espécie ou raça. No caso humano, caberia à raça mais forte subjugar<sup>110</sup> as outras e não misturar-se, executando-se assim o ciclo pretendido pela natureza e pela providência. Caso não ocorresse essa circunstância, a civilização sucumbiria física e intelectualmente, o “elemento civilizador” perderia suas características e acabaria extinto, sendo isso um castigo natural. Para Hitler, o ariano seria esse representante superior da espécie humana, devendo conservar, acima de tudo, a pureza de seu sangue e tendo como uma de suas peculiaridades o sacrifício pessoal em favor da comunidade.

O que hoje se apresenta a nós em matéria de cultura humana, de resultados colhidos no terreno da arte, da ciência e da técnica, é quase que exclusivamente produto da criação do Ariano. É sobre tal fato, porém, que devemos apoiar a conclusão de ter sido ele o fundador exclusivo de uma humanidade superior, representando assim o tipo primitivo daquilo que entendemos por "homem". É ele o Prometeu da humanidade, e da sua fronte é que jorrou, em todas as épocas, a centelha do gênio, acendendo sempre de novo aquele fogo do conhecimento que iluminou a noite dos tácitos mistérios, fazendo ascender o homem a uma situação de superioridade sobre os outros

<sup>109</sup> Excetuando-se alguns capítulos específicos, como, por exemplo, o capítulo XI da segunda parte: *Propaganda e organização*.

<sup>110</sup> Segundo Hitler, é condição indispensável para a consolidação da raça mais forte a dominação dos inferiores, pois supririam a falta de recursos técnicos, assim como força de trabalho.

seres terrestres. Exclua-se ele, e, talvez depois de poucos milênios, descerão mais uma vez as trevas sobre a terra; a civilização humana chegará a seu termo e o mundo se tornará um deserto!<sup>111</sup>

Na segunda e maior parte do capítulo, Hitler disserta sobre o judeu, o qual forma o contraste (negativo) ao ariano. Para Hitler, o judeu também apresenta um instinto de conservação avançado, contudo, tendo por base o egoísmo, aparecendo seu caráter de comunidade apenas quando em face de algum perigo comum. O judaísmo não seria uma religião, mas um povo com características raciais bem definidas e conservadas propositalmente, maculando as outras raças com seu sangue para enfraquecê-las. Ao contrário do ariano, o judeu nunca teria sido um criador, mas um imitador sem cultura verdadeira, inserindo-se no organismo de outros povos, tornando-se assim, um parasita. Mencionando os *Protocolos*, Hitler pretende mostrar a existência do povo judeu alicerçada sobre uma mentira ininterrupta, enquanto os fatos da história dariam provas aos escritos do livro. Visando não apenas ao domínio econômico, como também político do mundo, o judeu utilizar-se-ia principalmente da Maçonaria, da imprensa e da doutrina marxista para atingir seus fins. Através da Maçonaria os judeus defenderiam o ideário pacifista de defesa nacional, à medida que os sindicatos, fundamentando-se no marxismo, insuflariam as massas operárias a tomar medidas violentas, organizando-se assim duas frentes de luta opostas com o mesmo objetivo.

O judeu, mais inteligente, toma a defesa dos oprimidos. Aos poucos, torna-se o chefe do movimento social. Isso lhe é fácil, pois não se trata, na realidade, de combater com boa intenção as chagas sociais, mas somente de selecionar uma tropa de combate, nos meios proletários, que lhe seja cegamente devotada na campanha de destruição da independência econômica do país. Enquanto a chefia de uma sã política social não aceitar firmemente estas duas diretrizes: conservação da saúde do povo e segurança de uma independência nacional no terreno econômico, o judeu na sua luta não só descurará completamente esses dois problemas, como fará de sua supressão uma verdadeira finalidade. (...). De fato, através do operariado, que poderia ser uma bênção para a nação, o judeu destrói as bases da economia nacional. Paralelamente a isso, progride a sua organização política. Sua cooperação com o movimento proletário manifesta-se pelo modo por que prepara as massas para a organização política, fustigando-as até pela violência e pela coação. Além disso, o judeu é a fonte financeira que alimenta o enorme maquinismo do edifício político.<sup>112</sup>

---

<sup>111</sup> HITLER, op. cit., p. 247.

<sup>112</sup> Ibid., p. 275-276.

A imprensa, dominada pela Maçonaria, colaboraria com o plano judaico especialmente pelos jornais humorísticos, demonstrando o judeu como um povo inofensivo, bondoso, honesto, e até mesmo cômico. Essa mesma imprensa seria responsável também por difamar qualquer assunto relacionado à autonomia da nação e ao progresso cultural, fazendo guerra contra as personalidades não ligadas aos interesses judaicos. Para concluir o seu plano, o judeu, enraizado em todos os segmentos da sociedade, retiraria sua “máscara” democrática e popular, substituindo-a pela “máscara” da tirania e da opressão, tendo como exemplo a Rússia, onde esse fato já estaria consumado e haveriam perecido mais de trinta milhões em razão da “ditadura” judaica.

Intencionando conhecer as causas e consequências de um movimento revolucionário iniciado com a Revolução Francesa, Léon de Poncins, em *As Forças Secretas da Revolução*, apresenta quais seriam os elementos por trás desse movimento: a maçonaria e o judaísmo. Poncins, nascido na França em 1897, era católico fervoroso, e sua atuação como jornalista, ensaísta e escritor está intimamente ligada a um posicionamento altamente reacionário e contrarrevolucionário.<sup>113</sup> De acordo com seu pensamento, sob a máscara de uma associação filantrópica e humanitária, a maçonaria na verdade, visa a destruir a civilização atual, essencialmente cristã, para edificar sobre os escombros o mundo maçônico, baseado no racionalismo ateu. Atuando como os mentores por trás dos planos maçônicos estariam os judeus.

Na época atual, judeus e maçons colaboram, no mundo inteiro para a vitória da revolução universal. Nos diferentes países, os altos graus maçônicos são, na sua maior parte, ocupados por judeus. (...). O espírito judeu domina a Maçonaria e imprime-lhe esse ódio anticristão cuja pertinácia seria, sem essa circunstância, inexplicável. A Maçonaria sustenta e defende, em toda parte, os interesses judaicos.<sup>114</sup>

Parece-nos, portanto, ser o judaísmo o elemento de principal importância na obra e indissociável da maçonaria, afinal, não fosse pela ação dos judeus, tal instituição não seria suficientemente forte e influente. Citando em meio às suas afirmações trechos de obras escritas por Asher Ginzberg, Bernard Lazare, F. Dostoievski, G. Batault, Kadmi Cohen, Nesta Helen Webster, Oscar Lévy, entre outros, Poncins busca demonstrar a ligação existente entre o “movimento revolucionário internacional” com

---

<sup>113</sup> CALDEIRA NETO, op. cit., p. 147.

<sup>114</sup> PONCINS, op. cit., p. 96.

os judeus e, ainda, evidenciar a influência judaica em aspectos econômicos, sociais (imprensa principalmente) e políticos da sociedade mundial. Os *Protocolos* são comentados pelo autor ao mencionar a existência de um plano organizado para os fins judaicos, no entanto descartando-o como referência<sup>115</sup>, visto que não lhe poderia atribuir uma origem histórica propriamente dita.<sup>116</sup> Todavia, ao descrever a literatura judaica (historiadores, sociólogos, estadistas e literatos), Poncins aponta como característica a idéia sempre presente de uma hegemonia mundial através do material, do espiritual ou ambos. O autor finaliza seu livro assinalando a maçonaria e o judaísmo como poderosas forças revolucionárias mundiais, sob a ordem de uma organização internacional, definindo esse jogo como uma conspiração. Para combater o espírito revolucionário dessa conspiração, Poncins apresenta um plano de princípios sumamente conservadores, idealizando a volta aos preceitos do antigo regime monárquico absolutista:

é preciso libertar-nos dos mortíferos princípios de 1789 que nos foram inoculados pelos judeus e pelos maçons; é necessário abandonar o parlamentarismo, o sufrágio universal, o liberalismo, a demagogia, o ateísmo considerado religião oficial; é indispensável voltar às tradições, à monarquia absoluta, ao ensino obrigatório dos preceitos religiosos nas escolas, à hierarquia social, a tudo o que pode refrear as forças cegas da corrupção popular e o poder ilimitado do ouro; assim, conseguiremos, talvez, subtrair-nos a esta embrutecedora mentalidade econômica atual, de origem judaica, que torna os negócios e o ouro fim supremo e razão de ser da vida, em prejuízo da cultura, da beleza e da elevação moral. Então, o organismo social voltará à normalidade e o micróbio judeu-maçônico nada poderá contra ele.<sup>117</sup>

Por meio de apontamentos antisemitas os autores apresentam suas apreensões sobre o mundo e a sociedade em que vivem. À exceção dos *Protocolos*, os demais trabalhos foram produzidos na década de 1920, período de intensas transformações e posterior a acontecimentos como a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa, que abalariam antigas estruturas políticas, econômicas e sociais. A queda de impérios (Rússia e Áustria-Hungria), as crises financeiras, o desemprego, juntamente com o surgimento de movimentos políticos ligados a teorias marxistas e liberais, certamente contribuiu para uma reação dos interessados em defender doutrinas conservadoras. Para os autores estudados, o judaísmo seria o elemento fomentador de todas as mudanças

---

<sup>115</sup> Apesar disso, Poncins é um dos tradutores de uma versão dos protocolos na França.

<sup>116</sup> *Ibid.*, p. 192.

<sup>117</sup> *Ibid.*, p. 209.

(guerras, crises econômicas, derrubada das monarquias, etc.), agindo sob a ordem de uma organização secreta (*Kahal*), e tendo como principal arma a instituição maçônica e a imprensa, objetivando, por fim, o domínio universal. Estariam os judeus se infiltrando também nos aspectos culturais da sociedade cristã, através da vulgarização de peças teatrais, filmes e literatura.

Em concordância com Hannah Arendt, acreditamos que essa culpa não foi atribuída ao judeu arbitrariamente, dentro da antiga teoria de “eterno antissemitismo”. É preciso levar em conta o processo de assimilação judaica, sua relação com os governantes, com os Estados em declínio, com a sociedade, e entender os motivos das divulgações antissemitas conseguirem mobilizar demasiadas pessoas, mesmo tratando-se de uma fraude, como no caso dos *Protocolos*. As ideias presentes nas obras referidas servirão de base para o pensamento antissemita difundido pelos teóricos integralistas que discutiremos nos próximos capítulos.

### **1.2.3. O antissemitismo no Brasil (1930-1945)**

O estudo sobre antissemitismo no Brasil das décadas de 30 e 40 incita-nos a averiguar as variadas manifestações desse fenômeno e como elas se constituíram durante esse período. Embora a nossa pesquisa enfoque obras e jornais da década de 30, consideramos ser de grande importância analisar todo o primeiro período de Vargas como presidente, uma vez que seria inviável não associar os acontecimentos dos anos 30 e os da primeira metade dos anos 40. Tendo como fundamento as pesquisas realizadas por Maria Luiza Tucci Carneiro<sup>118</sup> e Jeffrey Lesser<sup>119</sup>, estabelecemos as circunstâncias gerais para o florescimento do antissemitismo no Brasil “varguista”, entendendo como aspecto fundamental as conjunturas da sociedade brasileira em transformação. A utilização de conceitos raciais pseudocientíficos, formulados nos primeiros anos do século XX por alguns intelectuais (Alberto Torres, Oliveira Vianna, Silvio Romero, Euclides da Cunha, Nina Rodrigues), aliada a um crescente sentimento nacionalista desenvolvido no núcleo de movimentos direitistas (católicos conservadores

---

<sup>118</sup> CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na era Vargas: fantasmas de uma geração: 1930-1945*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1988.

<sup>119</sup> LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

e integralistas) e de órgãos oficiais, claramente forneceu o pano de fundo para esse cenário.

O judeu em um parecer geral, sobretudo para os intelectuais de direita e para os altos diplomatas encarregados do serviço de imigração, era tido como elemento subversivo em potencial, desagregador da ordem, agente do comunismo. Soma-se a isso a mudança econômica do período, com a expansão do capitalismo industrial e a ascensão de uma burguesia desejosa por ascensão na hierarquia social, vendo no judeu um concorrente, visto que muitos concentravam-se nas cidades e dedicavam-se ao comércio. Acrescenta-se ainda, segundo Maria Luiza Tucci Carneiro, a retomada política da igreja católica, que, mesmo em processo de remodelação do seu discurso doutrinário, traz consigo um pensamento oligárquico conservador juntamente com valores antijudaicos.<sup>120</sup> Para a autora, os primeiros anos da década de 30 apresentam uma “campanha antissemita de entrelinhas”, enquanto após a instituição do Estado Novo o antissemitismo é mais visível, sendo caracterizado como xenófobo e político.

No entanto, de acordo com Jeffrey Lesser, a existência de uma “questão judaica” no Brasil não deve levar à conclusão de que sua formulação era semelhante à ocorrida na Argentina ou na Europa, onde os antissemitismos popular e oficial corriam à solta.<sup>121</sup>

Nesses casos, o antissemitismo estava baseado em imagens distorcidas de judeus verdadeiros com os quais a população não judaica mantinha contato regular. No Brasil, contudo, indivíduos influentes atacavam imagens de judeus *imaginários* que se supunha ser simultaneamente comunistas e capitalistas, e cujos estilos de vida considerados degenerados haviam sido formados em enclaves étnicos europeus pútridos e indigentes.<sup>122</sup>

Portanto, para o autor, a “questão judaica” no Brasil consistia em uma luta por parte dos líderes brasileiros para ajustar as visões intolerantes correntes sobre os judeus, infiltradas a partir da Europa, à realidade de que aqui a imensa maioria dos imigrantes judeus não era nem muito rica nem muito pobre, raramente se envolvia em questões políticas e havia se aculturado rapidamente à sociedade brasileira.

---

<sup>120</sup> CARNEIRO, op. cit., p. 112.

<sup>121</sup> LESSER, op. cit., p. 23.

<sup>122</sup> Ibid., p. 23.



Tanto Carneiro quanto Lesser concentraram-se enfaticamente no antissemitismo presente nas medidas tomadas pelo governo brasileiro durante o processo de imigração judaica para o Brasil. Ambos os autores concordam que as políticas restritivas quanto à vinda de judeus eram diretamente relacionadas a uma economia agrícola em decadência (vendo no judeu um possível trabalhador rural, o que não viria a se confirmar), a um sentimento nacionalista popular e político, a ascensão de um modelo antissemita europeu e às atividades econômicas empreendidas pelos judeus, ligados sobretudo ao comércio urbano, sendo normalmente bem sucedidos. Todavia, explica Lesser, essas políticas restritivas modernas não devem ser ligadas às antigas políticas antissemitas existentes no Brasil enquanto colônia portuguesa. Segundo o autor, os antissemitas brasileiros das décadas de 20, 30 e 40 raramente olharam além da Europa ocidental dos séculos dezenove e vinte para encontrar justificativas intelectuais para suas posições.<sup>123</sup> Nessa questão, Lesser estabelece uma crítica a Carneiro, pois a autora utiliza-se do termo “novos cristãos do século XX” para caracterizar os judeus convertidos e refugiados do nazismo. Concordamos com a crítica de Lesser, visto que, em algumas passagens de seu estudo, Carneiro induz o leitor a entender que existe uma ligação direta entre as atitudes antissemitas da época medieval com as modernas, como se o sentimento estivesse latente desde aquele período e ressurgisse com força no século vinte, uma simples modernização ou “nova roupagem” de antigos mitos. Lesser critica também a posição de Eva Alterman Blay<sup>124</sup>, em um artigo escrito para a revista *Tempo Social*, pois a autora emprega o termo “nova inquisição” para classificar a política de imigração antijudaica do Estado Novo.

Ressaltamos ainda, como outro ponto diferencial entre os estudos dos autores citados acima, o destaque feito por Lesser às atitudes de personalidades da época 1930-45 (principalmente a partir de 1939) qualificadas pelo autor como “filo-semitas”, estereotipando o judeu de uma forma positiva. As imagens do judeu como interessado apenas em se estabelecer nas áreas urbanas e jamais na terra, como voltados para as finanças e poderosos em âmbito internacional, que haviam dado suporte para tanto ódio contra eles, eram, no início de 1939, vistas cada vez mais como indicadores de sua utilidade para o desenvolvimento econômico do Brasil.<sup>125</sup> Houve uma mudança de

---

<sup>123</sup> Ibid., p. 28.

<sup>124</sup> BLAY, Eva Alterman. *Inquisição, Inquisições: Aspectos da participação dos judeus na vida sócio-política brasileira nos anos 30*. Tempo Social, São Paulo, USP, vol. 1, n. 1, p. 105, 1989.

<sup>125</sup> LESSER, op. cit., p. 217.

interpretação. Por exemplo, os judeus ricos podiam ser vistos como parte de uma conspiração internacional para forçar a riqueza nacional em direção ao exterior, ou glorificados por sua capacidade de contribuir para o desenvolvimento industrial nacional ao injetar capital no Brasil.<sup>126</sup> Essa mudança, como assinala Lesser, ocorreu devido a alguns fatores: grupos judaicos de assistência empenhavam-se em promover uma mudança nos antigos estereótipos; desinteressados em dar maior atenção ao recebimento de refugiados judeus, os EUA pressionavam outras nações a recebê-los; importantes políticos federais perceberam que os judeus vindos da Itália, Áustria e Alemanha possuíam a experiência profissional de que necessitava a economia em processo de industrialização e a sociedade em urbanização do Brasil. A evolução, acredita Lesser, estaria diretamente relacionada à nomeação de Oswaldo Aranha, embaixador do Brasil nos EUA, como ministro do exterior.<sup>127</sup> Mesmo Aranha concordando com muitos dos estereótipos antijudaicos (conspiradores, avessos à agricultura), não era um “judeófobo”:

suas idéias continham um importante componente filo-semita. Na visão do novo ministro do exterior, os judeus eram ricos, especializados e influentes, sendo portanto úteis para o desenvolvimento econômico do Brasil. Além disso, Aranha reconhecia que a solução para a Questão Judaica no Brasil teria um impacto sobre as relações com os Estados Unidos, país que ele tanto admirava. Já em 1937, enquanto embaixador nos Estados Unidos, ele demonstrava preocupação de que a recusa à entrada de judeus no Brasil devia evitar provocar a “imensa e poderosa colônia judaica (dos Estados Unidos)”.<sup>128</sup>

O autor expõe uma “surpreendente flexibilidade” encontrada por brasileiros e estrangeiros que tocavam no assunto da permissão da entrada de judeus a partir de 1938. No entanto, é importante ressaltar que, assim como esclarece Jeffrey Lesser, as atitudes antissemitas não haviam desaparecido, apenas haveria uma mudança na forma de enxergar os estereótipos antijudaicos. Anteriormente, Lesser já havia apresentado um breve estudo sobre a dupla imagem do judeu no Brasil dos anos 30, na revista *Estudos Ibero-Americanos*.<sup>129</sup>

---

<sup>126</sup> Ibid., p. 220-221.

<sup>127</sup> Ibid., p. 218.

<sup>128</sup> Ibidem.

<sup>129</sup> LESSER, Jeffrey. Bem-vindo aos indesejáveis: a dupla imagem de judeus no Brasil nos anos 30. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 5-11, 1993.

Percepção oposta é apresentada por Tucci Carneiro. Segundo a autora, apesar de Oswaldo Aranha alertar Getúlio Vargas em vários momentos quanto às repercussões negativas que práticas restritivas aos judeus poderiam gerar nos EUA (o Brasil seria associado como favorável à política nazifascista), o ministro do exterior em nenhum momento sugeriu, diplomaticamente, o acolhimento dos refugiados judeus.<sup>130</sup> Carneiro afirma ter ocorrido durante a gestão de Oswaldo Aranha no Ministério das Relações Exteriores a fase de maior restrição à entrada de judeus no Brasil, sustentada principalmente pela emissão, em 1938, da Circular Secreta nº 1.249 (regulamentadora da entrada de israelitas no Brasil).<sup>131</sup> Vemos essa como uma questão delicada, porquanto, assim como colocam os autores naquilo que diz respeito a Oswaldo Aranha e às medidas imigratórias, deve-se ter em mente o processo pelo qual o Brasil estava passando e o “jogo” político internacional tramado por Getúlio Vargas e os responsáveis pelas relações exteriores, ora dando maiores concessões a determinados setores para não ficar mal visto lá fora, ora atendendo a interesses locais.

Aludindo-se ao antissemitismo doutrinário (panfletos, livros, colunas em jornais) propagado por intelectuais e movimentos políticos brasileiros, sobretudo nos anos 30, Carneiro e Lesser centram-se no movimento integralista, dando maior atenção à figura de Gustavo Barroso. Os autores realizam um breve levantamento das principais obras de Barroso, procurando demonstrar o acentuado pensamento antissemita do integralista assim como sua influência dentro e fora da AIB. Carneiro aprofunda-se um pouco mais no tema, citando outros integralistas dessa corrente como Anor Butler Maciel, João Passos Cabral, Godofredo Rangel e Tenório d’Albuquerque. Miguel Reale, um dos mais importantes líderes da AIB, também é visto pela autora como colaborador das teses antissemitas existentes dentro do movimento, todavia, não se encaixaria na ala mais radical, alicerçada por Barroso. Lesser, por sua vez, aponta outros movimentos políticos imbuídos de um ideário antissemita como a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres e a Aliança Nacional Libertadora (ANL).<sup>132</sup>

---

<sup>130</sup> CARNEIRO, op. cit., p. 265.

<sup>131</sup> Ibid., p. 270-271.

<sup>132</sup> Conforme Lesser, o antissemitismo propagado pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres estava em concordância com as políticas de Vargas, pois fazia *lobby* contra à entrada de elementos étnicos “inassimiláveis”, entre os quais os judeus e os japoneses. Em relação à ANL, Lesser enfatiza que o antissemitismo vinha de encontro à defesa de nacionalização das empresas estrangeiras por este movimento. Os antissemitas da ANL associariam essas empresas e o imperialismo econômico em geral, ao judaísmo.

Não tendo por objetivo explorar profundamente o assunto, Alcir Lenharo<sup>133</sup> faz uma breve estimativa do caso brasileiro. Para o autor, o antissemitismo no Brasil busca estereótipos aparentemente não biológicos (classificar o judeu como não agricultor, fora das necessidades imigratórias do país) para esconder uma prática racista.<sup>134</sup> Como exemplo, Lenharo aponta um boletim do sindicato médico de Campinas escrito em julho de 1935, alertando para a tentativa de entrada de quatro mil farmacêuticos químicos judeus no Brasil, desejosos em continuar sua profissão. O autor salienta também os atributos de “intermediário” e “parasita” aludidos aos judeus por alguns políticos da época como Francisco Campos em um memorando enviado a Getúlio Vargas. Na verdade, o judeu seria impedido de imigrar, como explica Lenharo, tendo em vista um contingente expressivo de refugiados do nazismo ser formado por militantes políticos.

A essa generalização de subversivo em potencial, observe-se, vão se amarrando os atributos negativos da falta de moral, conhecimentos técnicos, carência de recursos, além do que primam pelo oportunismo pois são “pessoas que nunca lembraram de trazer-nos sua colaboração em épocas pacíficas, trazendo para cá seus problemas e seus complexos de pavor”.<sup>135</sup>

Todavia, o autor destaca a ausência, nos textos oficiais a respeito dos judeus, da visão expressa do judeu como tipo racial degenerado e portador de degenerescência racial, assinalando uma postura do governo brasileiro em afastar-se de possíveis similaridades com a ideologia nazista ou com pronunciamentos de integralistas. E ainda, o judeu não representaria um significativo “problema racial”, sendo negros e asiáticos (japoneses) alvos das discussões e dos ataques racistas mais fortes.

Uma visão diferente às de Carneiro, Lesser e Lenharo quanto ao antissemitismo no Brasil contemporâneo é apresentada por Bernardo Sorj.<sup>136</sup> De acordo com o autor, o fenômeno antissemita teve pouco impacto no Brasil, pois, em regra geral, a ideologia de branqueamento não afetou de forma significativa a vida dos judeus, aceitos como parte da raça branca, tornando-se assim um componente da solução para

---

<sup>133</sup> LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1986.

<sup>134</sup> *Ibid.*, p. 114.

<sup>135</sup> *Ibid.*, p. 116.

<sup>136</sup> SORJ, Bernardo. Sociabilidade Brasileira e Identidade Judaica. In: SORJ, Bila (org.). *Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

os “problemas” brasileiros (“branquear” a raça negra).<sup>137</sup> Sorj destaca também o mito de origem brasileiro e a visão da sociedade voltada para a busca de um futuro comum ideal. Para o autor, o mito nacional brasileiro desvaloriza o passado encontrando nele os seus problemas, sobretudo na escravização e na colonização lusitana<sup>138</sup>, buscando no novo, no estrangeiro, a mudança e o futuro, a construção de uma nacionalidade. Essa condição formaria o cenário para aceitação do judeu e de outros imigrantes, símbolos do progresso.<sup>139</sup> Mesmo em relação ao antijudaísmo da igreja católica, Sorj não o aponta como fator para o desenvolvimento de um pensamento antisemita, já que teria se diluído no contexto de uma sociedade onde predomina o sincretismo religioso. Para o autor, o sincretismo e a diversidade religiosa no Brasil atuam no sentido de uma absorção do novo, de não discriminar o diferente, formalizando-se assim uma prática com o objetivo de não eliminar o outro, mas absorve-lo.

Na última parte de seu texto, Sorj afirma existirem poucos e esparsos estudos acerca dos judeus e do judaísmo no Brasil, fato possivelmente explicado pela forte integração judaica na sociedade brasileira, que não gera no intelectual judeu angústias específicas.<sup>140</sup> Nesta parte ainda, Sorj critica a interpretação feita por Jeffrey Lesser em seu estudo, o qual analisamos acima. Para Sorj, ao apontar as práticas antisemitas durante o Estado Novo, Lesser não distingue suficientemente entre o discurso de alguns componentes do governo brasileiro e a realidade sociocultural do Brasil. Salvo essa questão, Sorj classifica a leitura de Lesser como não suficientemente sensível à compreensão da sociabilidade política brasileira, permeável a atitudes pragmáticas, ao tratamento individual de cada indivíduo, no lugar de atitudes burocráticas universalistas. Aqui, compartilhamos a crítica de Débora Taísa Krebs<sup>141</sup> feita a Sorj. O autor parece não ter compreendido a leitura feita por Lesser, visto que o último afirma precisamente a atitude do governo brasileiro em tratar cada caso individualmente.

Entendemos ser a leitura feita por Jeffrey Lesser como a de maior contribuição para fins de nosso estudo, visto que o autor apresenta uma interpretação isenta de juízos de valor, além de perceber, assim como Hannah Arendt, uma cisão entre o antisemitismo tradicional ou medieval (imbuído de valores religiosos) e o

---

<sup>137</sup> Ibid., p. 10.

<sup>138</sup> Sorj faz alusão às piadas sobre negros e portugueses.

<sup>139</sup> Ibid., p. 15-18.

<sup>140</sup> Ibid., p. 24.

<sup>141</sup> KREBS, Débora Taísa. *Representações da cidade, visões do cotidiano: Porto Alegre e os imigrantes judeus no Estado Novo*. Porto Alegre: UFRGS, 1999, p. 120 (dissertação de mestrado em História).

antissemitismo moderno (político), construindo assim um panorama mais claro sobre os motivos para o crescimento do antissemitismo no Brasil da Era Vargas.

Sobre o antissemitismo no Brasil e em outros países como Argentina, Uruguai, Peru, etc., existe também uma coleção de artigos, em um livro organizado por Maria Tucci Carneiro<sup>142</sup>, o qual traz um panorama geral do antissemitismo na América Latina.

### 1.2.3.1 Rio Grande do Sul e Porto Alegre

Mesmo não tendo o objetivo de estudar especificamente o fenômeno antissemita local, as autoras que mencionaremos abaixo abordaram em algumas partes de seus textos o antissemitismo em um âmbito menos abrangente, no caso do Rio Grande do Sul e da cidade de Porto Alegre.

Cristine Fortes Lia<sup>143</sup> se ocupa da história da comunidade judaica no Rio Grande do Sul durante o Estado Novo, priorizando as estratégias desenvolvidas pelos judeus para realizar um processo de negociação de identidade cultural, ao invés de, como realça a autora, focar a importância das “perseguições” contra esse grupo. Quanto a um antissemitismo em termos regionais, Lia frisa as manifestações contrárias aos judeus presentes na imprensa riograndense. A autora sublinha o papel da imprensa no período estadonovista como importante mecanismo de legitimação das tentativas do Estado de impedir a entrada de judeus no Brasil. Todavia, o combate à comunidade judaica não se daria se forma explícita, mas sempre aproximando-a do mal, dos grupos perigosos, comunistas, hereges, nazistas, capitalistas internacionais, etc. Onde existia o mal, existia um judeu.<sup>144</sup> Lia apresenta matérias dos jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, de Porto Alegre, e *Diário Popular* e *A Opinião Pública*, de Pelotas, além da revista *Unitas*, órgão da imprensa católica editado pela Arquidiocese de Porto Alegre. Através das páginas dessas publicações, as matérias antissemitas criaram o “clima” propício para legitimar os interesses do Estado Novo, criando a imagem do judeu sendo

---

<sup>142</sup> CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.). *O Antissemitismo nas Américas: Memória e História*. São Paulo. Edusp. 2007.

<sup>143</sup> LIA, Cristine Fortes. *Bons cidadãos: a comunidade judaica do Rio Grande do Sul durante o estado novo (1937-1945)*. Porto Alegre: PUCRS, 2003 (tese de doutorado em História).

<sup>144</sup> *Ibid.*, p. 117.

pernicioso enquanto imigrante, campanha antissemita que o governo buscava edificar.<sup>145</sup>

Quanto ao antissemitismo disseminado pelos membros da AIB no Rio Grande do Sul durante o período de existência do movimento e até posteriormente, Lia novamente ressalta o papel da imprensa como meio de divulgação dessas ideias. A autora traz algumas matérias publicadas em jornais integralistas como: *O Integralista* e *A Lucta*. Os integralistas salientados por Lia e responsáveis pelas matérias são: Anor Butler Maciel, Mário Ferreira de Medeiros, padre Ricardo Liberalli e Ernani Fiori. Em nosso estudo, daremos especial atenção à figura de Anor Butler Maciel, pois, ao mesmo tempo em que escrevia obras doutrinárias, também era diretor do periódico *O Integralista*.

De acordo com Lia, não só jornais integralistas ofereceram espaço para a propagação do pensamento antissemita dos membros da AIB. Como foi visto acima, *Correio do Povo*, *Diário de Notícias*, *Diário Popular* e *A Opinião Pública* também tiveram suas páginas utilizadas para tal fim. É interessante evidenciar uma nota assinada por Anor Maciel no *A Opinião Pública* de 14/01/1941, onde o integralista alertava para o problema dos imigrantes judeus reunirem-se em bairros “próprios” (“ghetto”), necessitando um controle e uma observação. Interessante, já que em 1941 a AIB estava extinta havia quatro anos do cenário político nacional, tendo alguns de seus membros sido presos ou exilados. Contudo, deve-se levar em conta que Maciel, na data de publicação da nota, era procurador geral do Rio Grande do Sul. Lia observa com atenção ainda a atuação do jornal *Estrella do Sul*, publicação católica, mas, para a autora, um mecanismo constante de divulgação das opiniões integralistas, assim com a revista *Unitas*. O padre Ricardo Liberalli (mais tarde viria a ser Monsenhor) seria um dos mais ativos defensores da marcha antissemita no periódico.

Analisando o estabelecimento de imigrantes judeus em Porto Alegre e suas relações com o espaço e os habitantes da cidade no período 1937-1945, Débora Taísa Krebs<sup>146</sup> procura revelar a presença e as diversas formas de veiculação do antissemitismo na sociedade do período. Tendo por parâmetro depoimentos de imigrantes judeus da época, a autora destaca o antissemitismo presente nas atitudes de exclusão da população em relação aos judeus, no trabalho, na escola, no lazer,

---

<sup>145</sup> Ibid., p. 120.

<sup>146</sup> KREBS, op. cit.

interferindo na sociabilidade. Krebs demonstra ainda o antissemitismo disseminado pela imprensa porto-alegrense, em matérias de jornais como *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* e a na *Revista do Globo*. Uma das notícias, retirada do *Correio do Povo*, exalta a publicação do livro *A Questão Judaica* do padre e integralista João Passos Cabral.<sup>147</sup> A exploração da imagem – de cunho pejorativo – do judeu através de caricaturas é um tema também explorado pela autora, ao referir-se à *Revista Careta*, publicação não oficial e de circulação semanal no Rio de Janeiro. As charges impressas na revista, ao tratar-se da vida e do cotidiano dos judeus, os apresentavam estereotipados física e moralmente: altos, magros, com nariz adunco e sempre prontos a negociar em qualquer situação.

---

<sup>147</sup> KREBS, op. cit., p. 151.



## **CAPÍTULO II**

### **O antissemitismo integralista: Gustavo Barroso e seus seguidores**

## CAPÍTULO II – O ANTISSEMITISMO INTEGRALISTA: GUSTAVO BARROSO E SEUS SEGUIDORES

### 2.1. A ideologia integralista

#### 2.1.1. Ligeira revisão da ideologia integralista

A ideologia do movimento integralista apresenta, a partir do Manifesto de Outubro e das obras produzidas pelos principais teóricos, concepções a respeito de elementos bem determinados, a fim de orientar a vida dos militantes. Os elementos seriam, por exemplo: o ideal de homem, de sociedade, de revolução “integral”, de nacionalismo.

Em relação ao homem e à sociedade, conforme Hégio Trindade, a ideologia integralista se apoia em dois postulados doutrinários: o do humanismo espiritualista e o da harmonia da vida em sociedade.<sup>148</sup> A partir do humanismo espiritualista se concebe a percepção da vida social voltada para um retorno ao ideal medieval de sociedade harmoniosa: “Todos os homens são suscetíveis de harmonização social e a superioridade que existe acima dos homens é a sua comum e suprema finalidade”.<sup>149</sup> Para haver harmonia social seria necessário uma organização hierárquica da sociedade, em função das diferenças naturais entre os homens. Harmonia e hierarquia seriam indissociáveis.<sup>150</sup> Já o fundamento espiritualista da ideologia integralista estaria inspirado na concepção tradicional da doutrina social católica.

Neste aspecto doutrinário o integralismo aproxima-se muito mais dos fascismos conservadores – o português (Salazarismo), o espanhol (Falange Espanhola) e o belga (Rexismo) – que do espiritualismo vago do fascismo italiano ou do agnosticismo nacional-socialista alemão.<sup>151</sup>

Dessa maneira, a concepção do homem e da sociedade integra-se através da definição da finalidade histórica do integralismo, que quer modelar o homem, a sociedade, a nação e a humanidade de uma maneira integral. Entretanto, como aponta

---

<sup>148</sup> TRINDADE, op. cit., p. 209.

<sup>149</sup> SALGADO, Plínio. Manifesto de Outubro de 1932, p. 1-7. In: *A Doutrina Integralista*. Porto Alegre, AIB, Província do Rio Grande do Sul, s. d., 14pp. Citado por TRINDADE, Ibid., p. 209.

<sup>150</sup> TRINDADE, op. cit., p. 209.

<sup>151</sup> Ibid., p. 209.

Trindade, o ideal da harmonia social não é um fato permanente na evolução da história da humanidade. O movimento integralista terá como principal apoio uma interpretação maniqueísta da história e da evolução da humanidade, confrontando-se o homem contra o homem, o bem contra o mal, o materialismo contra o espiritualismo.

No materialismo tínhamos a preocupação com a riqueza e com a satisfação dos impulsos corporais como a meta fundamental, enquanto o espiritualismo implicava no estabelecimento de uma sociedade a tal ponto obcecada pela realização da justiça social que, para acabar com as desigualdades, propunha a eliminação de todas as diferenças que separavam os homens.<sup>152</sup>

Tanto Plínio Salgado quanto Gustavo Barroso irão desenvolver uma interpretação integralista global da história da humanidade, nas obras *A Quarta Humanidade* e *O Quarto Império*, respectivamente. Salgado vai identificar, em sua obra, três distintas civilizações. A primeira, nomeada de politeísmo, é marcada pela justaposição, pela convivência paralela do espiritualismo e do materialismo. A esta tentativa – frustrada – de coexistência pacífica dos opostos irão se seguir duas outras civilizações, a monoteísta e a ateísta, caracterizadas, respectivamente, pela adesão aos valores do espírito e da matéria.<sup>153</sup> As civilizações monoteísta e ateísta darão origem ao advento da “Quarta Humanidade”, onde acontecerá a síntese, e se realizará o “Homem Integral”. *O Quarto Império*, de Barroso, iremos analisar mais detalhadamente ao longo do capítulo.

A revolução, para os teóricos integralistas, se faria por rupturas e pelo conseqüente restabelecimento do equilíbrio. Nesse sentido, seria um instrumento para destruir o equilíbrio da sociedade em crise e, ao mesmo tempo, fonte de um novo equilíbrio. A doutrina integralista de “revolução”, segundo Trindade, será desenvolvida mais sistematicamente por Salgado, e repousa sobre a ideia de que há na história dois tipos de fenômenos: de um lado, as “realidades objetivas” da sociedade, determinadas pelos “fatos históricos” (“idéia-matéria”), e do outro, elementos “subjetivos”, criados pela “imposição das ideologias e das doutrinas (“ideia-força”). A revolução é a conjunção entre a “ideia-força” e os “fatos históricos” na perspectiva de seu

---

<sup>152</sup> ARAÚJO, op. cit., p. 105.

<sup>153</sup> Ibid., p. 105-106.

desenvolvimento.<sup>154</sup> Em seus aspectos fundamentais, a revolução integralista é, simultaneamente, ética, elitista e heróica.

*Ética*, porque um ato moral é subjacente ao processo revolucionário: a busca humana do absoluto. (...). *Elitista*, porque não procede das “massas” sempre inconscientes, mas do homem excepcional que encarna a nova idéia engendrada pela elite. (...). *Heróica*, enfim, porque simboliza “a força, a juventude e o heroísmo”: “A Revolução é um ato de força, pois, de juventude. O movimento revolucionário é um movimento de juventude, de eterna juventude de heróis”.<sup>155</sup>

Por último, o nacionalismo, sem dúvida, é a ideia-força principal da ideologia que se impõe pela leitura do Manifesto, e cujo conteúdo é mais cultural do que econômico.<sup>156</sup> Os inimigos a serem combatidos pelo nacionalismo integralista encontram-se especialmente no campo político-social e no campo econômico-cultural. Dentro do primeiro, a crítica integralista centra-se na organização jurídica do Estado Liberal, porque “enquanto existirem Estados dentro do Estado; partidos políticos fracionando a Nação; classes lutando contra classes, indivíduos isolados exercendo a ação pessoal nas decisões do governo”<sup>157</sup>, o Brasil não poderá realizar uma união entre os seus “filhos”. Quanto ao segundo, as críticas estão ligadas à influência estrangeira, encontrando no cosmopolitismo o principal inimigo do nacionalismo, pois, na visão de Salgado, os lares estariam impregnados de estrangeirismos, engrandecendo o que é de fora e desprezando as iniciativas nacionais. Interessante frisar, assim como Trindade, a diferenciação entre os “nacionalismos” defendidos pelos ideólogos integralistas no topo do movimento.

O nacionalismo de Salgado é o mais ligado ao contexto nacionalista dos anos 20, e, apesar de uma politização crescente de seu conteúdo, permanecerá fiel aos mesmos temas: a exaltação do homem e da terra, da nova raça em formação, da busca no passado dos fundamentos da civilização brasileira. Apesar da existência de elementos econômicos, o nacionalismo de Salgado permanece, sobretudo, sentimental e

<sup>154</sup> TRINDADE, op. cit., p. 215.

<sup>155</sup> Ibid., p. 218.

<sup>156</sup> Ibid., p. 220.

<sup>157</sup> SALGADO, Plínio. Manifesto..., op. cit., p. 1. Citado por TRINDADE, Ibid., p. 219.

literário.<sup>158</sup> Entretanto, o nacionalismo integralista contém ainda uma dimensão econômica e antiimperialista, explicitada nos livros de Miguel Reale e Gustavo Barroso.

Com Barroso o nacionalismo econômico adquire conteúdo antissemita, enquanto Reale, que vinha do marxismo, situa-se numa posição essencialmente econômica.<sup>159</sup>

### 2.1.2. O combate integralista aos judeus

Como mostrou o pioneiro estudo de Hélio Trindade, o antissemitismo da Ação Integralista forma um cenário complexo. Em sua pesquisa, Trindade apontou os principais “motivos de adesão” dos militantes, tendo por base um questionário feito diretamente aos ex-integrantes do movimento. Figura como “motivação principal”, justificando a adesão de cerca de dois terços dos integralistas, o anticomunismo.<sup>160</sup> O antissemitismo ficou em último lugar. Para Trindade, esses dados apontam uma fraca tradição antissemita no Brasil, antes da fundação da AIB. E, de outro lado, que a influência do antissemitismo de Barroso sobre os integralistas dá-se no interior do movimento.<sup>161</sup>

De acordo com Trindade, o antissemitismo não é um tema que estabeleça consenso entre os ideólogos integralistas.

Gustavo Barroso é praticamente o único teórico de uma corrente antissemita radical, ao passo que os outros doutrinadores, sem contestar aspectos nocivos da ação judaica, especialmente ao nível das finanças internacionais, parecem mais reticentes em aceitar a tese de que se pode reduzir o conjunto dos adversários do movimento ao judaísmo.<sup>162</sup>

Para corroborar essa hipótese, Trindade expõe uma conhecida carta escrita por Plínio Salgado a Gustavo Barroso, na revista *Panorama*, do dia 24 de abril de 1934. Segundo Trindade, a carta demonstraria o tom mais moderado de Salgado, fazendo frente ao radicalismo de Barroso:

<sup>158</sup> TRINDADE, op. cit., p. 220-221.

<sup>159</sup> Ibid., p. 223-224.

<sup>160</sup> Ibid., p. 160.

<sup>161</sup> Ibid., p. 161.

<sup>162</sup> Ibid., p. 252.

Não sustentamos preconceitos de raça; pelo contrário, afirmamos ser o povo e a raça brasileiros tão superiores como quaisquer outros. Em relação ao judeu não nutrimos contra essa raça nenhuma prevenção. Tanto que desejamos vê-la em pé de igualdade com as demais raças, isto é, misturando-se, pelo casamento, com os cristãos. (...). Quanto ao capitalismo judeu, na realidade, ele não existe como tal. O que se dá é apenas uma coincidência: mais do que 60% do agiotismo internacional está nas mãos israelitas. Isso não quer dizer que sejam eles os responsáveis exclusivos pelas desgraças atuais do mundo. (...). A animosidade contra os judeus é, além do mais, anticristã e, como tal, até condenada pelo próprio catolicismo. A guerra que se fez a essa raça, na Alemanha, foi, nos seus exageros, inspirada pelo paganismo e pelo preconceito de raça. (...). Não podemos odiar uma raça da qual saiu Jesus Cristo. (...). O problema do mundo é ético e não étnico.<sup>163</sup>

Contudo, a nosso ver, o conteúdo da carta pode levar a duas interpretações. Poderia Salgado estar realmente defendendo os judeus, frente às acusações mais sustentadas pelos antissemitas, ou, sendo sutilmente irônico, ao afirmar que, mesmo representando a maior parte do “agiotismo”, os judeus não são culpados pelas desgraças atuais.

Ainda assim, explica Hélió, o antissemitismo incorporou-se à ideologia integralista de maneira considerável, visto a grande receptividade entre os militantes de base. Pelos dados de Trindade, 61% dos militantes locais “concordam muito” com o antissemitismo, enquanto apenas 13% “discordam muito”.<sup>164</sup> Conseqüentemente, quando teóricos e dirigentes integralistas criticam a tendência de Barroso, suas atitudes não significam uma posição neutra diante do problema judaico, mas uma rejeição ao radicalismo antissemita.<sup>165</sup> No entanto, o trabalho de Roney Cytrynowicz mostrou interessantes apontamentos, quanto ao antissemitismo nas obras ou nos discursos de Plínio Salgado e Miguel Reale. Mas, obviamente, Barroso representa o líder e a expressão maior de um pensamento antissemita no movimento integralista.

Visamos, em seguida, explorar a trajetória de Gustavo Barroso, até o momento em que adere à Ação Integralista, tornando-se o segundo na cadeia de comando. Após, discutiremos parte de sua produção intelectual, enfatizando suas obras produzidas enquanto estava engajado no movimento.

<sup>163</sup> *Panorama*, 1 (4-5), abril-maio. In: TRINDADE, op. cit., p. 252.

<sup>164</sup> *Ibid.*, p. 162.

<sup>165</sup> *Ibid.*, p. 252.

## 2.2. O líder antissemita: Gustavo Barroso

### 2.2.1. Trajetória de Barroso

Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso nasceu em Fortaleza, em 29 de dezembro de 1888, filho de Antônio Felinto Barroso e Ana Dodt Barroso (sua mãe havia nascido na Alemanha). Gustavo Barroso ficara órfão da mãe aos sete dias de idade, tendo sido criado em por suas avós e tias paternas. Antônio Felinto foi tabelião e, juntamente com Capistrano de Abreu, Rocha Lima, Childerico de Faria, Frederico Borges e Araripe Jr. fundou a Academia Francesa do Ceará.<sup>166</sup> A origem de Barroso remonta a um tradicional clã rural em pleno declínio material, que participou ativamente dos principais acontecimentos políticos do Ceará entre 1840-1880.<sup>167</sup>

Entre seus primeiros anos de estudos até a chegada na Ação Integralista Brasileira, a trajetória de Barroso coincidiu com o desenvolvimento das burocracias intelectuais: a grande imprensa, os aparelhos políticos (assembléias locais e nacionais), os aparelhos partidários (os partidos republicanos). Gustavo não teria sofrido influência de uma tradição religiosa. Seu pai era agnóstico e o colégio onde estudava era laico. De acordo com Maio, sua religiosidade só vai ser despertada quando da entrada nas fileiras da AIB, o mesmo valendo para o seu antissemitismo<sup>168</sup>, aspecto sobre o qual nos aprofundaremos mais adiante. Não tendo por objetivo relatar detalhadamente a biografia de Barroso, mencionaremos os principais caminhos tomados pelo integralista até sua chegada ao movimento integralista, fixando-se como o líder da ala antissemita mais radical.

Gustavo ansiava na sua infância por seguir carreira militar, atividade ainda mal vista pelas elites da época, em especial as decadentes. Acaba por ingressar desta forma, sob pressão de sua família, na Faculdade de Direito, em 1907, e participa ativamente da vida cultural de Fortaleza, nos três anos seguintes, fundando jornais e associações literárias. No ano de 1910, Barroso transfere-se para o Distrito Federal, onde irá concluir seus estudos na Faculdade Livre do Rio de Janeiro, conseguindo mais tarde

---

<sup>166</sup> Círculo de intelectuais constituído nos anos setenta do século XIX, influenciado pelo positivismo, evolucionismo e materialismo, que questionava a cultura herdada e o sistema político vigente. MAIO, op. cit., p. 68.

<sup>167</sup> BARROSO, Gustavo. *Coração de menino*. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa, 1939, p. 165. Citado por MAIO, Ibid., p. 68.

<sup>168</sup> MAIO, op. cit., p. 68.

fazer parte do círculo intelectual do período, devido ao prestígio político obtido por seus ascendentes no Ceará. Publicará seu primeiro livro, *Terra do Sol*, em 1912, mesmo ano em que se filia ao Partido Republicano Conservador (PRC), no qual ficou até 1918.<sup>169</sup> Em 1915, com apoio de Pinheiro Machado, será eleito deputado federal na bancada cearense, ocupando o cargo até 1917, quando não conseguirá se reeleger. Com o apoio de Epitácio Pessoa, então Presidente da República, será encarregado, em 1922, da criação e direção do Museu Histórico Nacional, permanecendo no cargo até 1959, com uma breve pausa entre 1930-32. Para Maio:

A criação do Museu nos anos 20 adequava-se a um dos objetivos centrais de Barroso, encontrado também em diversos intelectuais deste período: a formação de uma identidade nacional que reconhecesse no presente a ponta extrema do passado.<sup>170</sup>

Após duas tentativas, Barroso irá ingressar na Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1923, exercendo posteriormente as funções de secretário e de presidente da instituição. Como explica Maio, Barroso não participará do cenário político na década de 20, voltando sua atenção para a estruturação do Museu, para as atividades na ABL e na imprensa, além de ampliar sua obra literária, com obras sobre folclore, contos e novelas.<sup>171</sup> Em seus escritos, fica destacado o seu perfil político conservador, assumindo atitudes contrárias diante das alterações do quadro republicano. Entretanto, na segunda metade da década de 20, esse perfil sofrerá uma mudança com a aproximação de Barroso ao recém criado Partido Democrático de São Paulo, ensaiando as primeiras críticas às fragilidades da democracia liberal brasileira (partidos oligárquicos dominantes, atuação do parlamento, manipulação das eleições, etc.).

No entanto, dura pouco a relação de Barroso com a dissidência paulista representada pelo Partido Democrático. O integralista irá participar das eleições de 1930, apoiando a chapa perrepista Júlio Prestes – Vital Soares, em oposição à Aliança Liberal.<sup>172</sup> Sofrendo derrota política após a Revolução de 30, Gustavo acabará sendo destituído da direção do Museu Histórico Nacional, situação revertida em setembro 1932 com apoio do próprio governo federal.

---

<sup>169</sup> Ibid., p. 71.

<sup>170</sup> Ibid., p. 74.

<sup>171</sup> Ibid., p. 74-75.

<sup>172</sup> Ibid., p. 77.



No primeiro semestre de 1933, Barroso irá ingressar na AIB, fato relacionado a um conjunto de preocupações ligadas à identidade nacional e às instituições da República, que fomentava a militância de parcela ponderada dos intelectuais dos anos 20 e 30.<sup>173</sup> Gustavo Barroso se tornará, ao lado de Plínio Salgado e Miguel Reale, um dos principais ideólogos da AIB, sendo considerado o segundo na cadeia de comando do movimento, atrás apenas de Salgado. Durante o 1º Congresso Integralista em 1934, realizado em Vitória, Barroso será encarregado do comando da milícia, estruturada, como explica Héglio Trindade, da seguinte maneira:

(...) a milícia se organiza em quatro seções: a primeira seção ocupa-se da correspondência, controle da organização (estatística, efetivo, disciplina) e justiça (inquéritos e promoções); a segunda seção, do serviço de informações; a terceira seção, da instrução militar e elaboração dos planos de operações militares; a quarta seção, do setor de material e serviços. Portanto, a função da Milícia não é apenas a de preparar os integralistas para os desfiles e a cultura física, mas desenvolver um verdadeiro treinamento militar, desde a instrução de *técnica, tática e moral* até a elaboração de planos de combate. Aliás, a instrução militar é compatível com as cinco armas militares que constituem a *tropa* integralista: infantaria, cavalaria, engenharia, artilharia e aviação.<sup>174</sup>

De acordo com Trindade, esta estrutura miliciana será transplantada, em 1936, para a organização da juventude (os “Plinianos”), quando o Departamento da Milícia transforma-se em Secretaria da Educação.<sup>175</sup> Ao lado das atividades paramilitares desenvolvem-se atividades esportivas, cívicas e de mobilização eleitoral. Maio entende que o ingresso de Barroso como comandante da milícia vinha ao encontro de seu perfil, em primeiro lugar pelo caráter militar da organização. Em segundo lugar, pelo ideal de mobilização, um dos aspectos mais importantes que informavam a pedagogia da milícia e que se identificava com a proposta de revolução integral de Barroso.

Ao assumir o Comando das Milícias, a militância de Barroso ganhou uma nova dimensão. Até então, sua atuação se restringia à contribuição para os fundamentos teóricos do movimento e às conferências que pronunciava. A partir do Congresso de Vitória, Barroso deixou de ser somente o ideólogo e o propagandista para ser, também, uma liderança política em íntima vinculação com as bases

---

<sup>173</sup> Ibid., p. 79.

<sup>174</sup> TRINDADE, op. cit., p. 187.

<sup>175</sup> Ibid., p. 187.

integralistas. Este novo quadro teve importantes implicações em pelo menos dois sentidos que se completam: na crescente competição com Plínio Salgado pela liderança do movimento e na radicalização de sua visão antissemita.<sup>176</sup>

### 2.2.2. Produção teórica de Barroso

Apontaremos, sequencialmente e de forma cronológica, parte da produção teórica de Gustavo Barroso, buscando resgatar as suas obras especificamente doutrinárias e de conteúdo antissemita produzidas durante o seu período de atuação na Ação Integralista Brasileira para, posteriormente, compreendermos a influência do líder integralista nas obras de autores secundários dentro do movimento.

Considerada a primeira obra de Barroso dedicada ao integralismo, em *O Integralismo em marcha*<sup>177</sup>, uma reunião de conferências realizadas no Rio de Janeiro, o autor procura explicar os fundamentos da AIB, ao mesmo tempo em que explana sua concepção a respeito da história da humanidade, alicerçada sobre duas correntes, uma ligada ao determinismo ou à fatalidade, outra à liberdade ou ao livre arbítrio, ambas inconciliáveis, senão por uma terceira corrente, a da manifestação de um destino superior, providencial no homem: espírito, intuição, inspiração, inteligência, moral, cultura.<sup>178</sup> Em nome da terceira corrente, os integralistas falariam com a pátria brasileira. Segundo Barroso, o integralismo é o rumo procurado pelo Brasil, “porque condena todas as imposturas da liberal democracia agonizante, sobretudo a mentira do voto, porque condena o materialismo grosseiro e instintivo do comunismo riscando um caminho novo e claro na paisagem milenar que o Homem vem percorrendo desde a gruta, a tenda e a cabana até o palácio, a catedral e o arranha céu, desde a aldeia e a cidade até o Estado e o Império”.<sup>179</sup>

Nesta obra, ainda sem fazer referências aos judeus, Barroso apresenta conceitos especificamente doutrinários, descrevendo o ideal proposto pelo “Estado Integral” e, da mesma maneira, os inimigos a serem combatidos, representados sobremaneira pela liberal democracia e pelo marxismo, que, nos trabalhos posteriores, Barroso associará

---

<sup>176</sup> MAIO, op. cit., p. 81-82.

<sup>177</sup> BARROSO, Gustavo. *O Integralismo em marcha*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.

<sup>178</sup> Ibid., p. 48.

<sup>179</sup> Ibid., p. 49-50.

diretamente à ação judaica, para ele, responsável pela propagação do comunismo e do capitalismo.

Com o fim de mostrar a amplitude dos movimentos de inspiração fascista pelo mundo, em *O Integralismo e o Mundo*<sup>180</sup>, publicado em 1934, Barroso procura, em um primeiro momento, citar os pontos de convergência e divergência entre esses movimentos. O autor adianta que, para ele, o integralismo brasileiro é o que contém maior dose de espiritualidade e um corpo de doutrina mais perfeito, indo desde a concepção do mundo e do homem à formação dos grupos naturais e à solução dos grandes problemas materiais.<sup>181</sup> Apresentando os pontos de contato entre o movimento integralista brasileiro com o fascismo italiano e com o nazismo alemão, Barroso afirma:

No terreno espiritual, são reações do espiritualismo contra o materialismo, do nacionalismo contra o internacionalismo, do idealismo cristão contra o naturalismo judaico-puritano. No terreno econômico, são reações da produção contra a especulação, da propriedade contra o capitalismo absorvente. No terreno social, são reações contra as doutrinas unilaterais do século XVIII e XIX, liberalismo e comunismo. No terreno moral, são reações do nobre sentido de trabalho honesto e sacrifício do cristianismo contra o sentido de gozo material e de utilitarismo sem honra da burguesia judaizada e paganizante.<sup>182</sup>

A partir desse trecho, na visão de Barroso, fica clara a presença do judeu nos terrenos a serem combatidos pelo integralismo, pelo fascismo e pelo nazismo. No entanto, o autor ressalta uma diferença entre os três movimentos: o Estado integralista seria profundamente cristão, enquanto os Estados fascista e nazista seriam anti-cristãos, o primeiro baseado no “cesarianismo” do Império Romano, e o segundo no exclusivismo racial. Dessa maneira, alicerçando-se na unidade da pátria e no espírito da brasilidade, o Estado integralista, conforme Barroso, combate os judeus, porque combate os racismos, os exclusivismos raciais, e os judeus são os mais irredutíveis racistas do mundo.<sup>183</sup>

Neste livro, Barroso considera Estados fascistas corporativos integrais de direito e de fato – na época de publicação do livro, em 1934 – a Alemanha, a Itália, a

---

<sup>180</sup> BARROSO, Gustavo. *O Integralismo e o Mundo*. Fac Símile da 1ª edição: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

<sup>181</sup> *Ibid.*, p. 15.

<sup>182</sup> *Ibid.*, p. 16.

<sup>183</sup> *Ibid.*, p. 17.

Áustria e Portugal. Todavia, além dos países citados, o integralista irá analisar a presença de movimentos fascistas no Afeganistão, na África do Sul, na Argélia, na Argentina, na Bélgica, no Brasil, na Bulgária, no Canadá, na Checoslováquia, no Chile, nos Estados Unidos, na Finlândia, na França, na Holanda, na Hungria, na Inglaterra, no Iraque, na Irlanda, na Iugoslávia, no Japão, na Letônia, no México, no Peru, na Polônia, na Romênia, na Rússia, na Suécia, na Suíça, na Turquia e no Uruguai.

À exceção da Finlândia, Bulgária, Checoslováquia, Chile, Irlanda, Japão, Peru, Rússia e Uruguai, de acordo com os dados trazidos por Barroso, nos outros países teriam crescido movimentos fascistas com objetivo de combater o judaísmo, tanto promotor de ideais comunistas quanto capitalistas.<sup>184</sup> Por exemplo, no Afeganistão:

O povo afegão, querendo defender-se de qualquer infiltração judaico-comunista que venha do Turquestão, hoje nas mãos dos Sovietes, está se organizando em ligas nacionalistas. Uma delas, no velho reino de Herat, coração da Ásia, conseguiu convencer o governo dos perigos do judaísmo. O resultado foi uma lei severa, de que a Europa tomou conhecimento graças a uma reportagem do jornal “Kurjer Polski” de Lvov, na Galícia, em seu número de 18 de maio de 1935. Segundo a mesma, os judeus serão obrigados a usar trajes especiais que os distinguem do resto da população, evitando que se misturem ou disfarcem.<sup>185</sup>

Já na Argélia, o movimento de inspiração fascista organizaria uma Liga contra as fraudulentas manobras dos judeus parasitários, ligados ao comércio de trigo e farinha e, como o integralismo, vestiria uma camisa verde.

Ainda recentemente, os Camisas Verdes argelinos tomaram uma atitude enérgica contra as explorações judaicas. Tendo prevenido os negociantes de trigo e farinha da região que não admitiriam mais a importação de trigo estrangeiro destinada a jogos de preço, foram enganados por aqueles, que continuaram a importação sob o pretexto de ser temporária. Fizeram, então, uma exigência mais formal e os negociantes cumpriram à risca a promessa de não importar mais grão do estrangeiro, moendo

---

<sup>184</sup> Contudo, segundo Barroso, os únicos países em que os movimentos fascistas não tocariam com certeza na “questão judaica” são: Checoslováquia, Japão e Peru. No primeiro não haveria realmente uma preocupação a este respeito. No Japão, o judaísmo não se infiltraria, pois bateria de frente com outro “exclusivismo”, o japonês. Por fim, no Peru, existiria um forte sentimento antinipônico, nos mesmos termos do antissemitismo alemão.

<sup>185</sup> *Ibid.*, p. 23-24.

somente o da região. Mas umas três casa judaicas continuaram desabaladamente o comércio de trigo estrangeiro.<sup>186</sup>

Nas últimas páginas da obra, Barroso ainda procura demonstrar como o movimento integralista está sendo visto em outros países, como Alemanha, França e Portugal, além de buscar um breve histórico de movimentos comunistas disseminados pelo mundo. Diferentemente do primeiro livro analisado, quando não aparece, o judeu é citado por Barroso em boa parte desta obra, como elemento desagregador, agente do capitalismo nas relações financeiras e, ao mesmo tempo, do comunismo, alvo a ser atacado por movimentos nacionalistas que pretendam manter a ordem e proteger-se do açambarcamento econômico.

Em outro conjunto de conferências, *O Integralismo de Norte a Sul*<sup>187</sup>, ao criticar o liberalismo, para Barroso, nascido da filosofia racionalista do século XVIII e destruidor dos restos da sociedade fundada na Escolástica, percebemos, em uma frase, o elemento que, para o autor, estaria por trás desses acontecimentos:

De mãos dadas, o espírito judaico e o espírito filosófico, haviam corroído, em nome dum direito natural racionalista, o princípio da autoridade.<sup>188</sup>

Nas primeiras páginas do livro já encontramos alusões aos judeus, primeiramente associados ao surgimento da liberal-democracia e como responsáveis pelas ações financeiras mundiais. O liberalismo trouxe, no entender de Barroso, a hipertrofia sucessiva e ilimitada do capital, provocada pela livre concorrência, a qual era um “embrião” na antiguidade, em que o lucro era um meio e não um fim, criança na idade medieval, em que a moeda se não reproduzia com virtude capitalizadora, senão na judiaria, adolescente no Renascimento, fez-se “homem” com a liberdade burguesa e acabou por tornar-se um “elefante”, esmagando tudo e levando as massas exploradas às doutrinas do desespero social.<sup>189</sup>

Abrindo as portas para a criação do comunismo, estaria o liberalismo, sendo ambos resultado do “velho materialismo judaico”, que vem desde muitos centenários

---

<sup>186</sup> Ibid., p. 29.

<sup>187</sup> BARROSO, Gustavo. *O Integralismo de Norte a Sul*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

<sup>188</sup> Ibid., p. 10-11.

<sup>189</sup> Ibid., p. 14-15.

solapando os alicerces da civilização cristã.<sup>190</sup> Toda corrente filosófica materialista do século XVIII corresponderia a movimentos políticos-intelectuais judaicos. Barroso, nesse ponto, aponta para Karl Marx, Engels, Bela Kun, Trotski e Lênin como os doutrinadores do comunismo, “uma traição nacional e de decomposição social, destinando-se a destruir a religião, o princípio de autoridade e a ideia de pátria, transformando-a em espírito odioso de classe”.<sup>191</sup>

O próximo livro de Barroso a ser retratado é *Brasil – Colônia de Banqueiros*<sup>192</sup>, a terceira obra integralista do autor, considerada o seu escrito de maior difusão e de conteúdo denunciativo essencialmente antisemita. A maior parte do livro é utilizada por Barroso para evidenciar o domínio dos banqueiros judeus sobre o Brasil, iniciado a partir dos primeiros empréstimos contraídos em 1824, após a independência, vindo daí a precária condição econômica e política do país na década de 30. Na primeira parte, *Os Empréstimos da Monarquia (1824–1889)*, desenvolvimento de uma conferência proferida em diversos estados, Barroso assegura estar o Brasil, logo depois de 1822, sob ordens do capitalismo internacional:

Livres de Portugal em 1822, não nos libertamos da metrópole comercial inglesa senão para lá de 1834, pois até esta data duraram os efeitos do tratado preferencial. E passamos a um jugo pior: fomos transformados em colônia da casa bancária judaica Rotschild, em colônia do super-capitalismo internacional, que não tem pátria e como que obedece a leis secretas de aniquilamento de todos os povos.<sup>193</sup>

Conforme o texto, existiria documentação para provar esses fatos, haja vista alguns escritos datados desde 1806<sup>194</sup>, denunciando o judaísmo como disfarçado organizador de seitas anti-cristãs, de sociedade secretas, de derrubada de tronos e do enriquecimento pela usura, com o fim de dominar o mundo.<sup>195</sup> Como uma das provas, Barroso apresenta os *Protocolos*, obra apócrifa traduzida e comentada por ele, como vimos no primeiro capítulo. Essa situação teria sido planejada em um processo de crise financeira, instalada nos grandes centros concentradores de capitais por um novo tipo de

---

<sup>190</sup> Ibid., p. 39.

<sup>191</sup> Ibid., p. 40-41. Segundo Barroso, todos os pensadores citados eram judeus, à exceção de Lênin, que não era, mas teria se casado com uma judia.

<sup>192</sup> BARROSO, Gustavo. *Brasil Colônia de Banqueiros. História dos empréstimos de 1824 a 1934*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

<sup>193</sup> Ibid., p. 14-15.

<sup>194</sup> Segundo Barroso, assinados pelo autor Sismondi.

<sup>195</sup> Ibid., p. 15.

“imperialismo”: o capitalismo, que foge aos impositivos nacionais, tornando-se um destruidor de todas as pátrias.<sup>196</sup> O culpado pelo fortalecimento desse “imperialismo capitalista” seria o Estado liberal-democrático, facilitando tudo ao capital e atentando contra os princípios da civilização cristã.

O capitalismo é hoje, no mundo, um permanente proletarizador das massas, um contínuo transmutador de valores morais, um açambarcador de economias privadas, um opressor da agricultura, da indústria e do comércio, tudo submetendo ao seu império.<sup>197</sup>

A organização capitalista agiria penetrando no organismo das nações, “escravizando” o governo através de “favores” (leia-se empréstimos), tornando-o devedor. Logo, esse sistema não se utilizaria de exércitos, mas de banqueiros. Dessa maneira, o sistema capitalista seria um “polvo”, lançando seus tentáculos aos povos, com o intuito de aniquilá-los, e o Brasil teria se entregado a esse “polvo” já no início da independência, contraindo o primeiro empréstimo. O empréstimo acabaria sendo dividido em dois: a primeira parte cabendo às casas bancárias Farquhar Chrawford & C., Fletcher, Alexander & C. e Thomas Wilson & C; a segunda parte à Nathan Mayer Rotschild. Nesse momento, Barroso conclama para que a verdade seja dita ao povo brasileiro, não podendo mais considerar a casa Rotschild como amiga do Brasil, erro que ele mesmo haveria cometido e se penitenciara por isso, ao saudar o escritor teatral Barão Henri de Rotschild, em um discurso na Academia Brasileira de Letras. A história do enriquecimento de Nathan Mayer Rotschild é contada por Barroso, ao apoiar-se em um escrito do autor Chamberlain:

Nathan Mayer Rotchsild! Este nome está preso a toda engrenagem financeira mundial do começo do século. Seu portador assiste, de longe, a batalha de Waterloo, vê a derrota de Napoleão, corre à costa belga, paga a peso de ouro um barco dum pescador, atravessa a Mancha, em pleno temporal, arrebenta cavalos até alcançar Londres e surge na Bolsa com a mais tranqüila fisionomia deste mundo. Todos pensam que deve estar ao par de novas terríveis da guerra, pois nada ainda transpirava do fatal encontro de Napoleão com Wellington e Blücher. Só ele o conhecia e de *visu*. O pânico ganha os portadores de ações, de bônus e de apólices. Baixa pavorosa! Os agentes de Nathan compram tudo por dez reis de mel coado. Mais tarde chega a notícia da estrondosa vitória e todos aqueles papéis, como é natural, sobem vertiginosamente. Estão na quase totalidade em mãos da casa

---

<sup>196</sup> Ibid., 16-17.

<sup>197</sup> Ibid., p. 17.

Rotschild que realiza um ganho colossal e, à sombra dessa formidável riqueza começa a dominar a Europa.<sup>198</sup>

Sendo assim, afirma Barroso, cairia a maior potência política da época, figurada no império de Napoleão, para nascer o “império argentário de Rotschild”, a maior potência financeira de todos os tempos.<sup>199</sup> Não obstante, o “argentarismo judaico” estaria regendo as ações financeiras mundiais e, assim, controlando as medidas tomadas pelos governantes, desde há muito tempo. Antes dos Rostchild, teriam tomado parte nesse processo, por exemplo: João, o Bom (na Itália do século X); os Fugger e os Welser (na Alemanha do século XIV, assegurando a eleição de Carlos V). Barroso cita esses nomes, e articula esses fatos sem grandes detalhamentos, dando a entender que está apenas retirando suas declarações de obras escritas por autores estrangeiros, como Ehrenberg (*Zeitalter der Fugger*), Ludwig Keller (*Die Anfänge der Reformation und die Ketzerschulen*), Shoenhof (*A history of money and prices*) e Chamberlain (*Die Grundlagen des zwanzigste [sic] Jahrhunderts*). Consideramos aqui, mais uma tentativa do autor em dar um tom de seriedade a seu trabalho, buscando demonstrar embasamento teórico. Essa atitude não será restrita apenas a este livro, como mostra Roney Cytrynowicz, ao analisar *O Quarto Império*:

A suposta cientificidade do texto de Barros procura fundamentar-se na citação exaustiva, massiva, de autores igualmente antissemitas e em versões do suposto complô [judaico], como se a referência a estes autores desse veracidade, verossimilhança, às denúncias de Barroso, como se esse fosse o passado fundador que autoriza a invulnerabilidade pretendida do discurso.<sup>200</sup>

Importante salientar que, mesmo o integralista examinando o judaísmo ligado aos trâmites do capitalismo ou das prerrogativas econômicas, ele não esquece a ligação com o comunismo, representado na figura de Trotski, como vemos na epígrafe de seu livro: “Trotski e Rotschild marcam a amplitude das oscilações do espírito judaico; estes dois extremos abrangem toda a sociedade, toda a civilização do século XX” (opinião do judeu Kadmi citada em Léon de Poncins – *As Forças Secretas da Revolução*). Entretanto, a associação judaísmo – comunismo aparecerá com menos intensidade,

---

<sup>198</sup> Ibid., p. 26-27.

<sup>199</sup> Ibid., p. 27.

<sup>200</sup> CYTRYNOWICZ, op. cit., p. 88.



tendo em vista o assunto retratado. Esta associação foi e será discutida pelo autor em outras obras.

Concluído o que seria todo o panorama explicativo do poder exercido pelos banqueiros ou argentários judeus no mundo ao longo da História, Barroso volta sua atenção ao processo de independência do Brasil, para ele, o início da subordinação do povo brasileiro ao poderio do capitalismo internacional, naquele período, representado pela casa bancária Rotschild. O autor, para esclarecer como se deu a acumulação das dívidas contraídas no período do Império no Brasil, traz ao leitor uma exaustiva análise de números, dados, descrições de contratos, nomes, contas, etc. Partilhamos a mesma opinião de Cytrynowicz ao comentar a obra, mais especificamente quanto a esta parte descritiva feita por Barroso:

É efetivamente impossível acompanhar estas contas, seguir qualquer raciocínio. Mas a construção do livro é feita de tal forma que não interessa acompanhar as contas; elas pretendem se impor, como provas das acusações que estão sendo feitas, como imagens, imagens sonoras, rítmicas, imagens de crise. (...). O leitor fica como que hipnotizado pela sonoridade dos nomes, nesse livro ocorre um massacre de números que de tão repetidos deixam de fazer qualquer sentido enquanto números.<sup>201</sup>

Portanto, o uso da ampla quantidade de informações procura transformar essa quantidade em qualidade, fazendo os números parecerem verossímeis, uma característica dos livros de Barroso. No restante da obra, o autor irá trazer ainda informações quanto a empréstimos contraídos durante o período da República, e também pelos estados e pelos municípios, mostrando, ao final, os esquemas explicativos com números. Para termos ideia da abrangência do pensamento antisemita de Gustavo Barroso, dentro do movimento integralista, julgamos ser esta obra de fundamental importância, considerando a grande quantidade de referências feitas a ela e às repetidas afirmações antisemitas proferidas pelos militantes em livros e periódicos (“capitalismo judaico internacional”, “argentários judeus”, “banqueirismo judaico”, “internacionalismo judeu”, etc.).

Considerada por Marcos Chor Maio a mais importante obra da fase integralista de Barroso, *O Quarto Império*<sup>202</sup> traz, na interpretação do líder integralista, os principais

---

<sup>201</sup>Ibid., p. 80.

<sup>202</sup>BARROSO, Gustavo. *O quarto império*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

períodos que compõem a história da humanidade, caracterizando-os e, ao mesmo tempo, revelando as forças definitivas dos caminhos a serem trilhados pelos homens.<sup>203</sup> Cada período tem um animal como símbolo: a Teocracia-Arbitral (carneiro), a Política-Arbitrária (loba), a Economia-Material (capricórnio) e a Síntese Econômica-Política-Espiritual, a Soma (cordeiro).<sup>204</sup> Faremos, nessa parte, algumas referências à análise feita por Maio, pois o autor utiliza-se da obra como principal referência para a compreensão do antissemitismo de Gustavo Barroso.

O conteúdo de *O Quarto Império* exhibe, inicialmente, os primórdios da história da humanidade, dividindo-se por um quadro racial: raça negra, raça vermelha, raça amarela e raça branca. A descrição feita por Barroso dará maior espaço ao estudo da raça branca, seu aporte civilizatório, sua distribuição espacial e as diversas ramificações advindas das migrações.<sup>205</sup>

Tendo conquistado o continente europeu após lutas contra a raça negra e a raça amarela, os grupamentos da raça branca, segundo Barroso, caracterizavam-se pelo altruísmo, pela monogamia “quase geral”, sociabilidade, vocação para os apostolados e conservação dos valores familiares. Essas qualidades levariam a raça branca a fundar um império abrangendo a Europa, a Ásia e a parte norte da África, que teria como símbolo o Carneiro, Áries, sendo os brancos, dessa maneira, chamados de arianos. O Império do Carneiro seria guiado pela moral e pelo saber, e preservava um ordenamento econômico, social e político considerado ideal, tendo isso acontecido a partir do surgimento de um líder, chamado Ram.

Entretanto, a partir de brigas internas pelo poder e questionamentos dos dogmas religiosos, o império iria dividir-se, transformando os homens em seres atomizados, movidos pelas paixões, pelas visões aparentes e parciais da sociedade, cujo resultado foi a configuração hobbesiana da “guerra de todos contra todos”.<sup>206</sup> Rompendo-se a estrutura do Império do Carneiro, embasada na autoridade religiosa e moral, e no poder militar e civil, veio à tona o Império da Loba, configurado pelo individualismo e pela força, tendo em Roma a expressão maior deste império. Pela carência de uma base espiritual e, apoiando-se apenas na violência, o Império da Loba tornou-se fraco, não conseguindo construir uma liderança estável.

---

<sup>203</sup> MAIO, op. cit., p. 104.

<sup>204</sup> CYTRYNOWICZ, op. cit. p. 87.

<sup>205</sup> MAIO, op. cit., p. 105.

<sup>206</sup> Ibid., p. 107-108.

Para Maio, Barroso apoia-se em uma visão poligenista da história da humanidade, assinalando a presença de quatro raças, localizadas em regiões distintas, e com a afirmação do sentido ímpar de cada raça, suas qualidades específicas, que não se confundiriam com as das demais raças. Essa visão, segundo Maio, aproxima Barroso do pensamento nazista, destacando-se também Voltaire por essa linha de interpretação. Já o povo judeu, na versão barrosiana, teria sofrido influência da raça ariana no momento de sua criação.<sup>207</sup>

Da estirpe de Ram se declararam os mais pobres entre os antigos. Os Ramessidas egípcios, progênie de Sethos o etrusco, eram seus sucessores: Ram-sés. Os Abramidas da Caldéa que iniciaram o povo israelita no monoteísmo, também: Ab-ram, Abraham, Abraão.<sup>208</sup>

Como foi analisado, o decadente Império do Carneiro teria dado lugar ao Império da Loba (simbolizado em Roma), estruturado a partir da violência e da opressão, tornando-se fraco em termos espirituais e, por isso, vindo a decair. No período de maior enfraquecimento do Império da Loba, surgiria o Cristianismo, o poder espiritual que lembraria o antigo Império do Carneiro, alicerçado no triunfo da Vida Espiritual sobre a Matéria, trazendo conciliação entre os segmentos da sociedade. O Cristianismo floresceria graças às invasões dos celtas, germanos e escandinavos, pilares da raça branca, aos poucos convertidos à religião de Cristo. Este período corresponderia ao auge da Idade Média, sendo denominado por Barroso de “síntese medieval”. Contudo, essa ordem encontraria resistência em dois elementos, que perturbariam por séculos o ritmo da civilização e seriam originários do Império da Loba: o Direito Romano e o povo judeu.

O Direito Romano, que se alicerçava aparentemente em três conceitos morais, porém se tornara o direito do forte, opressor, individualista, formalista, sem alma; e um povo parasitário e perturbador, dissolvente e negativista, carregado de ódio e descarregado de escrúpulos (...).<sup>209</sup>

---

<sup>207</sup> Esse entendimento acerca da precedência da raça ariana por Barroso, explica Maio, difere da leitura feita pela tradição judaico-cristã do Velho Testamento. O líder integralista haveria se baseado em autores franceses e alemães do século XIX, que indicam uma história singular da raça ariana, trazidos à tona especialmente com o surgimento do nazismo.

<sup>208</sup> BARROSO, op. cit., p. 25.

<sup>209</sup> Ibid., p. 77.

Para Barroso, o espírito judaico não se presta, nem nunca se prestou a nenhuma grande organização civil, militar ou religiosa, logo, incapaz de criar um Estado. O povo judeu, desde o primeiro dia, estaria “errando” por terras alheias e nelas enriquecendo sem escrúpulos, fazendo com que, por toda a parte, se erguesse um clamor contra si. Entregue ao “culto do Bezerro de Ouro”, os judeus, divididos e dispersos, mas organizados secretamente, levariam a todas as civilizações, para as quais migrem, o ódio da impotência e o messianismo político e social.<sup>210</sup> A tentativa de voltar à Idade de Ouro de Ram, por mais forte que fosse a fé dos papas e povos cristãos medievais, não se concretizou, devido à atuação do “cesarianismo” romano, de um lado, e do judaísmo, de outro, manifestando-se no mercantilismo e no envenenamento das ideias. A pá de cal no Estado Cristão Totalitário é representada, de acordo com Barroso, pelo Renascimento, com a volta ao paganismo pela cultura clássica e pela arte clássica, arrancando a sociedade europeia de seus lineamentos teocêntricos estabelecidos pelo Cristianismo, lançando-a no humanismo, no antropocentrismo.<sup>211</sup> Sendo assim, começaria o Império do Capricórnio (da confusão, dos instintos, da animalidade), tendo como marco inicial a Revolução Francesa, criando o “dissolvente liberalismo burguês”, que ultimou a separação do Estado e da sociedade, desmoralizando ambos.<sup>212</sup>

A atuação da Ordem dos Templários, grupo originário da Idade Média, teria sido essencial para a Revolução Francesa, formando o panorama para o Império do Capricórnio. Os templários, explica Barroso, na época das Cruzadas, acabariam sofrendo a influência judaica (judeus cabalistas da Palestina) e, a partir daí, ensaiariam um plano para a dominação mundial. O plano não seria executado pela repressão encontrada na figura do rei Felipe o Belo e, mais tarde, os templários formariam, sob as cinzas do Grão-Mestre Jacques Molay, uma imensa sociedade secreta: a Maçonaria. Os maçons, a mando dos judeus, conspirariam para destruir a cristandade, a realeza francesa, criar o racionalismo e o individualismo, armas fundamentais para a derrubada do Antigo Regime.<sup>213</sup> Posteriormente, a partir do individualismo e do materialismo, os judeus criariam o liberalismo, inspirando o desenvolvimento capitalista, fazendo com que predominassem as ações monetárias, alienando o homem. Levando as massas operárias ao desespero, através das explorações financeiras, os intelectuais judeus (Karl

---

<sup>210</sup> Ibid., p. 79-80.

<sup>211</sup> Ibid., p. 88.

<sup>212</sup> Ibid., p. 96.

<sup>213</sup> MAIO, op. cit., p. 124.

Marx, por exemplo) inventariam o comunismo, com o objetivo aparente de ir ao encontro dos anseios dos oprimidos.

Surgiriam, então, as duas vertentes criadas pelos judeus para subjugar a civilização: liberalismo e comunismo. Enganando o operário com a solução comunista, o denominado complô judaico-maçônico chegou ao ápice de sua dominação com a Revolução Bolchevique de 1917, quando se realizou plenamente o Império do Capricórnio.<sup>214</sup> Entretanto, no entender de Barroso, era possível resgatar a humanidade dessa situação caótica, promulgando uma “revolução interior”, buscando na espiritualidade os antigos valores medievais perdidos no tempo. A revolução proposta por Barroso fundaria o Império do Cordeiro, a síntese econômica-política-espiritual, libertando o ser humano do domínio da matéria para ascender aos “páramos” da espiritualidade.<sup>215</sup>

*A sinagoga paulista*<sup>216</sup>, outra obra antissemita e de grande difusão na década de 30, traz uma coletânea de textos escritos por Barroso, procurando demonstrar que “o Brasil não passa de Colônia de judeus vorazes, que são misteriosamente auxiliados nas suas negociatas e empreitadas por individualidades das altas esferas nacionais”.<sup>217</sup> O integralista busca apontar o estado de São Paulo como ativo mantenedor dos interesses judaicos, principalmente ligados ao capitalismo e ao “banqueirismo” internacional, se transformando numa “sinagoga”. Porém, as ações conspiratórias, também estariam ligadas aos *banqueiros internos que não perdem tempo em ordenhá-lo [Brasil], como boa vaca leiteira que é*.<sup>218</sup> Para corroborar essas afirmações, Barroso apresenta alguns acontecimentos, um deles, a fundação da Companhia Nitro-Química Brasileira.

De acordo com Barroso, um grupo de judeus, encabeçado por Numa de Oliveira, o qual seria agente no Brasil de banqueiros internacionais, e pelo “judeu puro-sangue” Horácio Lafer (deputado federal por SP), haveria descoberto nos EUA uma fábrica de produtos químicos paralisada, em função da crise. Esboçaram então, um plano de trazê-la para o Brasil, cedendo metade das ações da futura companhia, que seria fundada em SP, aos antigos proprietários do maquinário. Os incorporadores da futura companhia pleiteariam, junto ao governo federal, isenção de impostos para a entrada das máquinas, conseguindo isso com certa facilidade, tanto pela influência

---

<sup>214</sup> Ibid., p. 127.

<sup>215</sup> BARROSO, op. cit., p. 173.

<sup>216</sup> BARROSO, Gustavo. *A sinagoga paulista*. 2ª edição. Rio de Janeiro: ABC, 1937.

<sup>217</sup> Ibid., p. 9.

<sup>218</sup> Ibid., p. 59.

internacional dos judeus Numa de Oliveira e Lafer, quanto pela figura do “semi-judeu” Armando Sales de Oliveira (para Barroso, Armando *Moretzsohn* Sales de Oliveira), interventor do estado de São Paulo e, segundo Barroso, mais atento aos interesses do “grupo” do que aos do país.<sup>219</sup> Percebemos em Barroso, nesses trechos, uma constante de seu pensamento em livros doutrinários: ao tratar sobre supostas conspirações nacionais ou internacionais, quem não era judeu estava ligado a interesses judaicos, a quem Barroso irá chamar, em certos momentos, de “judaizante”.

O integralista não acusa Getúlio Vargas por aprovar a isenção dos impostos, chamando-o de inocente em matéria de judaísmo, mas enfatiza que, além das tarifas protecionistas e do câmbio aviltante, o governo ainda dá de mão beijada esses presentes ao judaísmo interno. O Brasil, aponta Barroso, “é o paraíso dos judeus”.<sup>220</sup>

Mesmo fazendo ligação entre o judaísmo e as ações financeiras locais (capitalismo), o autor, como em outros livros, não deixa de relacionar o judaísmo ao comunismo:

Sufocada a monstruosa e treda revolta comunista de 27 de novembro, quem haveria de dar entrevistas melífluas à imprensa classificando esse movimento de “triste página escrita em nossa história”? O deputado da Sinagoga Horácio Lafer, judeu puro-sangue e um dos beneficiários da concessão da Nitro-Química. Ora, justamente um dos que lesam o país, contribuindo para a miséria do brasileiro e o estímulo do comunismo, é que vem, pelas colunas da *Folha da Noite*, simular preocupação pelas vítimas de seus próprios manejos!<sup>221</sup>

E ainda, citando o *Correio da Manhã*, Barroso salienta ser a fábrica Nitro transformável em fábrica de munições, atendendo diretamente a dois interesses judaicos: bom negócio à conta das finanças e fábrica de munições incubada, destinada a fornecer o material bélico necessário à concretização da guerra civil, com que ameaça o comunismo, criado, regado e adubado em SP pelos mesmos judeus industriais.<sup>222</sup> O integralista utilizará trechos retirados do livro de Henry Ford (*O Judeu Internacional*) e dos *Protocolos* para exemplificar a ação judaica na vida paulista e nacional, aludindo também a outras personalidades, como Roberto Simonsen, sobre o qual Barroso discorrerá mais detalhadamente em outros capítulos:

---

<sup>219</sup> Ibid., p. 9-10.

<sup>220</sup> Ibid., p. 10-11.

<sup>221</sup> Ibid., p. 11-12.

<sup>222</sup> Ibid., p. 12.

Os insaciáveis judeus da Sinagoga Paulista contrariados momentaneamente em todas as suas pretensões pela revolução de 1930, aliaram-se a políticos despeitados e ambiciosos e envenenaram o povo paulista contra o governo central e o resto do Brasil, conduzindo-o à guerra civil de 1932. Fizeram crer à mocidade que o Sr. Getúlio Vargas era inimigo de São Paulo, aplicando o processo judaico a que alude Ford: “incitar o ódio contra as pessoas a quem se quer aniquilar”. Entretanto, nós integralistas, técnicos por dever de ofício, sabemos que os únicos inimigos de São Paulo são os judeus que o sugam, pronunciando frases amáveis e belas ou fazendo afirmações acacias e ocas.<sup>223</sup>

(...)

Vejamos ainda dois pedacinhos de ouro dos “Protocolos” que sobremodo elucidam entre nós a ação nefasta da Sinagoga paulista: “...levantaremos *novos problemas*, que, aparentemente, se liguem ao bem público, como por exemplo, *problemas econômicos*”. Estudem-se as valorizações do café e suas conseqüências, examine-se o projeto Simonsen, do Instituto de Exportação, e se verá como o plano dos “Protocolos” foi obedecido. “Produzimos situações críticas na vida econômica, retirando o dinheiro de circulação”. O que se deu em 1929, nas vésperas do *crack* do café, não foi outra coisa senão o cumprimento pela sinagoga paulista das lições dos “Protocolos”.<sup>224</sup>

Em resumo, este livro de Barroso pretende mostrar os governantes brasileiros como meros “títeres dos judeus”, auxiliando-os em suas manobras financeiras, fazendo assim com que se tornem fortalecidos e possam realizar o último fim previsto segundo os planos (*Protocolos*) pré-concebidos: a dominação do povo. De acordo com o autor, não são apenas judeus os participantes do processo. “Nessa quadrilha de vendedores da nação, há judeus de origem estrangeira e judeus de origem brasileira, há brasileiros e estrangeiros não judeus, todos a serviço do judaísmo internacional, a quem a República se encarregou de abrir as portas com sua anarquia e desprestígio”.<sup>225</sup> O campo de batalha judaico se daria, além da economia, também na imprensa e na política, tendo São Paulo como a praça de guerra. O movimento integralista, para Barroso, iria desmascarar essas manobras, livrando o povo brasileiro de ser devorado pela alta finança, sem nem sequer saber a fonte desse mal.<sup>226</sup>

---

<sup>223</sup> Ibid., p. 13.

<sup>224</sup> Ibid., p. 24-25.

<sup>225</sup> Ibid., p. 150.

<sup>226</sup> Ibid., p. 151.

Trazendo ao leitor uma série de textos, discursos e conferências publicados em periódicos (*A Offensiva*), *A Palavra e o Pensamento Integralista*<sup>227</sup> não se apresenta com conteúdo totalmente antissemita, todavia, faz algumas referências que vão ao encontro do pensamento de Barroso quanto à ação judaica. Na conferência *A Data do Riachuelo*, o autor exalta os feitos das forças armadas, especialmente a marinha, na Guerra do Paraguai, pois o heroísmo dos soldados traria uma mensagem de força e de fé frente à “agonia de uma civilização por entre cujas paredes fendidas passeiam os judeus, farejando os despojos. Lá do fundo do horizonte ensangüentado de incêndios vem o rumor do galope sinistro dos cavaleiros do Apocalipse, anunciando a chegada do Anticristo comunista que porá termo a esta entrada do mundo! E a orgulhosa Besta do liberalismo burguês vai idiotamente devorando-se a si própria!”<sup>228</sup> Em um trecho de um discurso (*O Duplo Sentido da Inquietação Brasileira*), ao falar sobre quais seriam os problemas do homem no século XIX (perda dos valores morais, individualização, perda ou retrocesso de cultura), o integralista atribui boa parte da culpa, senão toda, aos grandes intelectuais judeus:

O judeu Proust destruiu-lhe a personalidade. O judeu Gide destruiu-lhe a moral. O judeu Marx destruiu-lhe a economia. O judeu Einstein destruiu-lhe o conceito científico. O judeu Freud destruiu-lhe o sentimento. O judeu Barbusse destruiu-lhe a verdade.<sup>229</sup>

Um texto totalmente dedicado à “questão judaica” é *A Raça Superior*, onde Barroso profere várias opiniões antissemitas, pois estaria tentando, na verdade, se defender da agressão do judaísmo. Para o autor, os judeus consideram-se uma raça superior, destinada por Deus, segundo alguns livros santos, a devorar os outros povos.<sup>230</sup> O Messias esperado pelo credo judaico, de acordo com o integralista, seria o próprio povo israelita que, depois de ter sido perseguido e torturado, atingirá o pináculo da glória e da hegemonia universal.<sup>231</sup> Isso teria sido tão conclamado pelos escritores e filósofos judeus que não necessitaria de provas. Para exemplificar suas teorias, Barroso apóia-se em um livro que teria sido publicado na França em 1914, intitulado *Le droit de*

<sup>227</sup> BARROSO, Gustavo. *A palavra e o pensamento Integralista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

<sup>228</sup> *Ibid.*, p. 50.

<sup>229</sup> *Ibid.*, p. 61-62.

<sup>230</sup> *Ibid.*, p. 81.

<sup>231</sup> *Ibidem*.



*la race supérieure*, do autor Isaac Blümchen, procurando apontar a infiltração judaica na política, nos meios acadêmicos, na imprensa e na administração francesas. Barroso destaca alguns pedaços do livro de Isaac:

Enfim, o povo judeu é dono da França?! (...). Na verdade, 38 milhões de franceses estão à mercê, sobretudo, de uma imprensa inteiramente judaica que confunde, baralha, envenena ou guia, conforme entende, a opinião pública. A instrução pública se acha sob o mesmo controle. As escolas superiores em geral, formam anualmente 70% de judeus e estrangeiros, contra 30% de franceses. (...). Notem o seguinte fato que resume a situação das duas raças: em nenhuma família francesa encontrareis criados judeus; mas todas as famílias judias são servidas por lacaios franceses.<sup>232</sup>

Em face disso, Barroso exalta as medidas tomadas por Hitler, a fim de precaver a Alemanha contra o que teria acontecido na França. E o Brasil, para o integralista, apesar de estar longe, deve “por as barbas de molho” enquanto é tempo.<sup>233</sup> Outro artigo antisemita é *O Verdadeiro Comunismo*, em que o autor busca expor o comunismo como “simples doutrina de exportação, propagada por alguns judeus em vários países com o fito de levá-los à ruína e à desordem, como se vê em Cuba”.<sup>234</sup> De acordo com Barroso, apesar de parecer um paradoxo, judaísmo capitalista e comunismo são dois sócios na mesma empresa de destruição das pátrias.<sup>235</sup>

Objetivando sistematizar a doutrina integralista de uma forma resumida e didática, Barroso publica *O que o integralista deve saber*<sup>236</sup>, livro dividido em vários pequenos tópicos como: *Que é o integralismo?*; *Manual do Integralista*; *Diretrizes Integralistas*; *Estruturação da Milícia Integralista*; etc. Na dedicatória, o autor já fará uma referência aos judeus:

À memória de Nicola Rosica, Caetano Spinelli e Jaime Guimarães, os três primeiros companheiros assassinados pelas balas do comunismo judaico, cujo sangue fecundará as sementes do novo Brasil.<sup>237</sup>

---

<sup>232</sup> Ibid., p. 82-83.

<sup>233</sup> Ibid., p. 87.

<sup>234</sup> Ibid., p. 113.

<sup>235</sup> Ibidem.

<sup>236</sup> BARROSO, Gustavo. *O que o integralista deve saber*. 3ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

<sup>237</sup> Ibid., p. 5. Os três militantes mencionados por Barroso foram mortos em conflitos contra grupos comunistas.

Em seguida, o antissemitismo aparecerá em dois parágrafos, relacionados ao combate a ser feito pelo movimento integralista contra alguns elementos. Em um deles, Barroso é bem objetivo: o integralismo “combate o capitalismo sem pátria dos judeus internacionais que escraviza o Brasil, bem como quase todas as nações, por meio de empréstimos criminosos e certas aplicações de capital, sugando-lhe suor e sangue por meio dos juros e dos dividendos”.<sup>238</sup> É interessante esse parágrafo, pois, como vimos, a questão de hostilidade aos judeus não ficou bem definida dentro do movimento, e a obra apresenta-se como um “resumo” acerca dos preceitos a serem seguidos pelo militante da AIB.

O subtítulo *A questão judaica* traz um conteúdo antissemita mais denso, tendo por ponto inicial a explicação de Barroso quanto ao antissemitismo integralista: não seria questão religiosa ou racial, mas política, porque o judeu age politicamente dentro das nações, no sentido de um plano pré-concebido e levado por diante através dos tempos.<sup>239</sup>

A medonha crise que se vem desencadeando por toda a humanidade desde muitos anos e que tem culminado nos acontecimentos terríveis da guerra mundial e do após guerra (...) foi *deliberadamente provocada*, segundo um estudo magnífico de W. Creuz, por *poderosíssimo bando de criminosos*. Está definitivamente verificado e provado que a maioria desse *bando de criminosos* é composta de judeus e que sua inspiração e suprema direção ocultas provêm dos judeus. Essa é a questão judaica.<sup>240</sup>

Creuz, citado por Barroso, é o autor de um texto inserido na edição dos *Protocolos* feita pelo integralista e analisada no primeiro capítulo. Assim como na obra analisada anteriormente, Barroso exaltarà Hitler, pois faz a defesa do Estado e da civilização. No restante do texto, tentará provar a autenticidade dos *Protocolos*, da mesma maneira que os autores W. Creuz e Roger Lambelin fizeram nas primeiras partes dos *Protocolos* editados pelo integralista. As acusações são basicamente as mesmas dos autores citados: os protocolos teriam sido escritos primeiramente em hebreu; Maurice Joly, autor do livro base dos protocolos seria, na verdade, judeu (Moses Joel); tudo que está escrito nos protocolos está se realizando. Por fim, Barroso irá expor,

---

<sup>238</sup> Ibid., p. 63.

<sup>239</sup> Ibid., p. 119.

<sup>240</sup> Ibidem.

resumidamente, os planos inseridos nos protocolos, em vinte e dois itens, comparando com o plano da AIB, verdadeiro exemplo para a formação do brasileiro ideal.

O último escrito de Gustavo Barroso que iremos analisar é *Espírito do Século XX*<sup>241</sup>, publicado em 1936 e, também, uma coleção de artigos. Em consonância com as suas abordagens anteriores, as referências antissemitas de Barroso aparecerão por quase toda a obra, principalmente ao tratar de questões políticas e econômicas do Brasil. Daremos particular atenção ao texto especificamente antissemita, *As Forças Ocultas*. Barroso dividirá o artigo em três: *A maçonaria*, *A Bucha* e *O Judaísmo*.

Quanto à maçonaria, o autor salienta uma ligação estreita com o judaísmo: “seus símbolos, passes, palavras, títulos são todos judeus. Ela é internacional como o judaísmo, o capitalismo e o comunismo”.<sup>242</sup> Segundo Barroso, de acordo com estudos conhecidíssimos, a maçonaria está sob o domínio do judaísmo internacional e, o maçom não passa, às vezes, sem se aperceber, de um escravidão judeus.<sup>243</sup> Como aponta Odilon Neto, nessa questão, Barroso difere – ainda que minimamente – de Léon de Poncins. Enquanto o autor francês enxergava a maçonaria como uma organização definitivamente judaica, Barroso afirma que há um domínio judaico por detrás da maçonaria. Desta maneira, para Barroso, certos maçons estariam na condição de agentes do judaísmo sem ao menos estarem cientes disto.<sup>244</sup>

No tópico *A Bucha*, Barroso irá discorrer sobre a *Burschenschaft* (Bucha), suposta sociedade secreta fundada em São Paulo pelo judeu alemão Julius Frank em 1835, a qual teria governado a sua vontade o Brasil republicano.<sup>245</sup> A sociedade estaria ligada ao “maçomismo judaico”, procurando estender seus tentáculos pelo mundo todo, sendo responsável, inclusive, por assassinatos. “Durante todo o segundo reinado, os bucheiros foram preparando seu domínio até que, com o advento da República, desde o primeiro governo civil até hoje, passando através de mutações políticas e de revoluções, a Bucha tem exercido secretamente o Governo do Brasil. Presidentes, ministros, magistrados, juristas, parlamentares, diplomados, escritores, chanceleres, todos saem da Bucha ou entram para ela. Os que a repudiam não fazem carreira. E muitas mortes misteriosas, pelo punhal ou pelo veneno, lhe são atribuídas”.<sup>246</sup>

<sup>241</sup> BARROSO, Gustavo. *Espírito do Século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

<sup>242</sup> Ibid., p. 63.

<sup>243</sup> Ibid., p. 69-70.

<sup>244</sup> ODILON NETO, op. cit., p. 152.

<sup>245</sup> BARROSO, op. cit., p. 72.

<sup>246</sup> Ibid., p. 74.

Em *O Judaísmo*, embasando-se no autor Ernesto Desjardins, Barroso acusa os judeus de serem ignorantes, charlatães, pretensiosos, usuários, falsos e sujos, prejudiciais até a higiene pública. Mesmo assim, as populações os hostilizariam por tornarem-se vítimas de suas explorações.<sup>247</sup> Mais uma vez, Barroso fará alusão aos banqueiros judeus que agem dentro do Brasil, como a firma Murray e Simonsen e o “elenco judaico” de São Paulo, com os Mesquitas e Moretzsohns a frente, tema explorado no *A sinagoga paulista*.<sup>248</sup> Para o autor:

A usura judaica é uma verdadeira lepra. Ela esgota as fontes de vida de uma nação e lhe corrói a alma. A monopolização monetária que dela resulta é uma das grandes causas das crises que assoberbam os povos. De posse dos cargos técnicos, os judeus e seus asseclas inventam mil razões que ocultam as razões verdadeiras.<sup>249</sup>

De acordo com Barroso, o judeu agiria pela idéia de implantar o “Estado *Judaico* messiânico e dominador”. Seria a firmação de uma nacionalidade dentro de outras nacionalidades, não pertencendo à pátria onde nasce, sendo sempre imutavelmente judeu. Essa ação judaica agiria por causa da religião judaica, opressiva e exclusivista, não admitindo ninguém dentro da família religiosa, guiada pelo “Talmud”.<sup>250</sup> Para defender os interesses do Brasil frente aos preconceitos emanados do judaísmo que contrariam a união nacional, o integralismo, diz Barroso, deve-se afirmar antijudaico.<sup>251</sup>

Ao fazer a leitura de alguns livros doutrinários escritos por Gustavo Barroso, entre 1933 e 1936, chegamos a uma conclusão semelhante à feita por Roney Cytrynowicz: o antissemitismo é elemento presente de forma central, com exceção apenas da primeira obra analisada, *Integralismo em marcha*. A inquietação de Barroso gira em torno de uma suposta conspiração judaica, a qual se utilizaria dos mais variados recursos para exercer o domínio sobre o resto do mundo. Entre as forças judaicas mais referidas pelo integralista se encontra o capitalismo, representado sobretudo pelos banqueiros judeus (Rotschild, Simonsen, etc.). Esses seriam, mesmo parecendo um paradoxo, financiadores do comunismo, emanado pelas figuras de Marx e Trotsky. As

---

<sup>247</sup> Ibid., p. 75.

<sup>248</sup> Ibid., p. 76.

<sup>249</sup> Ibidem.

<sup>250</sup> Conjunto de leis judaicas.

<sup>251</sup> Ibid., p. 79.

duas forças abarcariam todo o sistema político e econômico mundial e, implantariam, sob as ordens de um governo secreto judaico (*Kahal*), as medidas para solapar as estruturas da humanidade cristã.

Os judeus exerceriam também, forte influência nos meios de comunicação, motivo segundo qual, os antissemitas não conseguiam propagar, de uma forma mais abrangente, seus ideais através da imprensa. Barroso fará destaque ainda, quanto a um sentimento racista por parte do judaísmo, fechado em sua religião, vindo daí uma das causas para defender o antissemitismo.

Anteriormente, vimos que, tanto Marcos Chor Maio quanto Roney Cytrynowicz elaboraram um estudo a respeito da obra doutrinária de Barroso, buscando o seu antissemitismo. Porém, Cytrynowicz profere pareceres críticos quanto ao discurso de Barroso, alguns dos quais compartilhamos, não apenas com o intuito de criticar o integralista, mas estabelecer uma característica constante presente em seus escritos, seguida por alguns intelectuais do movimento.

Praticamente todos os livros integralistas de Barroso são coletâneas, nem sempre com clara unidade temática, panfletos repletos de palavras de ordem e cartilhas para militantes, sem qualquer elaboração reflexiva sobre o integralismo e outros temas dos anos 30.<sup>252</sup> Por esse tom panfletário e uma falta de análises teóricas a respeito, por exemplo, do Estado, da História ou do fascismo, Cytrynowicz considera incorreto classificar Barroso como um “teórico integralista”. Não entraremos nessa discussão, mas entendemos, da mesma maneira que Cytrynowicz, os textos de Barroso repletos de ordens e não de reflexões, com uma alta capacidade de persuasão. Buscaremos compreender se os autores antissemitas secundários na AIB foram levados por esse arsenal de ordens proferidas por Barroso.

Deixamos de fora de nosso exame as seguintes obras: *História Secreta do Brasil*<sup>253</sup>, *Integralismo e Catolicismo*, *Reflexões de um bode*, *Judaísmo, maçonaria e comunismo*, todas publicadas em 1937. Certamente elas também representam um importante referencial para o estudo do antissemitismo de Barroso (especialmente a primeira). No entanto, entendemos serem de maior relevância, os livros publicados até o ano 1936, uma vez que as obras dos autores menores, publicados entre 1935 e 1937, fazem maior referência aos escritos publicados até aquele ano.

---

<sup>252</sup> CYTRYNOWICZ, op. cit., p. 56.

<sup>253</sup> Uma interessante e ampla análise dessa obra é feita por Luiz Mário Ferreira Costa, em sua dissertação de mestrado, apontada no referencial dos estudos integralistas, no primeiro capítulo.

### 2.3. Os seguidores de Gustavo Barroso

Tendo realizado um breve resumo acerca de parte da produção doutrinária de Gustavo Barroso, nosso próximo passo será fazer uma leitura mais minuciosa das obras escritas por alguns militantes da AIB, que seguiram a linha antisemita do líder integralista. Durante o processo, poderemos averiguar até que ponto esses militantes foram influenciados pelo pensamento de Barroso, e se adotaram enfoques diferentes em algum momento. Para nosso estudo, utilizamos os textos dos seguintes autores: Affonso de Carvalho, Anor Butler Maciel, João Passos Cabral e Oswaldo Gouvêa.

#### 2.3.1. Oswaldo Gouvêa

*Os judeus do cinema*<sup>254</sup>, de Oswaldo Gouvêa, inicia com uma epígrafe baseada em uma famosa frase escrita por Gustavo Barroso, embasada no livro de Léon de Poncins: “seremos servos humildes do judaísmo capitalista de Rotschild ou escravos submissos do judaísmo comunista de Trotsky, pontos extremos da oscilação do pêndulo judaico no mundo!”<sup>255</sup>. Gouvêa, nas páginas iniciais, explica os motivos para ter escrito o presente livro. Segundo o autor, sua infância foi marcada pelas sessões de cinema junto aos amigos e pelas brincadeiras de aventura, quando encarnava seus atores favoritos. Com o passar do tempo, Gouvêa foi crescendo e continuava acompanhando a evolução dos filmes, enfatizando a mudança para o “cinema falado”. Todavia, com o desenvolvimento cinematográfico, principalmente o “hollywoodiano”, o autor entendia que os temas estavam se tornando cada vez mais perigosos, imorais e menos aconselháveis à mocidade. A vida dos artistas hollywoodianos, com casamentos e divórcios quase diários, para Gouvêa, refletia essa imoralidade nos filmes. Isso se configuraria, pois, quem orquestrava os acontecimentos, eram os judeus, enriquecidos a custa da baixeza, da humilhação e da injúria.<sup>256</sup>

Após essa pequena explicação, Oswaldo Gouvêa relata como nasceu, de acordo com ele, o cinema judaico nos Estados Unidos, mais precisamente, a produtora de

<sup>254</sup> GOUVÊA, Oswaldo. *Os judeus do cinema*. Rio de Janeiro: Gráfica São Jorge, 1935.

<sup>255</sup> *Ibid.*, p. 5.

<sup>256</sup> *Ibid.*, p. 9. Por ser estudioso do assunto, o integralista, como veremos adiante, será responsável a partir de 1934, pela sessão das notícias cinematográficas e teatrais, no jornal *A Offensiva*.

filmes *Metro-Goldwyn-Mayer (MGM)*. Os judeus teriam dominado, primeiramente, o teatro, surgindo daí contratos ardilosos, peças imorais e intrigas de bastidores, fazendo cair muitos artistas glorificados.<sup>257</sup> Nesse tempo (Gouvêa não cita a data), vivia na Filadélfia um judeu “aparentemente bom”, chamado Marcus Loew, que explorava um “negócio confuso de contratos teatrais”, vindo a montar, mais tarde, uma pequena empresa produtora de filmes chamada *Art Pictures*. Conseguiu rapidamente o domínio sobre os outros produtores, produzindo filmes de escândalos e aventuras, montando uma empresa maior em Nova Iorque, chamada *Loew’s Incorporated*, posteriormente, fixada em Hollywood.<sup>258</sup>

Em 1920, Loew receberia a visita de Samuel Goldwyn, israelita e magnata do teatro. Percebendo o quão promissora era a produtora de Loew, e vendo que poderia dominar o mundo com as suas idéias, Goldwyn se junta a Loew e fundam a *Metro Goldwyn*.<sup>259</sup>

Era uma grande associação de judeus, com um grande programa a realizar em favor de sua raça e com grave ameaça para o mundo. Filmes e artistas vieram surgindo, ficando uns, caindo outros. Dirigido pelo espírito judaico, o astro cinematográfico não teve, como não tem ainda, personalidade própria. É um boneco girando nas mãos frágeis dos diretores. E assim, com a mesma facilidade com que se eleva ao estrelato, desce-se à obscuridade. O judaísmo em Hollywood absorve tudo.<sup>260</sup>

Loew chamará, para fazer parte da associação, Lois B. Mayer, outro israelita de fortuna, formando assim a *Metro-Goldwyn-Mayer*.<sup>261</sup> O cinema judaico conseguirá, então, dominar todo o mercado de filmes, por meio de uma publicidade artificiosa e ladina. Uma rápida observação: ainda que versando sobre um assunto específico e pouco discutido por Barroso, a infiltração judaica nos cinemas – Barroso algumas vezes alude à cultura em geral, que estaria infestada por judeus, mas não aborda os cinemas – Gouvêa dará corpo ao ideal de dominação mundial judaica, em favor dos seus princípios, agindo nesse caso, pelos bastidores cinematográficos.

---

<sup>257</sup> Ibid., p. 13.

<sup>258</sup> Ibid., p. 14.

<sup>259</sup> Ibid., p. 14-15.

<sup>260</sup> Ibid., p. 15.

<sup>261</sup> Ibid., p. 16.

Gouvêa irá fazer duras críticas aos “ensinamentos” que os filmes estão mostrando para a mocidade: luxo, idéia desnacionalizadora, adultério, roubo, crime. Tudo isso seria a base do cinema norte americano, dominado pelo judaísmo dissolvente, desagregador do lar, da pátria e da família.<sup>262</sup> O autor citará Hitler, pois a expulsão dos judeus da Alemanha organizada pelo nazista é apenas uma defesa contra a infiltração judaica em todos os ramos de atividade cultural e, para que o país retorne sua condição de tranqüilidade e higiene.<sup>263</sup> Um dos judeus atingidos, Samuel Goldwyn, revoltado por estar perdendo seus antigos meio de dominação, estaria transpondo para o filme todo o seu furor, fazendo a propaganda semítica por meio do cinema.<sup>264</sup>

Quanto à influência cinematográfica, Oswaldo mais uma vez tratará a respeito dos temas imorais apresentados nos filmes hollywoodianos, como banditismo, nudismo, jogos e bebidas alcoólicas. Raramente apareceria uma película educativa, de tom moralizador. Isso, para o autor, é a consequência de todas as produtoras estarem em mãos judaicas, desde o diretor até o publicista, lançando ao mundo seus ideais aniquiladores da moral e da sociedade.<sup>265</sup>

Outro “ardil habilidoso do judeu”, frisado por Gouvêa, seria a absorção da imprensa pelo cinema, fazendo ocorrer a troca de um noticiário elogioso por um anúncio, estando isso já acontecendo no Brasil, onde os judeus utilizaram a mesma tática usada nos EUA. O autor direciona as críticas às sessões cinematográficas dos jornais, onde não existem mais redatores, mas apenas publicitários, que fabricam as mentiras, elogiando todos os filmes e atores.<sup>266</sup> Essa condição se daria pelo domínio israelita a partir do cinema. Possivelmente, por enxergar desse viés, Gouvêa tornar-se-ia crítico de cinema e de peças teatrais, tendo uma coluna fixa no jornal *A Offensiva*.

Trazendo ao leitor o nome de algumas personalidades, Gouvêa citará o ator Ramon Novarro, segundo o integralista, visto aqui no Brasil com grande admiração pelas suas atuações e sua voz. Contudo, a imagem simpática de Ramon teria desaparecido aos olhares brasileiros, quando de uma turnê sua pela América do Sul. Novarro teria sido antipático com a imprensa em geral, tratando bem somente quem o elogiasse ou desse lucro. E mais, Novarro seria totalmente diferente dos personagens

---

<sup>262</sup> Ibid., p. 21-22.

<sup>263</sup> Ibid., p. 25-26. Usando o termo “higiene”, Gouvêa reaviva um velho preconceito medieval em relação aos judeus, como associá-los à epidemia da peste negra. Contudo, essa foi a única passagem em que o autor emprega esse vocábulo.

<sup>264</sup> Ibid., p. 26.

<sup>265</sup> Ibid., p. 37.

<sup>266</sup> Ibid., p. 41-42.



dos filmes: baixo, deselegante, quieto, acanhado e mal humorado. O ator estaria agindo dessa maneira a mando de seu empresário, o judeu Yankelevich, interessado mais no sucesso monetário do que no sucesso artístico. Para concluir, Gouvêa afirma que Ramon Novarro teria sido denunciado nos EUA por auxiliar a propaganda comunista, perguntando se o ator não seria também um judeu.<sup>267</sup> Para o integralista, todos os astros hollywoodianos seriam comunistas, desde os pequenos até os mais ricos, sendo isso o efeito do predomínio judaico na capital do cinema. Como faz Barroso, Gouvêa não deixa de associar o judaísmo ao comunismo, entendendo vir daí o ideal imoral de destruição da pátria e da família.

Ao voltar-se para o Brasil, Oswaldo irá criticar a inércia cinematográfica, deixando com que o cinema estrangeiro avance prodigiosamente, dominando as salas de projeção e invadindo os costumes da sociedade, impondo suas modas, músicas e línguas.<sup>268</sup> A cinematografia judaica já teria dominado a imprensa brasileira, impedindo cronistas cinematográficos de defender a nacionalização dos cinemas. Gouvêa elogiará o Japão, a França, a Inglaterra e a Alemanha, por resistirem à infiltração do cinema norte-americano.

O integralista vinculará a ação dos judeus dominadores do cinema ao banqueirismo judaico internacional, para o qual o Brasil enviaria anualmente significativas somas em dinheiro, conceito central do livro mais difundido de Gustavo Barroso. No entanto, os judeus produtores de filmes no Brasil, deixam de realizar filmes sobre os assuntos brasileiros, só conhecendo daqui o ouro com o qual enchem seus cofres.<sup>269</sup> Essa situação teria mudado um pouco com uma lei instaurada para a maior divulgação do cinema nacional.

Depois que o governo da República, por uma lei de proteção à cinematografia pátria, resolveu auxiliar a nossa indústria, dando-lhe um amparo um pouco tardio, mais eficiente se for cumprido rigorosamente, é que os produtores de Hollywood começaram a se preocupar com o Brasil. O Leão da Metro alvoroçou sua juba, rugindo assustadoramente. O rugido do leão foi o primeiro grito de alarme entre os judeus.<sup>270</sup>

---

<sup>267</sup> Ibid., p. 56.

<sup>268</sup> Ibid., p. 67.

<sup>269</sup> Ibid. p. 73.

<sup>270</sup> Ibidem.

Para, entretanto, derrubar a carreira dos músicos brasileiros, os judeus enviariam aos cinemas e teatros caixas de som produzidas por eles. Não obstante, os brasileiros haveriam conseguido fabricar caixas de som e vender a um preço menor. Os judeus, então, obrigariam os cinemas a rejeitarem as caixas de som brasileiras, sob a pena de não lhe concederem mais filmes para reprodução. Alguns exibidores de filmes teriam se recusado a comprar as caixas de som dos judeus, sendo esse “o primeiro grito de independência frente os israelitas, que asfixiam o mundo cinematográfico com a força de suas intrigas mesquinhas e de seus processos baixos e repelentes contra a nossa indústria, a nossa arte e a nossa vida social”.<sup>271</sup>

De acordo com Gouvêa, o cinema vem caindo vertiginosamente a partir do surgimento do som nos filmes, com a perda, por parte dos atores, de um aspecto humano, tornando-se cada vez mais automáticos. Isso aconteceria com o advento das máquinas, preocupação exclusiva dos produtores norte-americanos. Contudo, em contraste aos processos judaizantes de Hollywood, a Alemanha e a França apresentam projetos de revigoração do cinema, com produções cheias de humanidade e alheias à mecanização do século XX. O Brasil já estaria aceitando as películas fabricadas por esses países, deixando de lado a apreciação dos filmes “yankes”.<sup>272</sup>

Gouvêa compartilha de alguns conceitos antisemitas proferidos por Barroso, porém, percebemos uma influência direta da obra de Henry Ford (*O Judeu Internacional*), a qual traz dois capítulos específicos a respeito da suposta dominação judaica no cinema norte-americano. Para Ford, um dos grandes problemas a serem combatidos é o espetáculo pornográfico, incentivado por elementos moralmente inferiores, bêbados e jogadores, tendo por trás a grande empresa cinematográfica israelita.<sup>273</sup> As películas estariam cada vez mais impregnadas de “imundice sexual” e exposição de crimes. Segundo Ford, essa situação aconteceria pelo predomínio judaico no mundo cinematográfico, representando 85% do mercado mundial, citando também algumas empresas de filmes em mãos judaicas, como a *MGM*, a *Fox* e a *Universal*.

O industrial norte-americano criticará a propaganda feita pelas empresas, pois estariam difamando a comunidade religiosa não-judia, mostrando sacerdotes cristãos constantemente sendo rebaixados, solapando as bases da reverência devida a esses sacerdotes. Ford mencionará os *Protocolos*, relacionando a difamação judaica

---

<sup>271</sup> Ibid., p. 76.

<sup>272</sup> Ibid., p. 79-80.

<sup>273</sup> FORD, op. cit., p. 198.

diretamente ao plano dissolvente contido no conteúdo dos protocolos, preparando a revolução para o domínio judeu no mundo. Gouvêa não citará, ainda, os *Protocolos*, mas também entende a imoralidade dos temas nos filmes ligada ao judaísmo, ao mesmo tempo em que também acredita em um suposto plano judaico, empregando o cinema como arma ideológica.

É curioso ressaltar que, em outro escrito, *Brasil Integral*<sup>274</sup>, publicado no ano 1936, ao tratar sobre assuntos como democracia liberal, partidos políticos, problemas econômicos, sindicatos, corporações, impostos, etc., Oswaldo Gouvêa praticamente não fará alusão a alguma suposta ação judaica tomando medidas nos bastidores da política brasileira.

Curioso, pois um autor antissemita e integralista, nesse período, certamente procuraria demonstrar o judeu como elemento por trás dos problemas econômicos, ainda mais com as correntes edições dos livros de Barroso. Certamente, quanto a assuntos políticos e econômicos, nesta obra, Gouvêa partilhe as linhas de Plínio Salgado ou de Miguel Reale, desprovidas de um antissemitismo radical. As referências antissemitas aparecem exclusivamente em quatro trechos, duas delas em citações de textos de Gustavo Barroso. O antissemitismo de Oswaldo aparecerá somente na parte em que trata do cinema brasileiro, onde fundamentalmente faz um resumo do seu livro analisado anteriormente. Mas, em *Brasil Integral*, Gouvêa relacionará o domínio judaico dos cinemas com as previsões feitas nos *Protocolos* – ligação que não aparece em *Os judeus do cinema* –, possivelmente influenciado pela edição em português dos *Protocolos*, traduzida e comentada por Barroso, publicada no mesmo ano de seu livro.

Oswaldo Gouvêa participará ativamente na imprensa da AIB, sendo diretor do periódico *Século XX*, que circulou no Rio de Janeiro entre 1935 e 1937. O jornal era influenciado diretamente por Gustavo Barroso, e tinha como objetivo central a difusão do anti-semitismo.<sup>275</sup> Será responsável, também, por uma sessão do jornal *A Offensiva*, escrevendo críticas sobre filmes e peças teatrais.

---

<sup>274</sup> GOUVÊA, Oswaldo. *Brasil Integral*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1936.

<sup>275</sup> OLIVEIRA, op. cit., p. 173.

### 2.3.2. Anor Butler Maciel

O livro *Nacionalismo – o problema judaico e o nacional-socialismo*<sup>276</sup>, de Anor Butler Maciel, é dividido em duas partes: *Judaísmo – um problema brasileiro e Nacionalismo – definição necessária*. Entretanto, antes de expor o conteúdo desses tópicos, Maciel apresenta um texto chamado *O problema da raça*, adiantando existir, no Brasil, o problema de certos grupos de imigrantes quererem assegurar a pureza de sua raça, considerando núcleos inassimiláveis com os elementos integrados efetivamente na vida nacional.<sup>277</sup>

Aí estão, entre nós, os imigrantes judeus, em número de cinquenta mil ou mais, talvez, formando, na sua genialidade, uma raça que se exclui da comunhão nacional, que timbra em permanecer estranha a qualquer ligação de família com as que já se radicaram à terra brasileira e que nela formaram e amoldaram o espírito.<sup>278</sup>

Nesse trecho, Maciel já se aproxima de um dos argumentos antissemitas utilizados por Barroso para incitar hostilidade aos judeus, o de acusá-los como seres inassimiláveis, racistas, por supostamente não aceitarem quem não seja judeu dentro de sua comunidade. Por essa razão, tanto Barroso quanto outros antissemitas, defendem-se das acusações de preconceito racial, jogando essa atribuição para grupo atacado, no caso, os judeus.

Em seguida, Maciel adentra no tópico *Judaísmo*, sobre o qual faremos maiores considerações. Para o autor, graças ao espírito de tolerância e bondade do brasileiro, dezenas de milhares de judeus se estabeleceram no Brasil, mesmo enquanto havia uma “questão judaica” florescendo em outros países do mundo.<sup>279</sup> Para o integralista, uma inquietação quanto à “questão judaica” irá surgir a partir do aparecimento dos *Protocolos* em território nacional, além da tradução dos artigos escritos por Henry Ford, dando origem a sua obra antissemita *O Judeu Internacional*. O processo ganharia força

---

<sup>276</sup> MACIEL, Anor Butler. *Nacionalismo - o problema judaico e o nacional-socialismo*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

<sup>277</sup> *Ibid.*, p. 14.

<sup>278</sup> *Ibidem.*

<sup>279</sup> *Ibid.*, p. 19.

com a chegada das notícias da Alemanha e as reivindicações nacionalistas da AIB, sendo por isso, o movimento de Plínio Salgado, combatido pelo judaísmo.<sup>280</sup>

Com a atenção nacional voltada para os judeus, segundo Maciel, verificou-se o quanto eles ficavam totalmente isolados, não se assimilando aos nacionais, com associações fechadas de caráter cultural, recreativo, esportivo e religioso. De acordo com o autor, nas cidades em que os judeus são mais numerosos, descobrir-se-iam “guetos” em formação, um bairro conquistado pelos israelitas dia a dia.<sup>281</sup> Citando “conhecedores dos hábitos do povo judeu”, Maciel afirma que esse fenômeno se observa em todos os lugares onde os judeus constituem um grupo considerável, pois eles afastam-se do contato com os não judeus, os quais denominam “goim”, e consideram impuros ou pagãos. Essas atribuições sobre os “guetos judaicos” feitas por Maciel, verificadas pela autora Cristine Fortes Lia, aparecerão em jornais rio-grandenses de 1941, uma prova de que o integralista não mudara de idéia. Concluindo, o autor encara o isolamento dos judeus como um problema brasileiro, sendo a solução encará-lo de frente.<sup>282</sup>

Anor esboçará uma breve história do povo judeu, lembrando a origem do Muro das Lamentações e a Diáspora que, mesmo tendo separado os judeus por vários países diferentes, não os fez perderem os seus laços de comunhão política, zelando pela inassimilação dos seus elementos com os das terras que lhes davam abrigo.<sup>283</sup> O autor fará também breve explicação do surgimento dos livros *Guemará* e *Mishná*, os quais teriam formado o *Talmud*, que substituiria o *Torá* ou a *Lei de Moisés*, unificando a lei judaica cinco séculos após a dispersão.<sup>284</sup> Por fim, explica que a “questão judaica” consiste em entender o porquê da perseguição feita aos judeus, para Maciel, divididos em dois grupos bem definidos: “Sefardim” (Espanha e Portugal) e “Askenazim” (Alemanha e Polônia).

Ao tratar dessa “questão judaica”, mais uma vez Anor Butler Maciel aproxima-se do pensamento de Barroso, ao mencionar o suposto “messianismo” do povo judeu, enxergando em si próprio o verdadeiro messias:

---

<sup>280</sup> Ibid., p. 21-22.

<sup>281</sup> Ibid., p. 22.

<sup>282</sup> Ibid., p. 23.

<sup>283</sup> Ibid., p. 28.

<sup>284</sup> Ibid., p. 29.

Como se sabe, desde os tempos imemoriais – rezam os mais velhos documentos hebreus –, o povo judaico esperava a vinda do Messias, de um príncipe poderoso, destinado a governar os povos e dar felicidade e glória à sua Pátria. Jesus Cristo foi o Messias. Mas grande parte do povo judeu não quis ver na humildade do Nazareno, o sonhado dominador dos povos. O reino que ambicionavam deveria ser um império do mundo, o governo efetivo sobre todas as outras nações. (...). Para eles, não é um filho de mulher que vai governar o mundo, mas o próprio povo de Israel, de que é o Messias simplesmente figura simbólica. Foi ao seu povo escolhido que Deus destinou a glória da dominação universal.<sup>285</sup>

Essa profecia deveria ser cumprida e tudo estaria previsto nos *Protocolos*.<sup>286</sup> Quanto à atuação da maçonaria, Maciel também concorda com Barroso, ao expor uma íntima ligação entre os judeus e a sociedade secreta. Ambos os autores acreditam na existência de muitos maçons não judeus, que, mesmo fazendo o jogo do judaísmo, estariam inconscientes da verdade. Por fim, Anor Maciel expõe uma assertiva igual a usada muitas vezes por Gustavo Barroso: os judeus constituem uma nação dentro de outras nações.<sup>287</sup>

Prosseguindo, Maciel discorrerá sobre duas obras antissemitas, discutidas no primeiro capítulo: *Os Protocolos dos Sábios de Sião* e *O Judeu Internacional* (Henry Ford). Quanto à primeira, Maciel apresentará um pouco da história de seu aparecimento, de seu conteúdo e de sua autoria, procurando, assim como Barroso, demonstrá-la como documento autêntico, em face dos fatos ocorridos nos últimos anos. Em relação ao livro de Henry Ford, o integralista esboçará um pequeno resumo do conteúdo, buscando, igualmente a Ford, apontar os judeus como “donos” dos Estados Unidos, tendo, por exemplo, fechado o comércio no dia do feriado judaico “Yom Kipur” (Dia do Perdão).<sup>288</sup>

Ainda com relação ao judaísmo nos EUA, citando o autor André Siegfried, Maciel mostra o caso como singular, tendo em vista a rapidez da “americanização” do judeu. Com a chegada em uma terra onde se dá mais valor ao sucesso material, os judeus, desde os mais pobres aos mais ricos, pela sua consciência de povo eleito, transformam sua mística religiosa em sede de riqueza, para alcançar o poder.<sup>289</sup> Mesmo

---

<sup>285</sup> Ibid., p. 34-35.

<sup>286</sup> Ibid., p. 35.

<sup>287</sup> Ibid., p. 37.

<sup>288</sup> Ibid., p. 64.

<sup>289</sup> Ibid., p. 69-70.

passando algumas gerações, seria possível observar os judeus ainda agrupados, por uma “obscura comunhão de raça”.

Outro assunto a ser tratado pelo autor é a ligação judaísmo – comunismo, para ele, a acusação mais grave contra o povo judeu. A explicação desse vínculo seria simples: os magnatas judeus estariam concentrando o capital, pois esse seria o último passo, de acordo com a teoria marxista, para a revolução do proletariado. Logo, e novamente associando-se aos preceitos barrosianos, Maciel entende serem os ricos judeus, financiadores dos comunistas, em sua maioria, também judeus. Para exemplificar sua tese, o integralista socorre-se, sobretudo, do livro de Léon de Poncins, onde o francês declara que dos 545 membros da administração bolchevista, 447 eram judeus.<sup>290</sup>

A seguir, Maciel analisa, em poucas páginas, e fundamentando-se num livro de um autor judeu (Adolfo Benarus), a história dos judeus no Brasil a partir do período colonial, mas afirma ser esse um assunto ainda secreto, que está sendo pesquisado pelo líder integralista Gustavo Barroso.<sup>291</sup> Para Maciel, os judeus já teriam começado a lucrar com a exploração do pau-brasil, ficando tão solidamente estabelecidos que os portugueses não se animaram a dispensar-lhes o mesmo tratamento recebido em Portugal.<sup>292</sup> O integralista visa mostrar a influência do povo judaico em vários momentos importantes do período colonial brasileiro, tendo inclusive, apoiado os holandeses durante o tempo da invasão em Pernambuco, já que seriam mais favorecidos por estes.

Anor Maciel citará ainda o caso de Porto Alegre, onde muitos judeus, sentindo-se agredidos pela propaganda antissemita com o advento da AIB e de algumas publicações, têm assumido posições de combate em diversos setores. Na imprensa, a comunidade israelita de Porto Alegre estaria fazendo campanha contra o antissemitismo. Fato que representaria, para Maciel, ainda mais o espírito inassimilável do povo judeu, uma vez que alguns judeus conclamariam a “juventude israelita” para reagir frente a algumas acusações. A questão de aludirem a uma juventude israelita, e não brasileira, entende o integralista, demonstra o pouco interesse dos judeus em

---

<sup>290</sup> Ibid., p. 79.

<sup>291</sup> Anor Butler Maciel provavelmente está se referindo à obra *História Secreta do Brasil*, a qual Barroso apresenta, com um viés de pesquisa histórica, a história do estabelecimento dos judeus no Brasil, desde a vinda dos primeiros portugueses.

<sup>292</sup> Ibid., p. 85-86.

incorporassem à população do Brasil.<sup>293</sup> Em uma frase, Maciel resume o que procurou mostrar durante boa parte de seu livro, em relação aos judeus:

A inassimilação do imigrante judeu, apesar de sua naturalização, para efeito de gozar dos direitos de cidadania, eis o aspecto da questão judaica que interessa especialmente aos brasileiros. É a feição nacional da questão judaica.<sup>294</sup>

Na segunda parte da obra, *Nacionalismo – definição necessária*, Maciel ocupará as páginas tratando sobre conceitos de nacionalismo, nação e nacional-socialismo, algumas vezes relacionando ao que foi visto na primeira parte. Apesar de ter feito praticamente um ensaio antissemita no primeiro momento, Maciel, ao discutir o nacionalismo, expressa que não seria levado pelo antissemitismo, mas estaria apenas tentando impedir a formação de núcleos raciais autônomos dentro da pátria.<sup>295</sup> Como foi visto, diversas vezes o autor fará alusão a conceitos antissemitas, também utilizados por Gustavo Barroso, inclusive, em determinada parte, elaborando um breve resumo do livro *Brasil – Colônia de Banqueiros*, evidenciando a forte inspiração buscada nos escritos do líder integralista.

Em outras duas obras, também publicadas no ano de 1937, ao discorrer sobre teorias de Estado<sup>296</sup> e a estrutura política do Estado Novo<sup>297</sup>, Anor Maciel não fará referências antissemitas.

Cabe destacar a importante atuação de Anor Butler Maciel no movimento integralista, tornando-se, junto a Egon Renner e Dario de Bittencourt, o chefe da AIB no Rio Grande do Sul.<sup>298</sup> Durante o período atuante da AIB, Anor Maciel será também o diretor do periódico semanal *O Integralista*, que circulou na capital gaúcha entre 1934 e 1935. Seguidamente, escrevia colunas no referido jornal, além de enviar textos para outros periódicos de maior abrangência, como *A Offensiva*. Maciel, apesar do movimento integralista ter sido extinto em 1937 pelas novas leis do Estado Novo, com alguns membros presos ou exilados, a princípio, não terá sua carreira abalada, ocupando

---

<sup>293</sup> Ibid., p. 95.

<sup>294</sup> Ibid., p. 98.

<sup>295</sup> Ibid., p. 146.

<sup>296</sup> MACIEL, Anor Butler. *O Estado Corporativo*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936.

<sup>297</sup> MACIEL, Anor Butler. *Subsídios para o estudo da estrutura política do Estado Novo*. Porto Alegre: Globo, 1937.

<sup>298</sup> Anor Butler Maciel, Dario de Bittencourt e Egon Renner, bacharelaram-se em Direito pela mesma turma, na Faculdade de Direito de Porto Alegre, em 1930.



os cargos de Procurador Geral do Rio Grande do Sul (entre agosto de 1939 e maio de 1941), presidente de Junta Comercial do RS e Chefe de Gabinete do Ministério da Justiça (esse último, no governo Eurico Gaspar Dutra).<sup>299</sup>

### 2.3.3. João Passos Cabral

O padre João Passos Cabral escreveu um extenso e agressivo livro antissemita, denominado *A Questão Judaica*<sup>300</sup>, segundo ele, com o “intuito de prestar algum serviço à moderna geração brasileira”<sup>301</sup>, e aproximando-se dos trabalhos radicais escritos por Barroso. Ao tocar nas questões referentes ao estudo dos “problemas vitais da nossa terra” e das “realidades da hora presente”, Cabral salienta a “questão judaica”, agitada na imprensa e na tribuna. Para o autor, deve-se, contudo, distinguir entre o judeu considerado individualmente, que pode ser uma pessoa honesta e um elemento de trabalho construtivo, e o judaísmo ou espírito judaico, que é sempre um fermento de dissociação e um agente do “anticristianismo”.<sup>302</sup>

Gustavo Barroso prefacia o livro de Cabral, além de repetir seus termos antissemitas, apresenta o livro como “pensado e documentado, sem excessos e demasias, é um dos bons frutos da campanha a que aludi. (...). Traz a lume uma documentação abundante e irresponsável, apanhada em fontes seguras, diz as mais amargas verdades com mansuetude de linguagem. Não é um ataque ou um panfleto. É um estudo sério e desapassionado. É um livro que os moços devem ler e sobre seus ensinamentos devem meditar. Fará muito maior mal aos judeus do que o pogrom. O judaísmo somente receia uma coisa: a luz sobre suas manobras”.<sup>303</sup> Depois do prefácio de Barroso e de uma breve apresentação do conteúdo por Cabral, seguem-se vinte e dois capítulos, apresentando desde uma pequena história sobre a origem do povo judeu até a relação entre judaísmo e a igreja católica.

Cabral inicia com uma ligeira síntese da história judaica, relacionando-a com os processos políticos mundiais, de Abraão até a Revolução Francesa. Nessa parte, o

---

<sup>299</sup> Biografia dos Procuradores Gerais do Rio Grande do Sul. Disponível em <http://www.mp.rs.gov.br/memorial/listaprocuradores>. Acesso em 13 de dezembro de 2011.

<sup>300</sup> CABRAL, J. *A questão judaica*. Porto Alegre: Globo, 1937.

<sup>301</sup> *Ibid.*, p. 11.

<sup>302</sup> *Ibidem*.

<sup>303</sup> *Ibid.*, p. 5-8.

padre integralista já deixa transparecer seu pensamento antissemita, chamando os judeus de “povo errante”, por ter vivido em diáspora desde a represália imposta por Adriano, durante o Império Romano. Apoiando-se em um censo apresentado pelo *Anuário Americano*, Cabral afirma que a população judaica mundial estava em torno de quinze milhões e quinhentos mil, os quais seriam, para o autor:

Homens inteligentes, tenazes, obstinados, unidos entre si, apesar das divergências intestinas que os separam, contrários ao mundo dos não-judeus, a que se opõem por motivos de raça, interesse e religião; colocam ao serviço de um sonho messiânico o mais frio dos positivismos e trabalham, consciente ou inconscientemente, para instaurar uma concepção do mundo antagônica da que foi, durante dois mil anos, o ideal da civilização ocidental.<sup>304</sup>

Os judeus exerceriam uma influência sobre a opinião pública fora de qualquer proporção em relação à sua importância numérica, ocupando e dominando os centros vitais do pensamento ocidental.<sup>305</sup>

O próximo assunto a ser tratado é a “nacionalidade judaica”. Para provar e corroborar suas afirmações, Cabral irá utilizar-se de uma “tática” semelhante à de Gustavo Barroso, a qual perceberemos durante toda a obra, mesclando, entre os escritos, diversas citações antissemitas de autores como G. Batault e Kadmi Cohen, além dos famosos e sempre lembrados Léon de Poncins, Henry Ford e os *Protocolos*. Anor Butler Maciel e Oswaldo Gouvêa também empregam esse método, mas com menos intensidade. Cabral separa também, afirmações contrárias à união entre judeus e não-judeus, que teriam sido proclamadas pelos próprios pensadores judaicos, entre eles: Teodoro Herzl, Luiz Brandeis, Joséf Morris, Marx Nordau, Artur Levis, etc.<sup>306</sup> Embasando-se nos antissemitas e nos judeus mencionados, o integralista expõe o alto espírito nacionalista judaico, dando como exemplo as populações imigrantes no Brasil, onde os judeus se juntariam aos judeus, e não aos respectivos grupos advindos do mesmo país.<sup>307</sup>

---

<sup>304</sup> Ibid., p. 20.

<sup>305</sup> Cabral cita, para corroborar sua afirmação, um trabalho de Léon de Poncins.

<sup>306</sup> Há também, referências a autores brasileiros: José Perez (*Questão judaica, Questão Social*), Mário Saa (*A invasão dos judeus*) e Afonso Arinos de Melo Franco (*Preparação ao Nacionalismo*).

<sup>307</sup> Ibid., p. 25. O padre, inclusive, aludirá a estigmas antissemitas, muitas vezes retratados em charges de jornais da época, como a conservação nos judeus de traços físicos característicos (nariz adunco), diferenciando-os.

Essa união, obviamente, seria motivada pelas “aspirações messiânicas” ao domínio de todo o mundo, esperando o advento do dia, no qual Israel ditará as leis a todos os povos da terra.<sup>308</sup> Do mesmo modo que Barroso, Cabral acredita na formação, pelo judaísmo, de um “Estado no Estado”. O padre integralista compartilha, igualmente, da mesma apreensão de Anor Maciel quanto aos guetos formados pelas populações judaicas. Para ele, onde se fixam colônias judaicas, logo aparecem bairros israelitas, tendo o exemplo de Porto Alegre, “que possui um novo gueto, habitado pela gente hebréia”.<sup>309</sup> Esse “muro de separação” que os judeus erguem em torno de si, constituiria uma das razões de ser do antissemitismo.<sup>310</sup> Adiante, Cabral preconiza uma distinção entre dois tipos de antissemitismo:

Há um antissemitismo vandálico e selvagem, que se traduz na prática de atos violentos e selvagens, que não raro, terminam em morticínios e sacrifício de vítimas inocentes, imoladas à fúria inconsciente das multidões revoltadas. A essa espécie de antissemitismo pertencem os célebres *pogroms*, realizados na Rússia, na Polônia, na Romênia e noutros países. (...). Infelizmente, porém, os judeus e os assalariados ao ouro judaico tentam, por assim dizer, torcer a significação do termo inventado por Wilhem Marr e classificam de antissemitismo todas as medidas de defesa que a coletividade cristã, nos diversos países, toma contra a penetração e contra o domínio que o judaísmo tenta exercer (e em grande parte já exerce) em detrimento da causa pública.<sup>311</sup>

O brasileiro deveria rejeitar o primeiro, mas aceitar e praticar o segundo, para se defender do imperialismo financeiro judaico sobre o mundo. O autor busca resgatar uma pequena história do antissemitismo, outra vez, reportando-se a vários autores, um deles, Bernard Lazare, também mencionado por Barroso e que, por ser judeu, seria insuspeito. Para Lazare, a razão de uma hostilidade universal aos judeus seria motivada exclusivamente por eles mesmos, visto o seu exclusivismo político e religioso. Evidenciamos um fato contínuo, por enquanto, nos autores pesquisados: quando não citam diretamente Barroso, fazem referência, muitas vezes, aos mesmos trabalhos citados pelo líder integralista. É possível que já tivessem tido contato com esses autores, porém, não descartamos a hipótese de chegarem a eles por influência direta de Barroso.

---

<sup>308</sup> Ibid., p. 26.

<sup>309</sup> Ibid., p. 36. Possivelmente, Cabral esteja se referindo ao bairro Bom Fim, habitado, em boa quantidade, por judeus, e cenário de alguns conflitos entre judeus e integralistas nos anos 1930.

<sup>310</sup> Ibidem.

<sup>311</sup> Ibid., p. 45-46.

A teoria de Barroso, sobre o judeu estar agregado tanto ao capitalismo (banqueiro) quanto ao comunismo (agitador revolucionário), também é defendida por Cabral, pois o judaísmo estaria disseminando o internacionalismo, que quer derrubar as políticas fronteiras, sacrificando a idéia de pátria.

Nos cimos da montanha, em que assenta o capitalismo, e no raso da planície, onde o proletariado vive, o judaísmo fez sentir suas influências onímodas, respeitadas, quase sempre, as conveniências de tempo e lugar.<sup>312</sup>

O padre integralista versará, exaustivamente, acerca de outros temas: o *Talmud* e a religião judaica; o poder oculto de Israel; organizações judaicas; os *Protocolos dos Sábios de Sião*, também fazendo um pequeno resumo do conteúdo; os judeus e a agricultura; judeus e a vida mental; judeus e a imprensa; judeus e a vida econômica; judeus e a vida social; etc. Em todos os itens, o autor procura demonstrar o elemento judaico por detrás das medidas, seguindo o plano de dominação pré-concebido e guiados por um governo secreto.

Cabral deixa, por fim, o tema relacionado aos judeus no Brasil. De acordo com ele, a penetração judaica, no Brasil, está caminhando a passos de gigante, indo em direção à formação de quistos no seio da população brasileira.<sup>313</sup> A inundação semítica continuará, caso não lhe seja imposta medidas radicais, que fechem as portas do país, a todos a esses elementos considerados prejudiciais ou indesejáveis. O alto capitalismo judaico estaria querendo fazer entrar no Brasil, uma leva de trinta mil judeus, o que para Cabral seria um presente de grego.<sup>314</sup>

O integralista afirma não alimentar preconceitos de raça ou religião, no entanto, entende serem os judeus indesejáveis, por não inserirem-se na agricultura, tornando-se urbanistas por excelência. Além desse problema, na interpretação de Cabral, por todos os lugares onde passam, os judeus tentam dominar, assenhorando-se da política, da administração, das finanças e da técnica, a fim de submeterem a população local ao jugo do messianismo da raça de Judá.<sup>315</sup> Aqui, novamente, refere-se

---

<sup>312</sup> Ibid., p. 74.

<sup>313</sup> Ibid., p. 209.

<sup>314</sup> Ibid., p. 210.

<sup>315</sup> Ibid., p. 213.

a obras de Gustavo Barroso, que trariam a tona esses fatos (*Espírito de Século XX e Brasil – Colônia de Banqueiros*).

Por todos os textos, o autor seguirá a linha de Barroso, procurando demonstrar a execução de um plano judaico organizado e posto em prática há muitos séculos, atribuindo aos judeus os “infortúnios” por quais teriam passado as civilizações cristãs (“goim”), como as revoluções, as guerras e as mudanças de estruturas políticas (da autocracia para a democracia). Assim como Barroso e os demais autores, Cabral aponta para os *Protocolos*, pois seriam o documento comprobatório do predomínio judaico na economia, na imprensa e na política.

O livro de João Passos Cabral constitui, certamente, grande semelhança aos escritos de Barroso, não só por citá-lo excessivamente, mas pela extensão dos textos e pelo tom científico que pretende alcançar, aludindo a demasiados autores brasileiros e estrangeiros em notas de rodapé. Quanto à atuação do padre integralista na imprensa, encontramos apenas uma referência, pela autora Maria das Graças Ataíde de Almeida<sup>316</sup>, segundo a qual, Cabral escreveu um artigo no periódico não-integralista *A Gazeta* (25 de julho de 1938), da matriz de Boa Vista (Pernambuco), tentando provar a veracidade dos *Protocolos*.

#### 2.3.4. Affonso de Carvalho

Sustentando-se, especialmente, nos trabalhos de Alberto Torres, Oliveira Vianna e Gustavo Barroso, Affonso de Carvalho publica, em 1937, *O Brasil não é dos brasileiros*<sup>317</sup>, procurando esboçar um quadro da servidão política, territorial, econômica, financeira e comercial que o Brasil estaria vivendo desde o momento da independência.

Carvalho incorpora a tese central da obra de Barroso, *Brasil – Colônia de Banqueiros*, ao enfatizar a dependência brasileira, após 1822, à política internacional, vendo no imperialismo estrangeiro, ou no judaísmo, o poder ao qual o Brasil estava

---

<sup>316</sup> ALMEIDA, Maria das Graças Ataíde de. Leituras Antissemitas: Periodismo Disfarçado de Catequese (1924-1940). In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.). *O Antissemitismo nas Américas: Memória e História*. São Paulo. Edusp. 2007. p. 262.

<sup>317</sup> CARVALHO, Affonso. *O Brasil não é dos brasileiros*. São Paulo: Panorama, 1937.

entregue.<sup>318</sup> O autor lembra, novamente, o empréstimo contraído junto a Casa Rotschild, mas durante a Guerra do Paraguai, endividando fortemente o país. Todavia, nesse primeiro momento, Carvalho não fará mais alusões aos judeus, voltando suas inquietações para o positivismo, o qual seria a primeira manifestação comunista no seio das forças armadas.<sup>319</sup>

Em relação ao território, Carvalho mostra-se bastante alarmado com o “perigo amarelo”, ou seja, as concessões de hectares, em larga escala, dadas aos japoneses, os quais chama de “besouros amarelos”. Outra observação interessante é que parte das críticas, serão voltadas também às concessões de terras, na Amazônia, dadas a Ford, denominando a área de “Fordlândia”. Para o autor, essas medidas iriam ferir a soberania nacional.

A obra de Carvalho difere das analisadas anteriormente, já que o autor faz uso de termos antissemitas em trechos bem determinados, quando se refere a alguns componentes da economia brasileira (carvão, ouro, café), às empresas encarregadas do serviço de seguros e aos bancos. Segundo o integralista, não seria necessário o Brasil apelar à importação do carvão de Cardiff, o “ouro negro do judeu”.<sup>320</sup> Em relação ao ouro, para Carvalho, nos tempos modernos, o metal se encontraria nas mãos dos ingleses e dos judeus, que estariam de posse de quase todas as minas.<sup>321</sup> O judeu, adventício e aventureiro, estaria percorrendo o sertão, adquirindo e escoando todo o ouro para o estrangeiro, por falta de vigilância das autoridades. Ao falar do café, o autor baseia-se nas informações do *Brasil – Colônia de Banqueiros*, de Barroso, afirmando existirem transações financeiras ligadas a Rotschild e a renda advinda da exportação do produto.<sup>322</sup> Em menção às empresas de seguros e aos bancos, Carvalho salienta, respectivamente, as tentativas de nacionalização e medidas protecionistas para essas instituições (bancos nacionais), que encontram oposição nas figuras ligadas á “usura judaica”. O penúltimo tópico a ser abordado é *Servidão Financeira*, onde o integralista esboça uma síntese do livro de Gustavo Barroso citado logo acima.

Portanto, reportando-nos ao conteúdo do escrito de Carvalho, ele afasta-se dos demais autores integralistas examinados, não expressando um antissemitismo radical. Não encontramos citações aos clássicos antissemitas Henry Ford (inclusive, Carvalho

---

<sup>318</sup> Ibid., p. 16.

<sup>319</sup> Ibid., p. 23.

<sup>320</sup> Ibid., p. 71.

<sup>321</sup> Ibid., p. 107.

<sup>322</sup> Ibid., p. 124.

critica Ford, por adquirir vastos terrenos na Amazônia), Léon de Poncins, Hitler ou aos *Protocolos*. Porém, o integralista aproxima-se de Barroso, aludindo aos seus trabalhos e utilizando-se da mesma forma textual para apresentar suas informações, expondo grande quantidade de números, dados, datas, etc. Em nossa pesquisa, não obtivemos informações quanto à participação de Carvalho na imprensa. Em termos políticos, o integralista será nomeado interventor federal no estado de Alagoas, em 1933.

Percorridos os trabalhos de alguns integralistas que seguiram a linha antissemita do movimento, evidenciamos uma forte influência do líder e maior propulsor dessa corrente. Todos eles, em algum momento, citam Gustavo Barroso. João Passos Cabral e Affonso de Carvalho irão mencionar trechos inteiros dos livros do líder integralista. As formatações das obras também seguem à semelhança da feita pelo chefe das milícias, com frases e palavras de ordem, persuasivas, e, sobretudo, repetitivas. A repetição de determinados conceitos, à exaustão, certamente constitui uma característica de Barroso e seus seguidores.

O enfoque, por vezes, é diversificado (como fez Gouvêa, ao centrar-se nos filmes), mas o mote essencial de uma conspiração judaica que visa ao desmoronamento da civilização cristã, através da maçonaria, do comunismo, do capitalismo e da formação de um “Estado no Estado”, defendida em quase todos os livros de Barroso, é seguido pelos autores ressaltados, particularmente pelos três primeiros. A nosso ver, o padre João Passos Cabral foi o que mais se aproximou de Gustavo, não apenas pelo teor radical do conteúdo, mas pela forma, referindo-se a excessivos autores estrangeiros e antissemitas, para dar embasamento a suas afirmações.

## **CAPÍTULO III**

### **O ANTISSEMITISMO NA IMPrensa INTEGRALISTA**



## CAPÍTULO III – O ANTISSEMITISMO NA IMPRENSA INTEGRALISTA

### 3.1. História e ação dos jornais integralistas

Uma dimensão completa acerca da organização da imprensa e da história dos jornais publicados pelo movimento integralista já foi realizada por Rodrigo Santos de Oliveira, em sua tese de doutorado, referida no primeiro capítulo (revisão bibliográfica da AIB).<sup>323</sup> Destarte, buscaremos apresentar, resumidamente, a história e a concepção de alguns dos mais significativos periódicos integralistas, para, em segundo momento, averiguar como se deu a divulgação do pensamento antissemita pelas páginas de alguns periódicos do movimento.

#### 3.1.1. O papel da imprensa integralista

Em nosso sucinto histórico da Ação Integralista Brasileira, percebemos, nas palavras de Héglio Trindade, que o movimento tem a sua base ideológica constituída sobre dois alicerces: a Sociedade de Estudos Políticos e o jornal *A Razão*. O jornal, de acordo com Trindade, havia se tornado o instrumento de difusão das idéias de Salgado. Deste modo, entendemos, da mesma forma que Oliveira, o surgimento do movimento integralista estar ligado diretamente às páginas de um jornal.

Para Rosa Cavaleri, o livro veiculava as idéias produzidas pelos teóricos do partido e o jornal as popularizava.<sup>324</sup> Logo, o jornal desempenharia a disseminação do “corpus teórico” integralista junto aos militantes, tendo por objetivo, também, transmitir a doutrina de maneira uniforme.<sup>325</sup> De acordo com a autora, os jornais do interior, por exemplo, destinados aos militantes mais afastados, eram editados tendo por base os jornais dos maiores centros urbanos, onde se concentrava a elite dirigente da AIB (São Paulo e Rio de Janeiro). Com exceção de propagandas comerciais locais e colunas

---

<sup>323</sup> Anteriormente, Rosa Maria Cavaleri e Héglio Trindade haviam realizado uma breve apreciação a respeito da imprensa integralista. Existe, também, um interessante livro publicado recentemente, com vários artigos sobre o tema: *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011.

<sup>324</sup> CAVALARI, op. cit., p. 79.

<sup>325</sup> *Ibidem*.

sociais (notícias de casamentos, batizados, aniversários, etc.), poucas matérias poderiam diferenciar um jornal do interior do nordeste de um jornal interiorano do sul.<sup>326</sup>

Todavia, para Rodrigo Oliveira, com o qual concordamos, a relação entre teoria (livros) e doutrina (jornais) não é direta, muito menos uma transposição. Como informa o autor, percebe-se que apenas a parte mais superficial da doutrina chegava aos militantes. A materialização ideológica do integralismo através das páginas de jornais e livros passava por uma seleção prévia, na qual os elementos mais gerais ficavam disponíveis.<sup>327</sup> Os pontos teóricos mais difíceis de serem compreendidos e, principalmente, as diferenças intrínsecas presentes nos autores, eram suprimidos. Ao militante, deveria ser passada a idéia de que o movimento integralista era um organismo perfeito, sem dissensões ou diferenças internas, mesmo que na prática isso não ocorresse.<sup>328</sup> Um exemplo é o antissemitismo, que, como vimos no segundo capítulo, era tema constante nas obras de Barroso e difundido por outros autores. Pela averiguação de alguns jornais da AIB, perceberemos que esse antissemitismo tinha uma baixa repercussão nos jornais.<sup>329</sup> Porém, aprofundaremos essa questão adiante. Entende-se assim que, de uma maneira geral, os integrantes da AIB formavam conhecimento da discussão relativa aos inimigos e aliados. Em outras palavras, o discurso de construção da identidade política do movimento (materialismo *versus* espiritualismo).

No período de existência legal da Ação Integralista, foram editados cento e trinta e oito jornais oficialmente ligados ao movimento, sendo dois de circulação nacional, trinta de circulação regional e cento e seis de circulação local ou nuclear.<sup>330</sup> Segundo Oliveira, os estados do sul e sudeste, acrescidos da Bahia, concentraram a maior quantidade de publicações. Haveria uma íntima relação entre o número de jornais e o número de núcleos integralistas (quanto maior número de núcleos, maior quantidade de jornais), à exceção do Ceará, onde existiram noventa e oito núcleos e apenas três jornais.<sup>331</sup> De acordo com a pesquisa de Oliveira, haveria, em números brutos, uma

---

<sup>326</sup> Explica Cavalari que apenas dois jornais veiculavam notícias locais, mas, ainda assim, com o intuito de divulgar alguns pontos doutrinários. Seriam: *A Razão* (Garanhuns-PE) e *O Nacionalista* (Araraquara-SP).

<sup>327</sup> OLIVEIRA, op. cit., p. 294.

<sup>328</sup> *Ibidem*.

<sup>329</sup> Uma exceção dessa regra é o já referido jornal *Século XX*, dirigido por Oswaldo Gouvêa. O periódico circulou entre 1935 e 1937, apresentando como principal tema o pensamento antissemita, visto que era influenciado diretamente por Gustavo Barroso.

<sup>330</sup> *Ibid.*, p. 138.

<sup>331</sup> *Ibid.*, p. 138-139.

razão de um jornal para cada dez núcleos, fazendo uma simples divisão do número total de núcleos (1381) pelo número total de jornais (138).

Entretanto, Oliveira esclarece, de acordo com dados oficiais (retirados do *Monitor Integralista*) de 1935, que existiam, naquele ano, oitenta e oito jornais ligados oficialmente ao integralismo, alterando o cálculo inicial (ficaria um jornal para cada quinze núcleos).<sup>332</sup> Sendo assim, cada jornal abrangeria uma determinada região, havendo a preocupação de que todos os núcleos estivessem sob a esfera de influência dos jornais do movimento: cada núcleo recebia os jornais de circulação nacional, regional e de sua própria localidade (ou de uma localidade próxima). Desta forma, os militantes ficavam a par de todas as informações e recebiam periodicamente a sua carga doutrinária, pois o movimento tinha a preocupação de que o filiado entrasse em contato com as ordens, a doutrina e a ideologia integralista tanto da Chefia Nacional (Plínio Salgado), Provincial (lideranças regionais) e Nucleares (lideranças locais).<sup>333</sup>

### **3.1.2. O precursor, o orientador e o disseminador: *A Razão*, *Monitor Integralista* e *A Offensiva*.**

#### **3.1.2.1. *A Razão***

O jornal *A Razão*, como já dito, foi um dos propulsores para a consolidação da doutrina integralista, permitindo a Plínio Salgado arregimentar intelectuais objetivando, futuramente, criar a SEP e, por conseqüência, a AIB. O jornal foi fundado por Alfredo Egídio de Souza Aranha, amigo de longa data de Plínio Salgado e antigo patrão.<sup>334</sup> Os principais pensadores do jornal eram Salgado e San Tiago Dantas, o primeiro ficando responsável pela mais importante coluna, *Nota Política*, que era uma espécie de editorial, embora não recebesse essa denominação.<sup>335</sup>

O jornal *A Razão* não chegou a ter um ano de existência, mas o seu papel foi fundamental para Plínio Salgado através da coluna “Nota Política”, estabelecer as bases ideológicas da futura AIB.<sup>336</sup>

---

<sup>332</sup> Ibid., p. 140.

<sup>333</sup> Ibidem.

<sup>334</sup> Ibid., p. 99.

<sup>335</sup> Ibidem.

<sup>336</sup> Ibid., p. 100.

Analisando os textos de Salgado para essa coluna, nota-se que ele constrói a base ideológica da futura AIB, explorando vários pontos básicos, como a aversão ao liberalismo e ao pluripartidarismo, sua oposição aos regionalismos e a defesa de um nacionalismo e centralismo, sua simpatia por regimes fortes e ditatoriais convergentes em uma simpatia pelo fascismo, seu ódio ao comunismo, sua religiosidade, etc.<sup>337</sup>

Este periódico teve existência de pouco mais de um ano (maio de 1931 até junho de 1932, quando foi empastelado no início da Revolução Constitucionalista em SP), era diário e circulava na capital paulista, podendo ser adquirido em outros territórios nacionais, via correio. Tinha dez páginas e formato tablóide.<sup>338</sup>

De acordo com Oliveira, o jornal tinha uma divisão bem determinada. A primeira página, invariavelmente, trazia matérias e/ou notícias nacionais de cunho político ou de informação geral. Por vezes, algumas notícias internacionais. A segunda página era destinada a matérias sobre política nacional e internacional. A terceira apresentava a coluna editorial “Nota Política”, matérias sobre política nacional e internacional. Ocasionalmente, aparecia uma coluna escrita por San Tiago Dantas, sobre temas políticos. A quarta página era estruturada com a publicação de quatro colunas: “Sociais”, “Religião”, “Rádio” e “Fatos Diversos”. Na quinta, apareciam as colunas “Teatro” e “Cinema”. A sexta e a sétima página tratavam sobre esportes. Na oitava, surgiam as colunas “Justiça” e “Editais”, em algumas edições saindo matérias sobre bancos e empresas. A nona página apresentava a coluna “Câmbio e Negócios”. E a última, veiculava notícias policiais e políticas.<sup>339</sup>

O periódico *A Razão*, era, portanto, organizado como uma folha de informação geral, mesmo porque não defendia a bandeira de nenhuma agremiação política, com exceção dos últimos números, em que começa a se esboçar em suas páginas, a formação de uma nova ordem política.<sup>340</sup> Foi, desse modo, um jornal organizado pelo maior número de pessoas possível e, a partir disto, apresentar um novo ponto de vista, ou até mesmo uma nova perspectiva política, ao mostrar à sociedade a gestação de uma nova ideologia.<sup>341</sup>

---

<sup>337</sup> Ibidem.

<sup>338</sup> Ibid., p. 142.

<sup>339</sup> Ibid., p. 142-143.

<sup>340</sup> Ibid., p. 143.

<sup>341</sup> Ibidem.

### 3.1.2.2. Monitor Integralista

O primeiro jornal do movimento integralista foi *O Integralista*, surgido no mês seguinte ao lançamento do *Manifesto de Outubro* e organizado pelos estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo. Não chegou a ser editado de forma regular, tendo a ocorrência de apenas dez números, mas durou durante todo o período de existência da AIB.<sup>342</sup> Contudo, o primeiro jornal integralista de circulação nacional foi *Monitor Integralista*.

O periódico surgiu em 1933, no Rio de Janeiro, tendo circulação interna e estruturado como uma espécie de “diário oficial”. Começou como publicação quinzenal (dezembro de 1933 até fevereiro de 1934) e acabou como quadrimestral (entre janeiro e outubro de 1936, tendo apenas uma edição em 1937).<sup>343</sup> Todos os líderes dos núcleos (estaduais e municipais) deveriam fazer a aquisição da folha. O jornal versava sobre a organização do movimento, onde era editada toda a estrutura organizativa em forma de organogramas, dando as orientações a serem seguidas pelas secretarias em todas as suas esferas (nacional, estadual e nuclear).<sup>344</sup> Era o órgão que definia a estruturação interna da AIB: decidia sobre uniformes e divisas, fazia convocações para reuniões e congressos, publicava o nome dos membros que assumiam cargos (secretarias regionais e nacionais) e transmitiam resoluções da chefia nacional, todas assinadas por Plínio Salgado.<sup>345</sup>

Não haveria espaço para a desobediência, o *Monitor Integralista* deveria ser adquirido por todos os núcleos, fazendo com que suas ordens fossem conhecidas por todos os integrantes do movimento. Dessa forma, o jornal era responsável por sistematizar como a AIB se estruturava enquanto movimento político. A difusão ideológica, de uma maneira igualmente planejada, caberia, então, a outro periódico também de circulação nacional, *A Offensiva*.

---

<sup>342</sup> Ibid., p. 149.

<sup>343</sup> Ibid., p. 150.

<sup>344</sup> Ibid., p. 151.

<sup>345</sup> Ibidem.

### 3.1.2.3. A *Offensiva*

Segundo Oliveira, *A Offensiva* era o principal portal de transmissão da doutrina integralista.<sup>346</sup> Tinha o caráter de órgão oficial da AIB e era através dele que a palavra do “Chefe Nacional” (Salgado) chegava aos lares dos militantes. Igual ao *Monitor Integralista*, havia a obrigatoriedade de assinatura por parte dos núcleos. Aos militantes, era recomendado que todos assinassem ou comprassem nas bancas.

Este jornal teve três fases distintas, entre 1934 e 1937. A primeira se estende maio de 1934 a maio de 1935, com a direção de Salgado em pessoa, ou seja, levava oficialmente o caráter de ser dirigida pelo “Chefe”.<sup>347</sup> Representou o período de afirmação do integralismo enquanto movimento político, tendo oito páginas e formato pasquim. Sua estrutura lembrava em muito o jornal *A Razão*, embora não tivesse o mesmo tamanho físico.<sup>348</sup> Nesta primeira fase, o jornal ainda estava em busca de uma definição daquilo que era o integralismo.

A partir do número cinquenta e três, o jornal inicia a segunda etapa de sua existência, passando por uma ampliação física (entre dez e dezesseis páginas) e também a reestruturação interna das seções. Esta segunda fase apresentou várias mudanças, com o conteúdo adaptado às novas conjunturas políticas: marchas militarizadas desapareceram, minimizaram as críticas ao governo, publicaram-se apologias às forças armadas e abandonou-se a própria visão revolucionária.<sup>349</sup> Com a absolvição da AIB no enquadramento da Lei de Segurança Nacional, afastou-se o fantasma de uma possível cassação, trazendo novamente às páginas a veiculação de desfiles e reuniões.

No decorrer da segunda fase, o jornal sofre uma reestruturação interna, abrindo espaço para a terceira fase, a partir de janeiro de 1936. *A Offensiva* sofreria algumas mudanças: o tamanho físico aumentaria (passando de pasquim para tablóide), a circulação seria diária (de terça a domingo), passaria a ter um diretor além de Plínio Salgado (Madeira de Freitas) e as palavras de ordem deixariam de ser sempre destacadas.<sup>350</sup>

---

<sup>346</sup> Ibidem.

<sup>347</sup> Ibidem.

<sup>348</sup> Ibid., p. 151-152.

<sup>349</sup> Ibid., p. 163. Esse viés revolucionário, esclarece Oliveira, se explica pelo fato de o movimento integralista ter sofrido uma mudança interna, ao obter o registro como partido político junto ao Superior Tribunal Eleitoral. Abandona a via revolucionária, e começa, paulatinamente, a se organizar dentro dos moldes político-partidários.

<sup>350</sup> Ibid., p. 163-164.

Conclui-se assim que *A Offensiva* tinha como objetivos centrais a difusão da ideologia integralista, a doutrinação dos militantes e a consolidação e manutenção do poder pessoal de Salgado dentro da Ação Integralista Brasileira.<sup>351</sup>

*A Offensiva* foi o jornal de maior expressão dentro da rede de periódicos que a Ação Integralista montou. Tinha o caráter de principal órgão do partido e uma das principais formas de inserção social dos “camisas-verdes” junto à sociedade brasileira da época. O jornal também servia de exemplo para outros jornais do movimento. Mesmo que não possuíssem a mesma capacidade em termos de recursos para publicação, *A Offensiva* era o norte desses periódicos.<sup>352</sup>

Através da pesquisa de Rodrigo Oliveira, conseguimos traçar um rápido histórico a respeito dos principais jornais do movimento integralista.<sup>353</sup> A partir daqui, apresentaremos como foi disseminado o antissemitismo pelas páginas de alguns jornais da Ação Integralista Brasileira.

### 3.2. O antissemitismo nos impressos integralistas

Ao longo de nossa pesquisa, percebemos como o antissemitismo radical de Gustavo Barroso influenciou alguns autores dentro do movimento integralista, com a publicação de algumas obras, seguindo praticamente a mesma linha do chefe das milícias.<sup>354</sup> Voltaremos nossa atenção, agora, para a análise desse antissemitismo pelas páginas da imprensa do movimento, dando atenção especial a dois periódicos: *A Offensiva* e *O Integralista*. O primeiro, examinado acima, dirigido por Salgado e de suma importância para divulgação da ideologia. O segundo, um jornal local e, obviamente, de menor expressão, editado em Porto Alegre (RS), sob a direção de uma figura já citada: Anor Butler Maciel. Por fim, teceremos uma breve análise do periódico *Século XX*, dirigido por Oswaldo Gouvêa e influenciado por Gustavo Barroso,

---

<sup>351</sup> Ibid., p. 166.

<sup>352</sup> Ibidem.

<sup>353</sup> Renata Duarte Simões realiza, em sua tese de doutorado, uma análise detalhada da estruturação do jornal *A Offensiva*.

<sup>354</sup> Contudo, ainda não temos informações suficiente para averiguar a influência de Barroso fora da AIB.

apresentando um forte conteúdo antissemita. “Breve análise”, pois tivemos acesso apenas a um exemplar do periódico.

Uma análise a respeito do antissemitismo pela imprensa integralista foi elaborada, de uma maneira geral, por Rodrigo Oliveira, em sua dissertação de mestrado.<sup>355</sup> De acordo com os jornais analisados pelo autor, as matérias antissemitas representaram 8,17% do total. Dentro dos exemplares do *A Offensiva* estudados por Oliveira, o antissemitismo representou 7,59% das matérias e referências, superado em número por matérias anticomunistas e antiliberais. Em periódicos regionais, o antissemitismo representaria 8,66% das matérias e referências, superado também pelas anticomunistas e antiliberais.<sup>356</sup> Por esses dados, confirmar-se-ia a hipótese de que o antissemitismo, por não ser consenso entre os teóricos do movimento integralista, receberia menor atenção nas páginas dos jornais, dentro da idéia de apresentar a AIB como órgão livre de dissensões internas. No entanto, é uma questão delicada. Murilo Antonio Paschoaleto, ao examinar *A Offensiva*, em sua dissertação de mestrado, comprova que, realmente, o posicionamento antissemita não foi partilhado pela maior parte dos articulistas do jornal. Porém, explica Paschoaleto, a quantidade e a periodicidade com que os textos antissemitas foram veiculados parece ter sido o bastante para que alguns indivíduos vissem e/ou identificassem o periódico tendo um caráter antissemita.<sup>357</sup>

Não obstante, Paschoaleto alude a matérias e referências de exemplares do jornal *A Offensiva* a partir de janeiro de 1936, período em que o jornal já estava mais “amadurecido”. Inclusive, assim como afirma Renata Simões, já contava, desde o número 52 (11 de maio de 1935), com a sessão intitulada “Judaísmo Internacional”, na qual figurariam textos de Gustavo Barroso, sob o pseudônimo de João do Norte. Esses textos sobre questões judaicas ficariam a cargo de Barroso, por ser ele reconhecido, segundo o periódico, por “todos os brasileiros”, como “verdadeiro técnico” em matéria de judaísmo. Essa seção durou pela segunda fase do jornal, quando foi extinta, por ordem do Chefe Nacional, devido às críticas que o jornal começou a receber em virtude da visão antissemita que assumiu.<sup>358</sup>

---

<sup>355</sup> OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Perante o tribunal da história: o anti-comunismo da Ação Integralista Brasileira*, op. cit.

<sup>356</sup> *Ibid.*, p. 120

<sup>357</sup> PASCHOALETO, op. cit., p. 79. Paschoaleto cita uma crônica escrita por Paulo Lavrador, onde o autor atentaria para o fato de alguns judeus nutrirem ressentimento para com o *A Offensiva*.

<sup>358</sup> SIMÕES, op. cit., p. 63-64.



Iniciaremos pelo maior jornal, *A Offensiva*, dando particular atenção à primeira fase de publicação desse impresso (maio de 1934 a maio de 1935). Depois, passaremos à análise de *O Integralista*, examinando todo o seu período de existência (fevereiro de 1934 a setembro de 1935). Faremos uma divisão simples para análise: matérias e referências. Por matérias, entendemos ser um artigo ou nota que sejam essencialmente antissemitas. Por referências, entendemos ser pequenas frases ou palavras antissemitas, inseridas em um texto que verse sobre outro assunto (liberalismo, comunismo, etc.).

### 3.2.1. O antissemitismo no principal jornal integralista: *A Offensiva*

Acerca do *A Offensiva*, visamos a analisar os exemplares do primeiro ano de publicação do periódico, entre 17 de maio de 1934 até maio de 1935, enquanto o integralismo ainda buscava uma definição. No entanto, via de regra, a nossa pesquisa se limitará até março de 1935, pois, infelizmente, não encontramos a continuação dos jornais no acervo. Foram examinados, portanto, quarenta e quatro jornais. O jornal de número 45, do dia 23 de março de 1934, dispunha apenas de duas páginas. Sendo assim, resolvemos não contabilizá-lo. Após o número 45, o próximo “conjunto” de exemplares do *A Offensiva* começa em abril de 1936, não nos possibilitando averiguar os meses de abril e maio de 1935. Salvo este pequeno contratempo, buscaremos examinar como, e com que frequência, aparece o antissemitismo neste primeiro ano de publicação do jornal mais importante para a disseminação da ideologia integralista, ainda consolidando as bases ideológicas do movimento. Posteriormente, daremos atenção ao periódico regional dirigido por Anor Butler Maciel.

A pesquisa de Renata Simões nos mostrou que *A Offensiva* foi estruturado durante toda a sua existência em cima de “seções”, divididas por assuntos. Todavia, segundo a autora, nesse período inicial de publicação do jornal, as seções demonstram uma fase de maior instabilidade em relação às outras. O número de seções na primeira fase é um pouco mais discreto e marcado pela conformação doutrinária assumida por *A Offensiva*.<sup>359</sup> As seções que mais obtiveram espaço durante o primeiro momento do jornal foram: “A Semana Internacional”, “Boletim dos Editores”, “Mundo

---

<sup>359</sup> Ibid., p. 52.

Cinematográfico”, “Na Sociedade”, “O Integralismo nas Províncias”, “Proletariado”, “Rádio”, “Música”, “Seção Jurídica”, “Sport”, “Theatro” e “Seção Universitária”.

Além de procurar por matérias e referências antissemitas inseridas nas seções do jornal, fizemo-nos três perguntas pontuais: será que Oswaldo Gouvêa, responsável pela seção “Mundo Cinematográfico”, iria escrever a respeito do cinema internacional (norte-americano, sobretudo) assim como fez em sua obra, acusando os judeus? Obviamente, também nos perguntamos se os artigos assinados por Gustavo Barroso manteriam o tom antissemita apresentado nos livros. Por fim, será que o “Chefe Nacional”, Plínio Salgado, apresentou algum pensamento antissemita no jornal? Buscaremos responder.

Já no primeiro exemplar, do dia 17 de maio de 1934, encontramos uma pequena referência, em um artigo intitulado “Espírito Novo da América”<sup>360</sup>, onde o autor, ao fazer uma crítica sobre o capitalismo internacional, que estaria agindo contra a política norte-americana, afirma: “O espírito novo da América, porém, há de ser mais forte, para criar sobre aquelas categorias econômicas decadentes e judaicas, outras mais humanas e mais cristãs”. No mesmo dia, haverá também, uma breve referência na matéria “O Integralismo Quer:”<sup>361</sup>, onde se estabelece uma relação entre capitalismo internacional e a ação dos banqueiros judeus de Londres e Nova Iorque. Ainda nesse exemplar, na seção “Mundo Cinematográfico”, com a matéria “O Sonho do Cinema Brasileiro”<sup>362</sup>, Oswaldo Gouvêa demonstra sua inquietação com a falta de produção de filmes dos cinemas brasileiros, inclusive elogiando a coesão dos produtores norte-americanos, sem mencionar alguma atividade judaica.



<sup>360</sup> A *Offensiva*, Rio de Janeiro, nº 1, 17/5/1934, p. 2.

<sup>361</sup> *Ibid.*, p. 3.

<sup>362</sup> *Ibid.*, p. 7.

A próxima referência antissemita aparecerá no jornal do dia 7 de junho de 1934, em uma matéria assinada por Gustavo Barroso, “O Movimento Fascista em França”<sup>363</sup>, na seção “A Semana Internacional”. Não classificamos como um artigo essencialmente antissemita, mas Barroso critica o silêncio de companhias telegráficas que, por estarem ligadas ao judaísmo internacional, não divulgariam o nascimento de um movimento fascista na França. Além disso, o movimento fascista seria uma resposta da “energia nacional jorrando espontânea através das almas moças” contra os “corrilhos judaicos donos de governos e de imprensas, e falando em nome das nações que lhes deram hospitalidade”.

No dia 14 de junho, Barroso irá, outra vez, proferir algumas frases antissemitas, na nota “Breviário”<sup>364</sup>, primeiramente relacionando o comunismo ao “judaísmo talmúdico” e, depois, o judaísmo ao materialismo, tendo como ídolos o “bezerro de ouro” e a “Boa-Deusa do Sírio”. Mário Graciotti, no artigo “Tendências e Afirmações”<sup>365</sup>, diz que o Brasil bate palmas aos “filósofos a serviço do judaísmo, economistas de Londres que o super capitalismo internacional despeja sobre a nossa terra”.



Na nota “Vendo Por Outro Prisma”<sup>366</sup>, de 21 de junho, baseada em um estudo de Mario Pagano (Secretário do Departamento de Estudo da Província de São Paulo), os interesses do capitalismo internacional são, mais uma vez, associados aos judeus, tendo em Rotschild o seu expoente principal, como mostrado na imagem.

Contudo, encontramos a primeira matéria essencialmente antissemita dentro da seção “A Semana Internacional” desse mesmo dia, intitulada “Crepúsculo Judaico”.<sup>367</sup> É um texto assinado por “El Cometa” e traduzido do jornal “El Cronista”, de Málaga. O conteúdo

<sup>363</sup> *A Offensiva*, Rio de Janeiro, nº 4, 7/6/1934, p. 3.

<sup>364</sup> *A Offensiva*, Rio de Janeiro, nº 5, 14/6/1934, p. 2.

<sup>365</sup> *Ibid.*, p. 4.

<sup>366</sup> *A Offensiva*, Rio de Janeiro, nº 6, 21/6/1934, p. 1 e 8.

<sup>367</sup> *Ibid.*, p. 3.

demonstra Hitler como o homem que foi capaz de enfrentar a invasão judaica na vida econômica, política e cultural de várias nações. A Inglaterra seria o país que mais sofreria nas mãos dos judeus, que teriam dominado a imprensa e o cinema, principalmente, projetando “fitas imorais e detestáveis”. A infiltração judaica se daria também no rádio, nos cabarés, nos cafés, nas corridas de cães, na ciência psicológica, na arte, na literatura, no exército, no ministério do Exterior, no comércio, na indústria, nas casas de penhor, etc. A população judaica que Hitler havia empurrado da Alemanha, estariam, dessa forma, triunfando na Inglaterra, sob a proteção do sistema governamental. Os judeus estariam começando a compreender que se aproxima o termo de seu domínio universal. Nota-se clara aproximação ao conteúdo disseminado pelos *Protocolos*, com a suposta conspiração e dominação judaica.

Surgirão ainda, referências antissemitas na nota “11 de Junho”<sup>368</sup>, a qual traz uma conferência proferida por Gustavo Barroso, na sede carioca da AIB. Barroso cita Rotschild e a ação do judaísmo internacional ligada ao “capitalismo-liberal-democrata”, unido disfarçadamente ao “comunismo-marxista”.

O exemplar do dia 28 de junho não apresenta matérias ou referências antissemitas, entretanto, traz uma entrevista (“Uma Entrevista do Sr. Gustavo Barroso”) realizada por Fernando Leviski, diretor do órgão de publicidade “A Civilização” de São Paulo, com Gustavo Barroso, onde o chefe das milícias integralistas é perguntado se o integralismo tem especial aversão a uma seita, raça ou religião. O integralista responde: “Não, desde que a seita, raça ou religião não visem a formação de um Estado no Estado, o que contraria a concepção de Estado Totalitário”.<sup>369</sup> Percebemos, pelas obras de Barroso, que essa acusação de Estado no Estado era referida à infiltração judaica na vida nacional. Mas aqui, ele não fala sobre os judeus.

Curioso também é o artigo de Gouvêa, para a sua seção sobre cinema, “A Doença de Hollywood”<sup>370</sup>, criticando a futilidade dos últimos filmes enviados por Hollywood para o Brasil naquele momento, afirmando que o gênio do norte-americano, sempre hábil, sofre às vezes de uma moléstia de sono ou cansaço crônico. Mesmo assim, Gouvêa não aludirá ao domínio judaico no cinema americano.

---

<sup>368</sup> Ibid., p. 4.

<sup>369</sup> *A Offensiva*, Rio de Janeiro, n° 7, 28/6/1934, p. 4.

<sup>370</sup> Ibid., p. 6.

Um pequeno resumo da obra de Barroso, *Brasil – Colônia de Banqueiros*, será feito no jornal do dia 5 de julho, na matéria “Os Mistérios da História Brasileira”<sup>371</sup>, que também traz algumas idéias do *O Espírito do Século XX*, falando da sociedade secreta “Bucha”. Outra vez, será estampada a imagem de Rotschild, em tamanho grande, na primeira página.

Em artigo escrito por Henry Coston (chefe dos “Camisas Azuis”, movimento fascista da França) no jornal do dia 12 de julho, “Sob o Jugo da Grande Finança Internacional”<sup>372</sup>, escrito especialmente para o *A Offensiva*, o francês critica o Banco de Paris e dos Países Baixos dirigido pelo judeu Horace Finaly, pois teria posto os pés em todas as partes do mundo.

No dia 19 de julho, encontra-se um escrito de Barroso, “O Problema da Terra”<sup>373</sup>, sem referências antisemitas. No entanto, mais adiante, aparecerá uma matéria sob o título “Nós e os Judeus”<sup>374</sup>, a qual versa o seguinte:

Temos dito muitas vezes que não alimentamos preconceito de raça. Muitas vezes temos afirmado que a nossa atitude contra o super-capitalismo internacional que, na sua maior parte, está em mãos israelitas, não visa a raça ou a religião judaica. Repetidamente temos proclamado que, combatendo o comunismo ou as organizações que enfraquecem o caráter de nossa gente, como as tais “ligas anti-guerreiras”, os tais “teatros de experiência”, os tais clubes separatistas se (como acontece freqüentemente) nesses focos de anti-nacionalismo encontramos judeus, nós não os guerreamos pelos fatos de serem judeus, pois os colocamos em pé de igualdade com os outros povos e até com os brasileiros. Entretanto, não compreendemos porque motivos os judeus estão se implicando com os integralistas. O fato é que eles estão enviando para o Exterior notícias mentirosas, para as quais chamamos a atenção das autoridades israelitas aqui domiciliadas.<sup>375</sup>

Mesmo tentando explicar que o integralismo não combate o judeu por ser judeu, o artigo associa o judeu ao capitalismo, ao comunismo, e às “atitudes anti nacionalistas”. A nota é uma resposta às supostas calúnias que um correspondente judaico de São Paulo teria enviado ao *Jewish Daily Bulletin* de Nova Iorque, onde acusa os integralistas (principalmente Barroso e Salgado) de proclamarem hostilidade aos

<sup>371</sup> *A Offensiva*, Rio de Janeiro, n° 8, 5/7/1934, p. 1.

<sup>372</sup> *A Offensiva*, Rio de Janeiro, n° 9, 12/7/1934, p. 1.

<sup>373</sup> *A Offensiva*, Rio de Janeiro, n° 10, 19/7/1934, p. 2.

<sup>374</sup> *Ibid.*, p. 3.

<sup>375</sup> *Ibidem*.

judeus, sobretudo imigrantes. De acordo com o artigo do *A Offensiva*, o correspondente acusaria os integralistas, ainda, de jogarem uma bomba em uma escola judaica. Essas calúnias, segundo o autor do artigo, só foram enviadas porque os judeus dominam as agências telegráficas e aliam-se aos jornalistas, aliciados no comunismo.

Na seção “Proletariado”, do mesmo dia, Miguel Reale escreve algumas referências antissemitas, ao relacionar o comunismo ao judaísmo, na matéria “Comunismo Covarde”:

O socialismo tornou-se covarde, sinuoso, mesquinho, porque se judaizou inteiramente. Quando a alma latina ou germânica ainda lhe sustentava a bandeira, havia mais arrojos de atitude, mais heroísmo. Hoje, conspurca-se na lama nas almas dos Jobims de todos os naipes.<sup>376</sup>

Reale estaria se referindo a um requerimento feito na Constituinte, por quatro deputados (Reale diz que são “três judeus e um brasileiro”), solicitando a proibição das organizações fascistas. Nota-se que o integralista não considera os judeus como sendo brasileiros.

Até aqui, apresentamos praticamente dois meses do jornal *A Offensiva*, destacando exclusivamente as matérias e referências antissemitas, encontrando, em um total de dez exemplares pesquisados, dez referências antissemitas em algumas notas e duas matérias com conteúdo exclusivamente antijudaico. Fazendo uma média simples, temos uma referência antissemita para cada jornal e uma matéria toda antissemita para cada cinco jornais. Deve-se levar em conta que, em alguns exemplares, não surgiram referências, enquanto em outros surgiram por mais de uma vez.

Mesmo assim, para o principal periódico do movimento integralista, responsável pela disseminação da ideologia e ainda em fase de afirmação, acreditamos ser uma média significativa. Todavia, essas referências aparecem diluídas pelos textos, que, em sua maioria, criticam o comunismo, o liberalismo e o capitalismo. A partir daqui, iremos nos concentrar, especificamente, nas matérias de cunho antissemita, destacando, por vez ou outra, as referências. Tomamos essa medida por não acharmos viável discorrer sobre todas as referências antissemitas encontradas, o que demandaria um excessivo número de páginas.

---

<sup>376</sup> Ibid., p. 7.

A próxima matéria antissemita é assinada, outra vez, por Henry Coston: “Os aproveitadores da guerra”<sup>377</sup>, dentro do jornal de 26 de julho. Coston assevera ser o judeu chamado Baruch um grande industrial norte-americano, e possuidor de 243 fábricas armamentistas, das 246 que existiam nos Estados Unidos. Na França, quando da declaração da Primeira Guerra, dois judeus seriam responsáveis pelos armamentos militares. Para Coston, aí estão dois exemplos “para convencer, espero, o público, da existência dos Armamentistas Internacionais, mercadores de canhões e munições, para quem as vidas humanas valem muito pouco diante de seus interesses”.<sup>378</sup>

Henry Coston é o responsável por outro escrito antissemita, inserido no jornal do dia 16 de agosto. O chefe do movimento fascista na França, de acordo com o periódico, se comunicava intensamente com Gustavo Barroso, por meio de cartas, as quais, muitas vezes, tinham o seu conteúdo publicado no *A Offensiva*. Como estamos notando, Coston partilhava de um antissemitismo nos mesmos moldes do disseminado por Gustavo Barroso. Além do mais, observamos que, apesar do jornal ser dirigido por Salgado, Barroso exerce alguma influência na seção “Semana Internacional”, visto a significativa quantidade de artigos antissemitas nessa seção. Voltando a matéria de Henry Coston, ela foi intitulada “O Trust da Imprensa”<sup>379</sup>, visto que, segundo Coston, o judeu Horacio Finaly (já aludido como dono de um grande banco), aliou-se à agência de imprensa e publicidade Havas, seguindo “sábios conselhos” de Arthur Meyer, agente judaico nos meios conservadores e católicos. A imprensa francesa estaria, dessa forma, dominada pelo judaísmo, sendo esse, de acordo com o editor do jornal, o mesmo panorama do Brasil.<sup>380</sup>



<sup>377</sup> *A Offensiva*, Rio de Janeiro, n° 11, 26/7/1934, p. 3.

<sup>378</sup> *Ibidem*.

<sup>379</sup> *A Offensiva*, Rio de Janeiro, n° 14, 16/8/1934, p. 2.

<sup>380</sup> *Ibidem*.

Na mesma página, também existe uma matéria antissemita de Gustavo Barroso, “Coincidências...”.<sup>381</sup> Barroso expõe, nessa matéria, basicamente o mesmo antissemitismo apresentado em suas obras, de início dizendo que “em todas as revoluções comunistas que se preparam ou tem vindo a furo, os judeus representam o papel principal”.<sup>382</sup> Aqui também Barroso utiliza-se da “tática” de citar outros autores para confirmar suas teorias. O integralista irá apoiar-se em Henry Ford, por exemplo, para afirmar que, na Rússia, os banqueiros judeus financiaram a revolução bolchevista. O conteúdo do texto segue o mesmo norte do examinado em *Integralismo e o mundo*, com Barroso afirmando serem os judeus chefes dos partidos revolucionários por todos os países.

Atentem os brasileiros para os nomes de certos agitadores e propagadores de certas idéias no nosso meio e verão que pertencem à raça nômade perseguida por tantas coincidências. Felizmente o mundo moderno está descobrindo que o fascismo, o francismo, o nacional-socialismo são os melhores remédios deste mundo para essas curiosas coincidências.<sup>383</sup>

O jornal do dia 30 de agosto apresenta três matérias antissemitas. A primeira denomina-se “Os agitadores estrangeiros”<sup>384</sup>, procurando demonstrar os agitadores influentes no operariado brasileiro a soldo do comunismo judaico. O governo deveria, se não quisesse falhar aos seus mais sagrados deveres do patriotismo, “livrar o país dessa casta nociva de aventureiros, que desembarcam no Brasil graças às facilidades que encontram e aqui permanecem em virtude da tolerância com que se entregam às suas atividades criminosas”.<sup>385</sup>

A segunda, “As perguntas de WAAJA”<sup>386</sup>, traz algumas “perguntas” em tom de afirmações, proferidas pela associação norte-americana WAAJA (Aliança Mundial contra a Agressão Judaica). O jornal expõe algumas:

Sabe que o jornal judaico Forward, de Nova York, publicou um artigo pedindo aos judeus dinheiro para a revolução comunista russa de 1917 e declarando: “Será um grande triunfo para a causa judaica. Os

---

<sup>381</sup> Ibidem.

<sup>382</sup> Ibidem.

<sup>383</sup> Ibidem.

<sup>384</sup> *A Offensiva*, Rio de Janeiro, n° 16, 30/8/1934, p. 2.

<sup>385</sup> Ibidem.

<sup>386</sup> Ibid., p. 3.



elementos anti-judaicos da Rússia têm sido identificados com o partido anti-revolucionário. Os judeus dominaram sempre os conselhos dos revolucionários”? (...). Sabe que Karl Marx propôs, no seu Manifesto Comunista de 1848, a abolição do lar, da religião, do patriotismo, da moral e da lei, sendo esse o programa de ação dos membros de certa raça que domina o único país do mundo agora sujeito ao plano de Marx? (...). Já leu todos os planos diabólicos traçados nos Protocolos dos Sábios de Sião e que se vinham confirmando pela realização, até 1934?<sup>387</sup>

A última matéria, “Operários e Judeus”<sup>388</sup>, relaciona os judeus, “internacionais e dissolventes”, à propaganda comunista feita no Brasil, atirando o operário ludibriado nos conflitos em praça pública. Nesses conflitos, “os provocadores dos tiroteios, quase sempre estrangeiros e judeus, guardam as pistolas e escafedem, os transeuntes e os operários são baleados”.<sup>389</sup> Percebe-se que as três matérias antissemitas associam os judeus ao comunismo e às agitações revolucionárias, dessa vez não falando em capitalismo internacional ou banqueirismo. Encontramos explicação para isso na inquietação causada pelo conflito na Praça Tiradentes, no dia 23 de agosto de 1934, entre integralistas e comunistas.

No dia 6 de setembro, Barroso assina uma matéria antissemita chamada “A Raça Superior”.<sup>390</sup> Esse foi um dos textos inseridos na obra *A Palavra e o Pensamento Integralista*, o qual analisamos detalhadamente no segundo capítulo, não cabendo novas apreciações sobre ele.

A próxima matéria aparece no dia 13 de setembro, com o nome “Biro-Bidjan”.<sup>391</sup> De acordo com o texto, em uma bandeira trazida pelos manifestantes comunistas no conflito da Praça Tiradentes, havia o seguinte escrito: “Viva a autonomia do território judaico Biro-Bidjan!”. A bandeira se encontraria na sede integralista para quem quisesse ver. Para o autor da matéria:

O que essa bandeira prova é que os judeus tomaram parte na manifestação contra as nossas autoridades, o que equivale a dizer que saíram fora da linha na terra que os está hospedando. Aos cidadãos do Território Autônomo de Biro Bidjan, os Brasileiros pedem que vão fazer suas manifestações lá e que, se estão mal satisfeitos com a vida no Brasil, mudem-se o mais depressa possível para a sua terra

---

<sup>387</sup> Ibidem.

<sup>388</sup> Ibid., p. 6.

<sup>389</sup> Ibidem.

<sup>390</sup> *A Offensiva*, Rio de Janeiro, n° 17, 6/9/1934, p. 2.

<sup>391</sup> *A Offensiva*, Rio de Janeiro, n° 18, 13/9/1934, p. 3.

autônoma. Aliás, é conveniente ir arrumando as malas e encomendando as passagens para Biro Bidjan, porque o Brasil ainda não é da Mãe Joana e a Mocidade Brasileira vai construir a grande Nação que não tolerará os biro-bidjanenses, nem outros cupins da mesma marca.<sup>392</sup>

Gustavo Barroso, ao discorrer sobre o movimento fascista no Canadá, emprega um tom antissemita bem próximo de suas obras, no artigo “O Fascismo no Canadá”<sup>393</sup>, do dia 20 de setembro. Para o integralista, a ascensão de um movimento fascista naquele país, se deve a uma reação frente ao ateísmo, ao individualismo, ao judaísmo, ao comunismo e à desordem. Barroso apresenta, novamente citando uma “fonte confiável” (uma revista publicada no Canadá francês), dados que comprovam o predomínio judaico em diversos segmentos: minas, florestas, indústria da madeira, eletricidade, cartéis de secos e molhados, comércio do fumo, telefones, moda, cinema, teatro, botequins, etc. Ainda surgirão mais duas matérias antissemitas: “O antissemitismo na Turquia”<sup>394</sup> e “O Estado no Estado”.<sup>395</sup> A primeira, traz informações divulgadas por um jornal turco, *Cumhurivet*, acusando os judeus de trabalharem, sempre que possível, contra o governo, já no tempo dos sultões. A segunda, aponta para uma “camuflagem judaica”, uma vez que “os judeus dão-se, por toda a parte, ares de mártires, de perseguidos, segundo dizem ou mandam dizer pelos escritores a que pagam, por causa de sua raça e de sua religião”.<sup>396</sup> Os judeus teriam a “mania” de querer dominar o mundo:

Desistam os judeus dessa mania de hegemonia do mundo e ninguém se lembrará de persegui-los por questões de raça e de religião, as quais somente lhes servem para por trás delas esconderem seus verdadeiros propósitos.<sup>397</sup>

No jornal do dia 27 de setembro, outra feita será tratado o conflito entre integralistas e comunistas, em “Operários e Judeus”<sup>398</sup>, chamando a atenção para os agentes judeus disseminados nos meios operários, ludibriando-os. Serão nomeados os

---

<sup>392</sup> Ibidem.

<sup>393</sup> *A Offensiva*, Rio de Janeiro, n° 19, 20/9/1934, p. 2.

<sup>394</sup> Ibidem.

<sup>395</sup> Ibid., p. 3.

<sup>396</sup> Ibidem.

<sup>397</sup> Ibidem.

<sup>398</sup> *A Offensiva*, Rio de Janeiro, n° 20, 27/9/1934, p. 3.

líderes das manifestações comunistas, pois todos seriam judeus. Os *Protocolos* serão citados também, já que levantariam o véu sobre os planos judaicos.

Não encontramos nenhuma matéria antijudaica no dia 11 de outubro, no entanto, consideramos importante destacar um parágrafo de cunho antisemita, escrito pelo “Chefe Nacional”, Plínio Salgado, ao relatar os acontecimentos dos conflitos contra os comunistas. De acordo com Salgado, em um dos conflitos, morreu Jayme Guimarães, deixando esposa e filho. O “Chefe Nacional” conta o que discursou durante o velório de Guimarães:

Declarei solenemente, a guerra contra o judaísmo organizado. É o judeu o autor de tudo. Tive conhecimento, por intermédio de um companheiro de alta projeção social, que um genro do industrial Klabin esteve metido nos preparativos do massacre contra nós premeditado. Um morador do bairro do Bom Retiro veio participar-me que todos os judeus daquele bairro estiveram na Praça da Sé, tomando parte na agressão aos nossos companheiros. O jornalista judeu Brasil Gerson preparou “A Platéia”, o espírito dos agressores. No boletim que distribuíram os comunistas convidando seus asseclas para chacinar os “camisas-verdes”, várias organizações judaicas assinaram, entre elas uma Liga contra Preconceito de Raça. (...). Fomos agora atacados, dentro de S. Paulo, por uma horda de assassinos, manobrados por intelectuais covardes e judeus. Lituanos, polacos e russos, todos semitas, estão contra nós, empunhando armas assassinas contra brasileiros.<sup>399</sup>

Esta referência, que lembra as declarações antisemitas de Barroso, aparece dentro do artigo “A Carta Luctuosa”.<sup>400</sup> Salgado manteve uma coluna fixa, na primeira página, por todos os jornais analisados dessa primeira fase. A coluna de Salgado possuía o caráter de Editorial, apresentando-se muito semelhante à coluna “Nota Política”, de *Razão*. Os textos objetivavam difundir a ideologia do movimento em uma escrita didaticamente simples e direta.<sup>401</sup>

---

<sup>399</sup> *A Offensiva*, Rio de Janeiro, nº 22, 11/10/1934, p. 1-2. Sobre o confronto da Praça da Sé, recomendamos o estudo de Eduardo Maffei. MAFFEI, Eduardo. *A batalha da Praça da Sé*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984.

<sup>400</sup> *Ibidem*.

<sup>401</sup> OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Imprensa integralista, imprensa militante*, op. cit., p. 152.



Outra asserção antissemita por Plínio Salgado surge um pouco mais de mês após a citada acima, no dia 22 de novembro, em um artigo intitulado “Recordando uma viagem”.<sup>402</sup> Salgado devaneia a respeito de uma carta enviada por Jeovah Motta, integralista e deputado federal pelo Ceará, exaltando um desfile dos “camisas-verdes” realizado em Fortaleza. Dessa vez, porém, a referência aparece em apenas uma frase, ao longo de todo o texto. Ao tratar sobre o comunismo e o operariado cearense, Salgado diz:

Porque razão o operário cearense combate o comunismo? Porque ele sabe que o comunismo é o próprio capitalismo evoluído. (...). O operário cearense sabe que o comunismo quer trazer para o Brasil massas de operários russos e feitores e carrascos judeus. O cearense nunca se sujeitaria à escravidão. Que ninguém pense que um operário cearense pode ser comparado com aquelas massas inermes que trabalham 12 horas por dia debaixo de chicotes, escravizados ao Soviet.<sup>403</sup>

Em “O problema da ordem”<sup>404</sup>, no dia 7 de fevereiro de 1935, encontramos também, algumas breves referências quanto ao “judaísmo internacional”, proferidas por Salgado, ao discutir problemas de “ordem espiritual” e “ordem econômico-financeira”:

Pois bem: o Integralismo mantém esses cursos em cada um de seus núcleos, arrancando a massa popular dos erros com que a envenenam aqueles que recebem dinheiro do judaísmo internacional para preparar o operário brasileiro à escravidão do soviét. Quer dizer que hoje, no Brasil, a única força coordenadora das consciências no sentido da “ordem espiritual e moral” é o Integralismo. (...). Se a lavoura, as indústrias, o comércio, estão á mercê de uma orientação que, em vez de ser brasileira é inglesa, americana ou francesa e, o que é pior, judaica internacional, como podem essas forças, abafadas, asfíxiadas,

<sup>402</sup> *A Offensiva*, Rio de Janeiro, n° 28, 22/11/1934, p. 1-2.

<sup>403</sup> *Ibid.*, p. 2..

<sup>404</sup> *A Offensiva*, Rio de Janeiro, n° 39, 7/2/1935, p. 1, 3 e 4.

estranguladas, atender à grita, por sua vez justa, do proletariado? Sem ordem econômico-financeira, não há ordem social.<sup>405</sup>

Somam-se aos trechos citados, mais dois escritos de Salgado, onde julgamos que o “Chefe Nacional” alude indiretamente aos judeus, em partes dos textos, citando obras de Gustavo Barroso e referindo-se a Rotschild como “escravizador” do Brasil. Os títulos são “A pátria não morrerá”<sup>406</sup> e “A Lei de Segurança Nacional”<sup>407</sup>, respectivamente, dos dias 24 e 31 de janeiro de 1935. No primeiro, Plínio, apelando a Getúlio Vargas e à honra do Rio Grande do Sul (para exaltar o estado, Salgado lembra um grande comício integralista durante a semana da pátria em Porto Alegre, no ano de 1934, em que esteve presente), pede ao presidente que tome medidas, em face da perseguição que a casa Rotschild move contra o integralismo. No segundo texto, o chefe do movimento integralista discorre sobre a Lei de Segurança Nacional:

Essa lei parece feita de encomenda pelo capitalismo internacional e tenho motivos fundados para supor que tal se tenha dado, não só pelas ameaças que temos recebido desde a publicação do livro de Gustavo Barroso, “Brasil, colônia de banqueiros, como pelas informações secretas que nos vieram, em outubro do ano passado, acerca de uma reunião de agentes estrangeiros, em que se teria concertado destruir o Integralismo de maneira maquiavélica. (...). Se, em consequência dessa lei, verificar-se a menor restrição à liberdade de propaganda pacífica do Integralismo, à escola de educação moral e cívica de suas milícias, (...) ter-se-á confirmado a nossa suposição baseada em fortes indícios, de que essa lei aparentemente espodasora das doutrinas integralistas, outra coisa não foi do que uma manobra talmúdica, concertada no fundo das sociedades secretas, entre as quais a Bluchenschaft [*sic*], que opera em São Paulo, para sufocar o anseio de liberdade de nossa Pátria.<sup>408</sup>

Como examinado, Salgado não fala em judeus ou “judaísmo internacional”, contudo, possivelmente inspirando-se em Barroso, utiliza a expressão “manobra talmúdica” para caracterizar a lei, fazendo referência ao *Talmud* (livro de ordenações judaicas citado por Barroso). Além disso, ainda aponta para a “Bluchenschaft” [*sic*] (Bucha), a qual Barroso havia afirmado ser uma sociedade secreta fundada por um judeu, com o fim de governar o Brasil.

---

<sup>405</sup> Ibid., p. 3.

<sup>406</sup> *A Offensiva*, Rio de Janeiro, n° 37, 24/1/1935, p. 1-2.

<sup>407</sup> *A Offensiva*, Rio de Janeiro, n° 38, 31/1/1935, p. 1.

<sup>408</sup> Ibid., p. 1.

Totalizamos, dessa maneira, três referências antissemitas de Plínio Salgado. E mais duas que, mesmo não citando literalmente os judeus, aludem indiretamente. Se fizermos uma relação das referências encontradas com o número de artigos analisados do “Chefe Nacional” (cinco em quarenta e quatro), veremos que são esparsas e, salvo um artigo, onde Salgado dedica um parágrafo inteiro aos judeus, as outras se limitam em breves frases.

Quanto a Oswaldo Gouvêa, como vimos em seu livro no capítulo dois, severamente crítico à ação dos judeus nos cinemas norte-americanos, o número de referências antissemitas encontradas foi inferior às escritas por Plínio Salgado. Encaixando-se no ideal de padronização da doutrina integralista nos periódicos, o antissemitismo de Gouvêa aparecerá em apenas um artigo. Importante ressaltar que Oswaldo Gouvêa, assim como Plínio Salgado, nos exemplares analisados, tinha uma coluna fixa, onde apresentava críticas a respeito de filmes e artistas.



A matéria antissemita de Gouvêa foi localizada no jornal de 18 de outubro de 1934, denominada “A influência perniciosa do cinema americano”.<sup>409</sup> O texto foi retirado de sua obra, *Os Judeus do Cinema*, que ainda estava em preparo, apresentando a mesma idéia central: o cinema norte americano, dominado pelo judaísmo, espalhando temas dissolventes da moral, da família e da pátria, principalmente à mocidade. Frisamos haver nesse exemplar, do dia 18 de outubro de 1934, a maior ocorrência de matérias antissemitas: mais três, além da escrita por Gouvêa. A propaganda do livro de Oswaldo Gouvêa aparecerá em dois periódicos, dos dias 14 e 28 de fevereiro de 1935.

<sup>409</sup> *A Offensiva*, Rio de Janeiro, n° 25, 18/10/1934, p. 7.

Destacamos ter encontrado um artigo<sup>410</sup> com a assinatura “produtores cinematográficos brasileiros”, dentro da coluna sobre cinema, no dia 1º de novembro de 1934. O texto denomina o comunista como “aliado ao judeu americano da plutocracia cinematográfica”, desejando destruir o cinema brasileiro.

A pesquisa de Murilo Paschoaleto demonstrou ser Gustavo Barroso o maior disseminador do antissemitismo pelas páginas do *A Offensiva*, sobretudo através da seção “Judaísmo Internacional”, que surgiu na segunda fase do periódico, levando Plínio Salgado a excluir a seção posteriormente, em vista do antissemitismo radical. Em nossa pesquisa, pelos exemplares da primeira fase, chegamos à mesma conclusão. Barroso não deixa de propagar um ideal antissemita, como fez amplamente em suas obras. Entretanto, a contundência de afirmações antissemitas dos livros não se mantém nos periódicos. Das vinte e quatro matérias escritas por Barroso, apenas quatro seguem a linha exclusivamente antissemita. Dezesseis fazem alguma referência antissemita e quatro não apresentam alusão aos judeus. Algumas delas vão ser incorporadas às obras de Barroso, como a destaca a na imagem a seguir.



Através do mapeamento dos jornais, totalizamos cinquenta e seis referências antissemitas, diluídas em textos sobre diversos assuntos (anticomunismo, antiliberalismo, problemas econômicos, problemas sociais, etc.). Com relação às matérias essencialmente antissemitas, enumeramos vinte e quatro. Em cálculo simples, existem, aproximadamente, uma referência antissemita por jornal e uma matéria de conteúdo antissemita a cada dois jornais. Ou seja, apesar da pouca incidência de matérias, pode-se encontrar diversas referências. Isso nos mostra, nas páginas do *A Offensiva*, que, como afirmou Héglio Trindade, a dimensão antissemita quase sempre presente no universo ideológico dos militantes.<sup>411</sup>

<sup>410</sup> Manifesto dos Produtores de Filmes aos Integralistas. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, nº 25, 1/11/1934, p. 7.

<sup>411</sup> TRINDADE, op. cit., p. 253.

### 3.2.2. O antissemitismo pelas páginas de um periódico regional: *O Integralista*

O jornal de circulação local, *O Integralista*, seria fundado em Porto Alegre, no dia três de fevereiro de 1934, exatamente um mês após a fundação da sede provincial do movimento integralista, no Rio Grande do Sul.<sup>412</sup> A direção coube a Anor Butler Maciel, membro do triunvirato da AIB no estado, do qual também faziam parte Egon Renner e Dario de Bittencourt. Maciel irá deixar a direção do jornal, momentaneamente, entre abril e maio de 1935, pois prestaria concurso para o cargo de Juiz de Comarca, no Rio Grande do Sul. Neste período, Bittencourt assume o papel de diretor.

Tomamos *O Integralista* como objeto de estudo, pois acreditamos ser de grande relevância estabelecer uma comparação entre um periódico regional e um periódico de âmbito nacional. Ainda, buscamos examinar como se deu a ocorrência do antissemitismo em um jornal dirigido por Anor Butler Maciel que, como estudado no segundo capítulo, editou um livro antissemita de significativo alcance dentro do movimento integralista. A mesma pergunta feita em relação a Gustavo Barroso e Oswaldo Gouvêa surge: Anor Maciel manteria o tom antissemita em seus escritos no jornal?

Examinamos todos os exemplares do jornal, nascido em três de fevereiro de 1934 e, editado pela última vez, em 1º de setembro de 1935, somando sessenta e três números *O Integralista* começou a ser distribuído quinzenalmente, tornando-se semanal em julho de 1934, com alguns intervalos, por vezes não sendo editado em uma ou outra semana. Contou sempre com quatro páginas, à exceção de uma edição especial sobre a Semana da Pátria (onde os integralistas de Porto Alegre contaram com a visita de Plínio Salgado), em setembro de 1934. Para o exame do conteúdo antissemita, utilizaremos a mesma diferenciação entre breves referências e matérias com amplo conteúdo antijudaico. Daremos maior ênfase, nesse momento, às matérias, face ao amplo número de referências encontradas.

---

<sup>412</sup> OLIVEIRA, op. cit., p. 167.





Vale destacar que a primeira referência antissemita encontra-se no segundo número do jornal, assinada pelo músico Léo Schneider, ao declarar o comunismo tendo por aliados o judeu internacional e o ateísmo, caracterizando como *nefasta doutrina do judeu Karl Marx*.<sup>413</sup>

No primeiro jornal editado em março de 1934, existe um extenso artigo antissemita, nos moldes do radicalismo de Barroso, intitulado “Pan-Semitismo”<sup>414</sup>, escrito por Ernani Fiori (na época, secretário do *O Integralista*). Ressaltamos o primeiro parágrafo:

Através do deserto moral de misérias, revoluções, crises, guerras e destinos de nosso mundo ocidental, o povo de Israel, arrastando a alma nômade de seus antepassados segue a sua marcha, em demanda de uma nova Terra da Promissão, anunciada pela palavra misteriosa de seus novos profetas, os agitadores bolchevistas, e conquistada com o ouro de seus bancos.<sup>415</sup>

Para Fiori, os judeus sentiriam o dever sagrado de destruir as nações cristãs e estabelecer o “reino universal de Israel”.<sup>416</sup> Seria esse o sentido messiânico encontrado no *Talmud*, que desde o 2º século viria substituindo a lei mosaica. Alguns dos inúmeros mestres judeus revolucionários são representados por Marx, Trotsky e Bernstein. Coincidentemente, Fiori irá aludir às quatro obras apresentadas, em nosso primeiro capítulo, como os pilares do antissemitismo moderno: *Protocolos*, *Minha Luta*, *As Forças Secretas da Revolução* e *O Judeu Internacional*. Além do comunismo, o “pan-semitismo” também encontraria forças no capitalismo internacional, pelas casas bancárias. Fiori agrega citações antissemitas das obras mencionadas, além de basear-se,

<sup>413</sup> “Plínio Salgado – O Chefe”. *O Integralista*, Porto Alegre, nº 2, 17/2/1934, p. 2.

<sup>414</sup> *O Integralista*, Porto Alegre, nº 3, 3/3/1934, p. 4.

<sup>415</sup> *Ibidem*.

<sup>416</sup> *Ibidem*.

também, em Gustavo Barroso, fazendo uma verdadeira miscelânea de acusações contra os judeus.



De acordo com Daniel Milke, Ernani Fiori, além de secretário do jornal, foi secretário geral do movimento no Rio Grande do Sul. Era estudante de Direito, e envolvido com a Igreja Católica.<sup>417</sup> Fiori, segundo Milke, foi o pivô da primeira crise do integralismo local, abandonando o movimento três meses após a inauguração da sede provincial. O motivo teria sido causado pelo estranhamento de Fiori, católico, antissemita e antimaçom fervoroso, com alguns companheiros, sobretudo Dario de Bittencourt, membro da maçonaria. E ainda, provocaria certa inquietação em Fiori o fato da AIB não declarar-se um movimento católico.<sup>418</sup>

Aproximadamente dois meses após o artigo de Fiori, localizamos uma breve referência antissemita em um texto de Olbiano de Mello<sup>419</sup> (líder do movimento integralista em Minas Gerais). Mello, ao discorrer sobre os inimigos integralistas, refere-se ao *grande capitalismo judaico internacional*.<sup>420</sup> Segundo Oliveira, Olbiano de Mello foi autor de algumas obras, seguindo um estilo bastante parecido ao de Plínio Salgado, com termos antiliberais e anticomunistas.<sup>421</sup> Nesse mesmo periódico, Pedrotto Hengist<sup>422</sup> também fala dos judeus, mas os associando ao comunismo. Hengist fará outras referências antissemitas em artigos para edições posteriores.

Uma diferenciação acerca das matérias e referências antissemitas em *O Integralista* com relação a *A Offensiva*, como veremos, está no fato de a maioria, no

<sup>417</sup> MILKE, op. cit., p. 37.

<sup>418</sup> As dissidências dentro do movimento integralista em Porto Alegre são tratadas com detalhes, por Daniel Milke, em sua dissertação de mestrado.

<sup>419</sup> Palavras ao Operário. *O Integralista*, Porto Alegre, nº 7, 12/5/1934, p. 1.

<sup>420</sup> Ibidem.

<sup>421</sup> OLIVEIRA, op. cit., p.265-266.

<sup>422</sup> Nosso Ideal. *O Integralista*, Porto Alegre, nº 7, 12/5/1934, p. 4.

periódico regional, estar em artigos assinados por militantes do movimento integralista. Em *A Offensiva*, a maioria não leva assinatura, ou encontram-se nos textos dos teóricos já conhecidos.

Ramos de Carvalho<sup>423</sup>, em texto do dia 8 de julho, procura defender o integralismo das acusações de antissemitismo. Agindo dessa maneira, os integralistas estariam mentindo às tradições de hospitalidade da gente brasileira, revivendo as perseguições dos tempos medievais. Para Carvalho, não existiria no Brasil uma “questão judaica”, muito menos uma luta entre judeus e integralistas.

Em verdade o que nós combatemos é o capitalismo judaico internacionalista. Capitalismo nefando e que tem em Rotschild o seu ponto culminante. Daí a combater os judeus em geral há uma grande distância.<sup>424</sup>

No dia 15 de julho, são mencionadas quatro referências antissemitas, por Dante Sfoggia, Jorge Cafruni, Hélio Mariante da Fonseca e Otaviano Cabral, todas associando os judeus ao internacionalismo.<sup>425</sup> Dante Sfoggia é o mais radical, ao dizer que o judeu não serve como imigrante, pois não é agricultor, industrial ou comerciante. Também não serviria sob o “ponto de vista racial”, porque o integralismo quer formar uma pátria e uma raça brasileiras e, enquanto houvesse judeus em território nacional, isso não seria possível.<sup>426</sup>

Em jornal do dia 19 de agosto, Monteiro de Mello (que viria a ser chefe da sessão de imprensa da chefia nacional da AIB) assina um artigo no qual procura explicar a situação do judeu na Alemanha, naquele momento. Para Mello, “o problema judaico é muito complexo, não porque esses poucos milhares de irredutíveis contra a fé cristã, pela sua doutrina, o tenham tornado complicado, porém porque uma minoria de seus LÍDERES, transformados em capitalistas políticos hajam compelido o mundo a tomar atitudes que muitas vezes chegam a ser cruéis contra um povo que, decerto, mais desejaria viver que lutar sem esperança de vencer”.<sup>427</sup>

A perseguição imposta ao judeu, em toda a parte, seria culpa dele mesmo, haja vista o mundo não se deixar dominar por uma minoria. A respeito da Alemanha, Mello

---

<sup>423</sup> Nós e os Judeus. *O Integralista*, Porto Alegre, nº 11, 8/7/1934, p. 4.

<sup>424</sup> Ibidem.

<sup>425</sup> *O Integralista*, Porto Alegre, nº 12, 15/7/1934, p. 1-4.

<sup>426</sup> Ibid., p. 1.

<sup>427</sup> O judeu na Alemanha atual. *O Integralista*, Porto Alegre, nº 16, 19/8/1934, p. 2.

afirma que a criação de uma “atmosfera hostil” em relação ao povo germânico foi criada por uma agência telegráfica, monopolizadora da imprensa entre os países latinos, a mando do capitalismo internacional. Segundo ele, não tem por objetivo defender o nazismo, mas praticar a justiça. De acordo com Mello, o nacional-socialismo estaria apenas tomando medidas de defesa contra a infiltração de uma política contrárias aos interesses da nacionalidade.

Conforme dados estatísticos, a parte da população judaica na Alemanha é de 1%. Ora, quando o “nazismo” assumiu o poder, verificou que a influência dessa raça alienígena, na imprensa, nas artes, na jurisprudência e na política, oscilava entre 30 e 80%. Isso demonstrava que uma minoria ínfima procurava exercer influência decisiva nos destinos de um povo de que se separa por vários motivos, entre esses o de religião. O que fez o nacional-socialismo foi justamente atacar esse predomínio e nada mais. Procedeu como faria qualquer outro povo que não houvesse abdicado de sua dignidade nacional.<sup>428</sup>



Para Mello, apesar dos apelos da agência telegráfica contra as medidas alemãs, os brasileiros agiriam da mesma maneira. Um povo não poderia se deixar dominar por um grupo de indivíduos, somente porque eles souberam, com usura, reunir um potente capital.<sup>429</sup> Nesse dia, ainda, é publicada propaganda do livro de Hitler, *Minha Luta*, na página 2, com os adjetivos “grande”, “épico”, “real” e “empolgante”. Assim como Pedrotto Hengist, Monteiro de Mello é autor de outros artigos com referências antissemitas.<sup>430</sup>

Em 2 de setembro, encontramos duas matérias antissemitas. A primeira já analisamos: “Coincidências...”<sup>431</sup>, de Gustavo Barroso, retirada do *A Offensiva* (16/8/1934). A próxima, tem por título “O capitalismo judaico internacional quer nos presentear mais uma leva de israelitas!”<sup>432</sup> O conteúdo traz elogios ao ministro do trabalho, que teria aprovado um parecer de um dos técnicos daquele ministério,

<sup>428</sup> Ibidem.

<sup>429</sup> Ibidem.

<sup>430</sup> Uma outra matéria antissemita escrita por Monteiro de Mello é “O Boicote Judeu contra a Alemanha”, no jornal do dia 3 de janeiro de 1935, nº 32, página 2.

<sup>431</sup> *O Integralista*, Porto Alegre, nº 18, 2/9/1934, p. 2.

<sup>432</sup> Ibid., p. 4.

contrário à entrada de judeus no Brasil. Esse parecer foi redigido em resposta à *Jewish Colonisation Association*, a qual teria pedido providências ao ministro, no sentido de ser concedido um visto regulamentar de imigrantes israelitas, que se encontravam no porto de Antuérpia, e se destinavam ao Brasil.

Graças a Deus, nossas fronteiras começam a se fechar aos elementos de todas as pátrias ou sem pátria, que vinham para cá nos explorar vilmente e nos acorrentar ainda mais ao capitalismo judaico internacional, com o sistema o sistema das prestações e outros... *Vade retro!*<sup>433</sup>

Também em referência a essa suposta ação de uma agência telegráfica, Germano Salles da Hora publica um extenso artigo, dividido em duas partes, sendo a primeira publicada na edição especial da Semana da Pátria, e a segunda na edição posterior, do dia 7 de outubro. O texto traz acusações antissemitas, em maior parte, relacionando os judeus ao comunismo e ligados às difamações via imprensa.

A Rússia soviética, bem como o marxismo e o comunismo do mundo inteiro são chefiados por elementos judeus, que fornecem os dirigentes para as campanhas de difamação contra quem quer que seja. Por razões óbvias, eles utilizam a campanha anti-germânica como máscara para seus fins ocultos e, exatamente, como na guerra, a verdadeira ofensiva se faz atrás de uma cortina de fumaça.<sup>434</sup>

Sobre a entrada dos imigrantes judeus, *O Integralista* publicou, em 14 de outubro, um editorial do jornal *A União* (Rio de Janeiro), o qual trazia um ofício da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, dirigido ao ministro do trabalho, ponderando os inconvenientes da entrada de imigrantes judeus. O editorial expressava não existir no Brasil uma “questão judaica”, assim como disse Ramos de Carvalho, pois o brasileiro acolhe todos os imigrantes de braços abertos.

Todavia, o imigrante judeu seria indesejável, visto ser *o que menos serve aos interesses nacionais*.<sup>435</sup> Os judeus imigrados ao Brasil seriam refratários aos trabalhos agrícolas, sendo urbanistas por excelência, com uma velha mentalidade de mascates. “A verdade é palpitante e ninguém de boa fé dirá que precisamos de representantes das

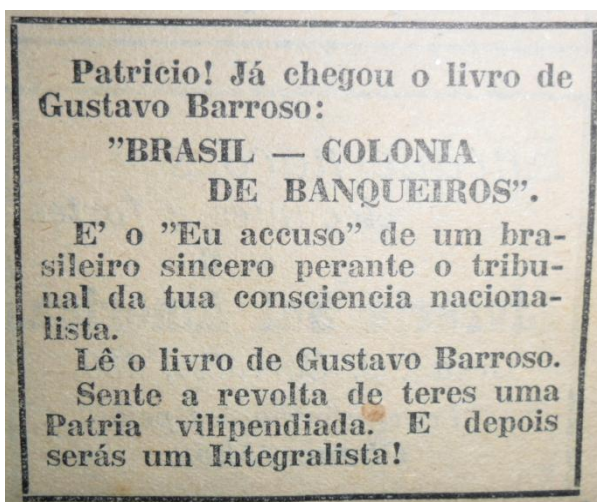
<sup>433</sup> Ibidem.

<sup>434</sup> Uma Agência Telegráfica que insulta e difama o Brasil no Estrangeiro. *O Integralista*, Porto Alegre, nº 20, 7/10/1934, p. 4.

<sup>435</sup> Imigrantes indesejáveis. *O Integralista*, Porto Alegre, nº 21, 14/10/1934, p. 4.

classes liberais ou de uma parcela ainda maior de vendedores ambulantes, de exploradores da pequena economia de nossa gente”.<sup>436</sup> É publicada nesse número, também, a matéria “Biro-Bidjan”, do *A Offensiva* (13/9/1934).

Em resposta a um articulista do *Correio do Povo*, Hélio Mariante da Fonseca escreve o artigo “Judeus com dinheiro e Judeus sem dinheiro”<sup>437</sup>, no dia 21 de outubro. O articulista do *Correio* teria afirmado que, no Brasil, não existem “representantes legítimos” do capitalismo judaico internacional. Para Fonseca, ele não teria embasamento suficiente para proferir tal afirmação, já que entraria no terreno dos



empréstimos, trustes, câmbios negros e intermediários ocultos. E o fato de alguns confundirem judeus capitalistas internacionais com “pobres semitas inofensivos”, seria fruto de uma má interpretação de uma doutrina e de um programa. O autor do artigo cita o “Sr. R. M.”, como maior responsável por essa má interpretação. Na última página, uma pequena nota conclama aos

militantes para ler *Brasil – Colônia de Banqueiros*.

Em escrito do dia 29 de outubro, Heitor Marçal fala: “o judeu criou o deserto e o comunismo, fruto apodrecido da indisciplina de uma raça em que o nomadismo apagou a idéia de Pátria e o utilitarismo pegou o espírito”.<sup>438</sup> Segundo Marçal, ao judeu caberia a primazia do comunismo, tendo como exemplos Marx, Lassale, Bela Kun e Trotsky. Nesse artigo, Heitor Marçal trata ainda do conflito na Praça da Sé, entre integralistas e comunistas, em que os judeus, anárquicos por índole, confundiram-se com os comunistas, para atacar a disciplina do integralismo. O artigo foi retirado do *A Offensiva* (18/10/1934). Na mesma página, é publicada uma nota, a respeito da visão integralista sobre o judeu:

A nós, integralistas, não nos move nenhum ódio de raça. (...). O nosso clamor contra os judeus internacionais não é uma imitação do Hitlerismo. É uma causa que se nos impõe, como se impôs à

<sup>436</sup> Ibidem.

<sup>437</sup> *O Integralista*, Porto Alegre, nº 22, 21/10/1934, p. 4.

<sup>438</sup> Porque os Judeus são Comunistas. *O Integralista*, Porto Alegre, nº 23, 29/10/1934, p. 4.



Alemanha, que foi, como nós hoje, asfixiada pelo explorador judeu. Enganam-se os que pensam que somos contra o judeu inofensivo. (...). Combatemos o super-capitalismo judaico, que nos suga tudo o que produzimos e nos ameaça o patrimônio do Brasil. Todo o bom patriota compreenderá nossa atitude.<sup>439</sup>

Não apenas os homens do movimento integralista se prontificaram a combater os judeus ligados ao comunismo e ao capitalismo internacional. Localizamos duas referências antissemitas proferidas por militantes femininas: Beatriz Piccardo Gallinati e Aurora N. Wagner. Beatriz Gallinati, em sessão integralista feminina, declara que o combate deve ser feito, frente ao “grande capitalismo (Judaico Internacional), que escraviza o Brasil e os brasileiros”.<sup>440</sup> Aurora Wagner, em discurso durante a instalação do departamento feminino de Novo Hamburgo, afirma: “O Integralismo reúne as forças espirituais diversas, para com elas enfrentar a onda destruidora do materialismo judaico e salvar a cultura greco-romana sublimada e cristalizada na doutrina de Jesus”.<sup>441</sup>



Dario de Bittencourt, um dos líderes regionais, durante uma “oração” em uma sessão pública acontecida no mês de fevereiro de 1935, discursa mencionando o banqueirismo judaico internacional, que impõe suas garras ao Brasil.<sup>442</sup> Essa é a única referência encontrada em um artigo de Bittencourt.

Nos textos de Anor Butler Maciel, o antissemitismo é praticamente nulo. Maciel, assim como Salgado em *A Offensiva*, escreveu artigos para quase todas as edições de *O Integralista*, publicados na primeira página. Os assuntos tratados diziam respeito, principalmente, à ideologia da AIB e orientações doutrinárias aos militantes. Por exemplo, em um deles, Maciel versa sobre o uso da camisa verde pelos militantes, a

<sup>439</sup> Notas de algibeira. Ibid., p. 4.

<sup>440</sup> Palavras à Mulher Integralista. *O Integralista*, Porto Alegre, nº 26, 18/11/1934, p. 4.

<sup>441</sup> A Instalação do Departamento Feminino de Novo Hamburgo. *O Integralista*, Porto Alegre, nº 28, 2/12/1934, p. 2.

<sup>442</sup> Reassumindo a Chefia Provincial. *O Integralista*, Porto Alegre, nº 38, 17/2/1935, p. 1.

qual teria sido aprovada pelo Ministério da Guerra.<sup>443</sup> Em outro, ao tratar da “revolução integralista”, o diretor do jornal faz menção à revolução de idéias planejada pelo movimento, que não teria por objetivo tomar o poder à força.<sup>444</sup>

Destacamos apenas um artigo<sup>445</sup>, onde Anor Maciel fará alusão ao livro *Brasil – Colônia de Banqueiros*, de Gustavo Barroso. No artigo, Maciel, cita os credores aos quais o Brasil pede empréstimo (sem citar Rotschild), criticando a maneira de agir desses credores, visto que eles detém todo o ouro do mundo, mas, ao mesmo tempo, querem que o Brasil pague a dívida em ouro. “É o capitalismo internacional que nos escorcha, como sufoca o mundo pelo poder metálico, frio e materialista do ouro”.<sup>446</sup> Ao final, Maciel instiga o leitor a ler a obra de Barroso e meditar. Portanto, o sentido antissemita de sua obra, em nenhum momento, reflete-se nos seus artigos.

Outros militantes que assinaram matérias com alguma referência antissemita em *O Integralista* são: Francisco Matoso, Ismael Soares, Otaviano Cabral, Altamirando Requião, Luiz Maranhão, Leães Sobrinho, Francisco Palazzo, Erny Rich, Mathias de Bittencourt, Pierre Clementi, Hugo Loudeiro Lima, Oscar Andrade, Amílcar Silveira, Pedro Barbosa, Paulo Eleutherio, Osmario Leite, Ferdinando Martino Filho, Viriato Corrêa, Clóvis Bezerra Falcão, Andrino Braga, Afrânio Salgado Lages, Emílio O. Kaminski, Mário Ferreira de Medeiros e Esperidião Xavier de Azambuja.

Ao todo, contabilizamos dezesseis matérias antissemitas em todo o período de existência do jornal *O Integralista*. As referências são em número maior, setenta e sete. Proporcionalmente, a relação entre o número de referências e o número de periódicos é praticamente a mesma do *A Offensiva*, sendo aproximadamente uma por jornal. Contudo, em proporção, o número de matérias antissemitas é menor ainda, uma para cada quatro jornais. Mesmo assim, pelo considerável número de referências e de militantes que assinaram artigos com essas referências nas páginas de *O Integralista*, também percebemos a ampla dimensão alcançada pelo antissemitismo.

<sup>443</sup> Aos “Camisas verdes” e ao Público. *O Integralista*, Porto Alegre, nº 59, 28/7/1935, p. 1.

<sup>444</sup> Revolução Integralista. *O Integralista*, Porto Alegre, nº 48, 5/5/1935, p. 1.

<sup>445</sup> Caloteiros. *O Integralista*, Porto Alegre, nº 43, 31/3/1935, p. 1.

<sup>446</sup> *Ibidem*.



### 3.2.3. A exceção da regra: *Século XX*

No mapeamento feito por Oliveira, sobre os periódicos integralistas regionais, apenas dois se destacaram por apresentar uma lógica diferente dos demais jornais do movimento: *Século XX* (Rio de Janeiro) e *Acção* (São Paulo). O primeiro, influenciado por Barroso, e de intenso conteúdo antissemita. Circulou no Rio de Janeiro entre 1935 e 1937. O segundo, dirigido por Miguel Reale, com uma diferenciação mais pela forma do que pelo conteúdo, trazendo também uma grande apelação ao operário. Como explica Oliveira, de toda a rede de jornais do movimento integralista apenas dois apresentam diferenças com os demais, exatamente aqueles liderados pelos dois intelectuais que ficavam logo abaixo de Salgado na hierarquia da AIB: Gustavo Barroso e Miguel Reale.<sup>447</sup> Pelo conteúdo antissemita, centraremos a análise no *Século XX*.



Infelizmente, conseguimos encontrar apenas um exemplar do *Século XX*. Na verdade uma fotocópia do exemplar, datado de 12 de maio de 1936, nº 30. Entretanto, nesse único número, percebemos o forte antissemitismo presente. Nas quatro páginas do jornal, encontramos quatro extensas matérias de conteúdo antissemita. A primeira, “A infiltração judaica nos sindicatos”<sup>448</sup>, versa sobre uma carta dirigida por George Mairs (presidente da Federação dos Comerciantes Varejistas Franceses) à David Bloch (delegado do Sindicato dos Lojistas do Rio de Janeiro). Ambos seriam judeus

<sup>447</sup> OLIVEIRA, op. cit., p. 173.

<sup>448</sup> *Século XX*, Rio de Janeiro, nº 30, 12/5/1936, p. 1 e 3.

conhecidos, e Bloch estaria ligando “os interesses da honrada classe dos comerciantes do RJ com os interesses escusos da judiaria internacional”, dando a presidência de uma honrada instituição brasileira a um judeu francês (Mairs).<sup>449</sup>

Em outra matéria, “Esperança de Israel”<sup>450</sup>, assinada por “O Despertador”, o autor apresenta um suposto trecho de um livro judaico chamado *Sohar*, escrito em 1290. O livro, segundo Despertador, conteria as profecias sangrentas, os fins secretos e as ambições nocivas e lesivas a toda a humanidade preparados pelos judeus. “São estas as forças secretas e cabalísticas manipuladas pelos judeus para dominar e aniquilar os goim”.<sup>451</sup>



“O Tribunal Judaico”<sup>452</sup>, refere-se a um suposto tribunal organizado na Casa Bella Aurora, na rua do Cattete, de propriedade do judeu Marcus Volloch. Esse tribunal judaico já haveria condenado Gustavo Barroso e agora estaria condenando o *Século XX*.

Sabemos que as sentenças do Kahal são extremas. Mas não tememos os arreganhos desses *juízes* que deviam estar na cadeia porque conspiram contra a segurança de nossa Pátria.<sup>453</sup>

A última, “Também no Brasil comunismo é judaísmo”<sup>454</sup>, é assinada por H. O. Wiederspahn. O texto procura associar a infiltração espiritual e material do comunismo à ação do judaísmo. “Comunismo é judaísmo e o judeu deve ter suas atividades policiadas, para não ver o Brasil entregue à anarquia da Hespanha de nossos dias. Tudo o que é internacional, como o judeu, deve ser combatido, porque é no internacionalismo

<sup>449</sup> Ibid., p. 1.

<sup>450</sup> *Século XX*, Rio de Janeiro, nº 30, 12/5/1936, p. 2.

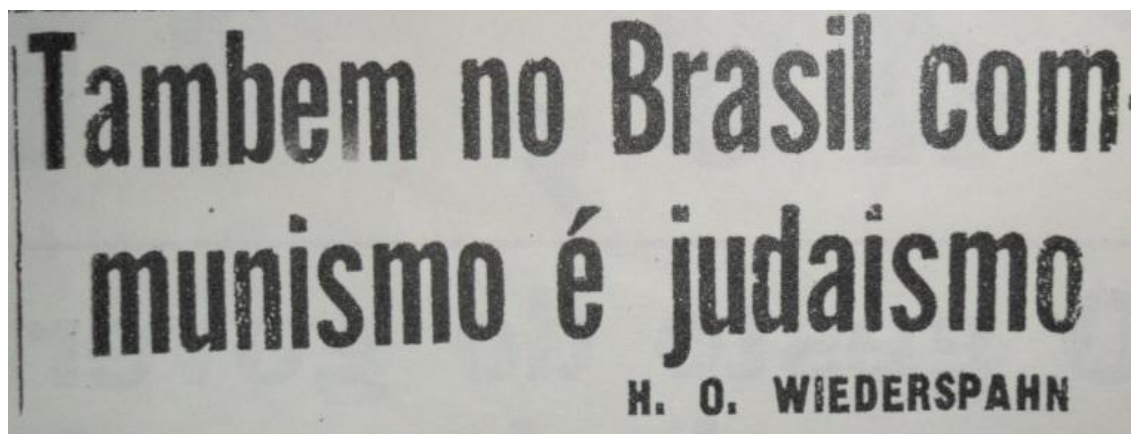
<sup>451</sup> Ibidem.

<sup>452</sup> Ibidem.

<sup>453</sup> Ibidem.

<sup>454</sup> Ibidem.

que está a morte da brasilidade e o único perigo que ameaça de verdade a nossa CULTURA e a nossa CIVILIZAÇÃO, que nada devem ao judeu senão a decadência e o materialismo”.<sup>455</sup> Há ainda, uma matéria sobre o cinema brasileiro, mas sem fazer menção aos judeus.<sup>456</sup>



---

<sup>455</sup> Ibidem.

<sup>456</sup> Cinema Brasileiro. *Século XX*, Rio de Janeiro, nº 30, 12/5/1936, p. 3.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução do presente trabalho, citamos uma afirmação feita por Héglio Trindade, em seu estudo publicado na década 1970. Baseando-se em entrevistas realizadas com ex-militantes do movimento integralista, Héglio sentenciou: a dimensão antissemita está quase sempre presente no universo ideológico dos militantes. Encontramos, a partir dessa afirmação, uma grande motivação para a realização desta pesquisa. O antissemitismo estava presente, mas ainda havia sido pouco estudado, dentro da ampla gama de trabalhos sobre a AIB. Acreditamos que o resultado de nosso estudo corroborou as palavras de Trindade.

Começamos analisando as “clássicas” obras antissemitas publicadas no século XX, classificando como “pilares do antissemitismo moderno”. Enumeramos quatro obras de grande difusão mundial, entre o início do século XX e a década de 1920, que, como averiguamos, se tornaram importantes referenciais para as teorias antissemitas posteriores, não escapando a essa regra os autores integralistas. Pela leitura de nossas fontes, vimos que o conteúdo do livro *Os Protocolos dos Sábios de Sião* teve uma ampla aceitação pelos autores antissemitas pesquisados, sendo citado por quase todos. O conteúdo trazia um suposto plano concebido por sábios judeus e proferido em forma de conferência, com o objetivo de solapar a civilização cristã. Os judeus se utilizariam da imprensa, das bebidas, dos meios financeiros, da maçonaria, do liberalismo, entre outros “trâmites”, para atingir o objetivo final. Com Adolf Hitler, Léon de Poncins e Henry Ford, o antissemitismo seguiu, em termos gerais, a mesma linha, tendo em cada autor uma peculiaridade. Hitler focou na questão racial, citando os defeitos trazidos pela raça judaica frente à superioridade da raça ariana. Poncins salientou a maçonaria, buscando relacionar a ação judaica por detrás das “maquinações maçônicas”. Ford ressalta a infiltração judaica na política norte-americana, na imprensa, nos cinemas e nas ações econômicas. Em todas as obras existe a idéia sobre o judaísmo estar obedecendo ao plano dos protocolos, com o fim de domínio mundial.

Salientamos que os *Protocolos* não foram totalmente esquecidos após a década de 1930, sendo muitas vezes lembrados por movimentos modernos de cunho antissemita, que voltam a trazer à tona esses preconceitos. Atualmente, ainda são lançadas edições do livro em diversas livrarias.

Pela leitura do livro de Hannah Arendt, onde a autora versa sobre o antissemitismo como instrumento de poder dos movimentos totalitários, percebemos que o antissemitismo propagado pelas obras anteriormente citadas, e o antissemitismo difundido pelos integralistas, inseria-se na concepção de antissemitismo moderno, ligado a questões políticas.

A respeito do antissemitismo no Brasil, nas décadas de 1930 e 1940, verificamos estar presente um pensamento antissemita ligado às conjunturas da sociedade brasileira naquele período. Em termos práticos, Tucci Carneiro e Jeffrey Lesser mostraram haver antissemitismo, mesmo que de forma velada, nas medidas tomadas pelo governo brasileiro quanto às políticas imigratórias. Em teor doutrinário (livros, panfletos, jornais e revistas), o antissemitismo figurou, sobretudo, nas obras de militantes do movimento integralista, tendo Gustavo Barroso como personagem principal. Cristine Lia e Débora Krebs dimensionaram o antissemitismo no Rio Grande do Sul e em Porto Alegre, mostrando como os integrantes da AIB se tornaram os maiores disseminadores desse pensamento, com considerável participação da imprensa não integralista. Percebemos então, que o antissemitismo integralista não ficou restrito às fronteiras do movimento, refletindo-se também em periódicos aparentemente neutros quanto a questões políticas.

Em seguida, examinamos a produção teórica de Gustavo Barroso para, depois, analisar a influência do líder integralista em autores menos expressivos. Separamos para o estudo as principais obras de Barroso publicadas durante o período de existência legal da AIB. Dentre os livros analisados, destacamos *Brasil – Colônia de Banqueiros* e *A sinagoga paulista*, não somente pelo conteúdo fortemente antissemita, mas também pela ampla divulgação, além das citações em outras obras e matérias de jornais.

Assim como concluiu Roney Cytrynowicz, notamos o antissemitismo como elemento presente de forma central nas obras de Barroso, fazendo referência a uma suposta conspiração judaica, a qual se utilizaria dos mais variados “recursos” para exercer o domínio sob o resto do mundo. Dentre esses recursos, Barroso ressalta o capitalismo financeiro internacional, dominado por banqueiros judeus (Rotschild e Simonsen) e, ao mesmo tempo, o comunismo, criado por intelectuais judeus, como Marx e Trotsky. O primeiro financiaria e apoiaria, secretamente, o segundo. Esse paradoxo faria parte do plano judaico de dominação mundial, exposto nos *Protocolos*. Percebemos, assim, forte influência dos protocolos nos livros de Barroso, além de,

algumas vezes, o autor citar outros teóricos antissemitas, como Henry Ford e Léon de Poncins. Com respeito à forma, Gustavo Barroso edita boa parte de suas obras como uma coleção de conferências. Observamos, também, grande quantidade de citações de outros autores por Barroso, procurando demonstrar embasamento em suas afirmações. Outra característica é a repetição dos termos antissemitas e as palavras de ordem, que percorrem praticamente todas as obras analisadas.

Dentre os autores “menores” do movimento integralista, salientamos Affonso de Carvalho, Anor Butler Maciel, João Passos Cabral e Oswaldo Gouvêa, que publicaram obras antissemitas logo após as publicadas por Barroso. Pela leitura das obras destes autores, constatamos uma grande influência do líder integralista. Além de Barroso ser citados por todos, alguns trechos de seus livros são repetidos de forma literal. Os autores também seguem a maneira de formatação utilizada por Barroso, com exaustiva repetição das afirmações antissemitas. O argumento da conspiração judaica para o domínio do mundo, presente nos *Protocolos* e seguido por Barroso, também aparece de forma constante nestes escritos. Acreditamos que o livro do padre João Passos Cabral foi o que teve maior aproximação aos trabalhos de Gustavo Barroso, pelo conteúdo agressivo e modo de formatação do texto.

No terceiro e último capítulo, analisamos o antissemitismo disseminado pelos periódicos da AIB. Tínhamos por objetivo averiguar a incidência de antissemitismo na imprensa integralista, visto ter sido bastante difundido nas obras de militantes do movimento. Utilizamos como fontes três jornais: *A Offensiva* (nacional e um dos mais importantes jornais do integralismo, dirigido por Plínio Salgado), *O Integralista* (regional e dirigido por Anor Butler Maciel) e *Século XX* (regional e dirigido por Oswaldo Gouvêa, tendo por marca a disseminação do antissemitismo). No primeiro e segundo jornais, encontramos uma baixa incidência de matérias totalmente antissemitas, enquanto o número de referências mostrou-se considerável, sendo praticamente uma por jornal. No periódico *Século XX*, apesar de termos acesso a apenas um exemplar, o número de matérias foi bastante elevado. Contudo, levamos em conta se tratar de um “jornal de exceção”, pois era influenciado diretamente por Gustavo Barroso.

Portanto, comprovamos ser o antissemitismo um elemento presente de forma constante na esfera ideológica dos militantes integralistas. Mesmo sendo tratado como um inimigo menor, o judaísmo certamente representou motivo de significativa inquietação para os membros da Ação Integralista Brasileira.

## FONTES

### a) Bibliografia

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e revolução. O integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo. Anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

BARRERAS, Maria José Lanziotti. *Dario de Bittencourt (1901-1974): uma incursão pela cultura política autoritária gaúcha*. Porto Alegre: PUCRS, 1993 (dissertação de mestrado em História).

BERTONHA, João Fábio. Entre a bombacha e a camisa preta: notas sobre a ação do fascismo e do integralismo no Rio Grande do Sul. *Estudos Ibero-Americanos/Pós-Graduação em História*. Porto Alegre: EDIPUCRS, ano 24, nº 2, dezembro de 1998.

\_\_\_\_\_. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BLAY, Eva Alterman. *Inquisição, Inquisições: Aspectos da participação dos judeus na vida sócio-política brasileira nos anos 30*. Tempo Social, São Paulo, USP, vol. 1, n. 1, p. 105, 1989.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. 11ª ed. Brasília: Editora da UNB, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000 (vol. 1 e 2).

BRANDALISE, Carla. *O fascismo na periferia latino-americana: paradoxo da implantação do integralismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1992 (dissertação de mestrado em Ciência Política).

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *O charme da ciência e sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil*. São Paulo: UNESP, 2005.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales: a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997.

CALDEIRA NETO, Odilon. *Integralismo, Neointegralismo e Antissemitismo: entre a relativização e o esquecimento*. UEM: Maringá, 2011 (dissertação de mestrado em História).

CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CAPELATO, Maria Helena. *Os arautos do liberalismo: a imprensa paulista*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Org.). *O Antissemitismo nas Américas: Memória e História*. São Paulo. Edusp. 2007.

\_\_\_\_\_. *O anti-semitismo na era Vargas: fantasmas de uma geração: 1930-1945*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. *O veneno da serpente: reflexões sobre o anti-semitismo no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CARONE, Edgar. *A Segunda República (1930-1937)*. São Paulo: DIFEL, 1973.

\_\_\_\_\_. *A República Nova (1930-1937)*. São Paulo: DIFEL, 1974.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSP, 1999.

CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado. Forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

CHAUÍ, Marilena e FRANCO, Maria Sylvia Carvalho, *Ideologia e Mobilização Popular*. Paz e Terra, Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, 1978.

COHN, Norman. *A conspiração mundial dos judeus: mito ou realidade? (Análise dos Protocolos e Outros Documentos)*. São Paulo: IBRASA, 1969.

COSTA, Luiz Mário Ferreira. *Maçonaria e Antimaçonaria: Uma análise da “História Secreta do Brasil” de Gustavo Barroso*. UFJF: Juiz de Fora, 2009 (dissertação de mestrado em História).

CRUZ, Natália dos Reis. *O Integralismo e a Questão Racial: a intolerância como princípio*. UFF: Niterói, 2004 (tese de doutorado em História).

CYTRYNOWICZ, Roney. *Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30*. São Paulo: USP/FFLCH, 1992 (dissertação de mestrado em História).

DALMÁZ, Mateus. *A Imagem de Hitler e da Alemanha na Revista do Globo de Porto Alegre (1933-1945)*. Porto Alegre: PUCRS, 2001 (dissertação de mestrado em História).

DE DECCA, Edgar. *O silêncio dos vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

DUTRA, Eliana de Freitas. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Belo Horizonte, Editora UFMG, 1997.

FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930: historiografia e história*. 16ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. *História do Brasil*. 4ª ed. São Paulo: EDUSP/FDE, 1996.



\_\_\_\_\_. *História Geral da Civilização Brasileira – O Brasil Republicano, Sociedade e Política (1930-1964)*. São Paulo: DIFEL, 1981 (vol. 3).

FORD, Henry. *O judeu internacional*. Porto Alegre: Globo, 1989.

GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil. Germanismo, nazismo, integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

\_\_\_\_\_. *O perigo alemão*. Porto Alegre: EDUFRGS, 1991.

\_\_\_\_\_. *Os Teuto-Brasileiros e o Integralismo no Rio Grande do Sul. Contribuição para a interpretação de um fenômeno político controverso*. Porto Alegre: UFRGS, 1977 (dissertação de mestrado em Ciência Política).

GERTZ, René; PADRÓS, Enrique S. & RIBEIRO, Luis Dario T. *Segunda Guerra Mundial: da crise dos anos 30 ao Armagedón*. Porto Alegre: Folha da História/CDAIB-PRP/ Palmarinca, 2000.

GIRON, Loraine Slomp. *As Sombras do Littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Parlenda, 1994.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUT, Nicolau de Flue. *Plínio Salgado, o creador do integralismo na literatura brasileira*. Speyer a. Rh., Pilger-Druckerei GmbH, 1940.

HERVÉ, Egydio. *Democracia liberal e socialismo entre os extremos: integralismo e comunismo*. Porto Alegre: Globo, 1935.

HILTON, Stanley. A Ação Integralista Brasileira: fascism in Brazil (1932-1938). In: *O Brasil e a Crise Internacional (1930/1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

HITLER, Adolf. *Minha luta*. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1939.

HOBBSBAWM, Eric, J. *Era dos Extremos: o breve século XX:1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 13.

HUNSCHE, Carlos Henrique *O Integralismo brasileiro: história e caráter do movimento fascista no Brasil* (tese de doutoramento autorizada pela Faculdade de Filosofia da Universidade Wilhelm, em Berlim, em 1930). Porto Alegre, CD-AIB/PRP, 1996. Tradução de Leandro Silva Teles.

KONDER, Marcos. *Democracia, Integralismo e Comunismo*. Rio de Janeiro: 1935.

KREBS, Débora Taísa. *Representações da cidade, visões do cotidiano: Porto Alegre e os imigrantes judeus no Estado Novo*. Porto Alegre: UFRGS, 1999, p. 120 (dissertação de mestrado em História).

LAZARE, Bernard. *El antisemitismo: su historia y sus causas*. Buenos Aires: La Bastilla, 1974.

LE GOFF, Jacques. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1986.

LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

\_\_\_\_\_ Bem-vindo aos indesejáveis: a dupla imagem de judeus no Brasil nos anos 30. *Estudos Ibero-americanos*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 5-11, 1993.

LEVINE, Roberto M. *O regime Vargas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LIA, Cristine Fortes. *Bons cidadãos: a comunidade judaica do Rio Grande do Sul durante o estado novo (1937-1945)*. Porto Alegre: PUCRS, 2003, (tese de doutorado em História).

MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky. O pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MAFFEI, Eduardo. *A batalha na praça da Sé*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MILKE, Daniel Roberto. *O integralismo na capital gaúcha: espaço político, receptividade e repressão (1934-1938)*. Porto Alegre: PUCRS, 2003 (dissertação de mestrado em História).

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Perante o tribunal da História: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-197)*. Porto Alegre: PUCRS, 2004 (dissertação de mestrado em História).

\_\_\_\_\_ *Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)*. Porto Alegre: PUCRS: 2009 (tese de doutorado em História).

PARENTE, Josênio C. *Anauê. Os camisas verdes no poder*. Fortaleza: EUFC, 1986.

PASCHOALETO, Murilo Antonio. *O Integralismo e o Mundo: uma análise das percepções internacionais do integralismo a partir do jornal A Offensiva (1934-1938)*. Maringá, UEM: 2012 (dissertação de mestrado em História).

PAYNE, Stanley G. *Historia del fascismo*. Barcelona: Editorail Planeta, 1995.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990

PINSKY, Jaime. O Brasil nas relações internacionais: 1930-1945. In: MOTA, Carlos Guilherme. *Brasil em perspectiva*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 1978.

PONCINS, Léon de. *As forças secretas da Revolução: Maçonaria, Judaísmo*. 2ª ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

REICH, Wilhelm. *Psicologia de massa no fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

ROSENFELD, Anatol. *Mistificações Literárias: “Os Protocolos dos Sábios de Sião”*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Paradigma e História – a ordem burguesa na imaginação social brasileira*. Rio de Janeiro: FGV, 1975.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

\_\_\_\_\_. *A Intentona Comunista de 1935*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

SIMÕES, Renata Duarte. *A Educação do Corpo no Jornal A Offensiva (1932 – 1938)*. São Paulo, USP: 2009 (tese de doutorado em Educação).

SILVA, Hélio. *O ciclo de Vargas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964-1978. v.10

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

SORJ, Bernardo. “Sociabilidade Brasileira e Identidade Judaica”. In: SORJ, Bila (Org.). *Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

SOUZA, Francisco Martins de. O integralismo. In: *Curso de introdução ao pensamento político brasileiro*. Unidade IX e X. Brasília: Editora da UNB, 1982.

TRINDADE, Héliogio. *Integralismo. O fascismo brasileiro da década de 30*. Porto Alegre: DIFEL/UFRGS, 1974.

\_\_\_\_\_. “Texto e Contexto: nota crítica a alguns aspectos do estudo ‘Paradigma e História’ de Wanderley Guilherme dos Santos”. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: 1976, p. 126-134, vol. 4.

\_\_\_\_\_. Integralismo: teoria e práxis política nos anos 30. In: FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira – O Brasil Republicano, Sociedade e Política (1930-1964)*. São Paulo: DIFEL, 1981 (vol. 3).

\_\_\_\_\_. *Revolução de 30: Partidos e Imprensa Partidária no RS (1928-1937)*. Porto Alegre: L&PM, 1980.

VASCONCELOS, Gilberto. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

## **b) Bibliografia Integralista**

### **Livros de Plínio Salgado**

*A Doutrina do Sigma*. São Paulo: Editora Verde-Amarelo, 1935.

*A Quarta Humanidade*. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

*Despertemos a Nação*. Rio de Janeiro: José Olympio: 1935.

*O que é integralismo*. Rio de Janeiro: Schmidt Edition, 1933.

### **Livros de Gustavo Barroso**

*A palavra e o pensamento Integralista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

*A ronda dos séculos*. 3ª edição. São Paulo: José Olympio, 1933.

*A sinagoga paulista*. 2ª edição. Rio de Janeiro: ABC, 1937.

*Brasil Colônia de Banqueiros - História dos empréstimos de 1824 a 1934*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

*Brasil Colônia de Banqueiros - História dos empréstimos de 1824 a 1934*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

*Comunismo, cristianismo e corporativismo*. Rio de Janeiro: ABC, 1938.

*Espírito do Século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

*História Secreta do Brasil*. II Volume: Da abdicação de Dom Pedro I à maioria de Dom Pedro II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

*História Secreta do Brasil*. III Volume: Da maioria de Dom Pedro à República. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

*Integralismo e catolicismo*. Rio de Janeiro: ABC, 1938.

*O Integralismo e o Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

*O Integralismo de Norte a Sul*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

*O Integralismo em marcha*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.

*O quarto império*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

*O que o integralista deve saber*. 3ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

*O que o Integralista deve saber*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

*Os protocolos dos sábios de Sião*. São Paulo: Minerva, 1936.

*Reflexões de um bode*. Rio de Janeiro: Graf. Educadora, s/d.

### **Livros de Miguel Reale**

*O capitalismo internacional*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

*Palavras aos integralistas*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1935.

*Perspectivas integralistas*. São Paulo: Odeon, 1935. Série "Política".

*Razões do Integralismo*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1935.

### **Livros de outros autores integralistas**

CABRAL, J. *A questão judaica*. Porto Alegre: Globo: 1937.

GOUVÊA, Oswaldo. *Brasil Integral*. Rio de Janeiro: Schimidt, 1936.

\_\_\_\_\_. *Os judeus do cinema*. Rio de Janeiro: Gráfica São Jorge, 1935.

MACIEL, Anor Butler. *Subsídios para o estudo da estrutura política do Estado Novo*. Porto Alegre: Globo, 1937.

\_\_\_\_\_. *Nacionalismo - o problema judaico e o nacional-socialismo*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

\_\_\_\_\_. *O Estado Corporativo*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936.

### **c) Jornais**

#### **Rio de Janeiro**

*A Offensiva*

*Século XX*

#### **Rio Grande do Sul**

*O Integralista*

### **ACERVOS PESQUISADOS**

- DELFOS - Espaço de Documentação e Memória Cultural (Porto Alegre/RS)
- Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (Porto Alegre/RS)